

Itinerário literário do BALE-FRUP:

semeando histórias, formando leitores

Ananias Agostinho da Silva
Francisco Vieira da Silva
Maria Gorete Paulo Torres
Maria Lúcia Pessoa Sampaio
(Organizadores)



**Itinerário literário do BALE-FRUP:
semeando histórias, formando leitores**

**Ananias Agostinho da Silva
Francisco Vieira da Silva
Maria Gorete Paulo Torres
Maria Lúcia Pessoa Sampaio**
(Organizadores)

**Itinerário literário do BALE-FRUP:
semeando histórias, formando leitores**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Ananias Agostinho da Silva; Francisco Vieira da Silva; Maria Gorete Paulo Torres; Maria Lúcia Pessoa Sampaio; [Orgs.]

Itinerário literário do BALE-FRUP: semeando histórias, formando leitores. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 163p.

**ISBN: 978-65-5869-188-4 [Impresso]
978-65-5869-215-7 [Digital]**

1. Biblioteca ambulante. 2. Leitura. 3. Letramento literário. 4. Literatura. I. Título.

CDD – 028.9

Capa: Andersen Bianchi

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuivava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
A EQUIPE BALE-FRUP E AS VIAGENS AO MUNDO DA LEITURA: DESAFIOS, ENCANTAMENTOS E HISTÓRIAS Maria Gorete Paulo Torres Maria Lúcia Pessoa Sampaio Ananias Agostinho da Silva	11
O LETRAMENTO LITERÁRIO NAS AÇÕES DO BALE-FRUP Fabiana Gomes Filgueira Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo Fernanda Gomes Filgueira	25
PROGRAMA BALE-FRUP E A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO Vanessa Gomes da Silva Emanuela Carla Medeiros de Queiros	45
OS IMPACTOS DA LEITURA LITERÁRIA NO BALE-FRUP: INCENTIVANDO O GOSTO PELA LEITURA E FORMANDO LEITORES Livia Alves Monteiro Carlos Luan Alves Monteiro Carlos	63
ERA UMA VEZ... O BALEFRUP NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM E FAZEM OS INTEGRANTES NAS OFICINAS? Iure Coutre Gurgel Mikaelly Adrienne da Silva Targino Andreza Carla de Menezes Monteiro	81

BONS LEITORES, BONS PROFESSORES: O QUE O BALE-FRUP NOS ENSINOU	99
Francinete Alves Ferreira Soraya Nunes dos Santos Pereira	
O BALE-FRUP E AS ESTRATÉGIAS DE MULTILETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA	121
Abraão Henrique Nunes de Paiva Antônia Moraes Leite Costa	
QUARENTENANDO COM A LITERATURA: UM MAPEAMENTO DAS AÇÕES DO BALE-FRUP DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	137
Janiele Suyane de Lima Priscilla Daianny da Silva Francisco Vieira da Silva	
O INALIENÁVEL DIREITO À LITERATURA E O PROTAGONISMO DO PROJETO BIBLIOTECA AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS – BALE NA CIDADE DE FRUTUOSO GOMES – RN	145
Sérgio Wellington Freire Chaves Roniê Rodrigues da Silva Maria Eveuma de Oliveira	
SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES	159

APRESENTAÇÃO

Na obra *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Umberto Eco nos fala de uma metáfora que remonta a Jorge Luis Borges. Parafraseando o escritor argentino, Eco descreve o bosque como “[...] um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existe no bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha” (ECO, 1994, p. 12). O autor frisa ainda que no bosque, assim como num texto de ficção, cabe ao leitor optar pelos caminhos que pode seguir, a partir das direções e rumos deixados em suspenso no decorrer da obra. A possibilidade de mergulhar o mundo sinuoso e encantador da literatura pressupõe um leitor ativo e sensível, o qual precisa dialogar com as multiplicidades reveladas pelo trabalho artístico da/na palavra. A fruição estética comungada com as diferentes sensações geradas a partir do contato com a literatura leva-nos a defender a formação premente de leitores, em todas as faixas etárias, classes sociais e níveis de escolaridade.

Para isso, urge empreender projetos e programas de formação de leitores que, em confluência com a instituição escolar, possam garantir a literatura como um direito inalienável, tal como defendia o mestre Antonio Candido. Em momentos políticos e sociais tão hostis como vivenciamos hoje no território brasileiro e em todo o planeta, mais do que nunca, precisamos de arte e de literatura. Não se trata tão somente de se evadir do momento caótico enfrentado por meio do refúgio no território ficcional, mas, principalmente, de poder enxergar, nas vestes da verossimilhança, o outro que nos constitui, de refletir sobre nós mesmos, de exercer um trabalho sobre nós, com vistas a nos transformarmos e, com isso, colaborarmos para uma ação coletiva concreta e libertadora.

No esteio de programas de formação para a leitura literária, situamos, aqui, o pioneirismo do BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas), na região do Alto Oeste Potiguar. Criado em 2017, pelas docentes Lúcia Pessoa e Renata Mascarenhas, da Universidade do Estado do Rio Grande do

Norte (UERN), na cidade de Pau dos Ferros, o programa cresceu e se multiplicou graças aos esforços de muitos incentivadores, os quais semearam a “boniteza” da arte literária em diversos espaços e formais e não formais de aprendizagem. Aos poucos, o programa foi ganhando a estrada e se espraiando por diversas cidades do Rio Grande do Norte, por meio de polos de formação e incentivo à leitura, como é o caso do BALE-FRUP (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas em Frutuoso Gomes, Umarizal e Patu).

Esse núcleo do projeto que nascera em Pau dos Ferros chega ao solo frutuoso-gomense pelas mãos da professora Gorete Torres, orientanda de uma das idealizadoras do BALE, Lúcia Pessoa. A partir de então, esse município potiguar passa a ser atendido pelo projeto antes referido e, por meio da participação de bolsistas e voluntários, docentes e discentes do ensino médio e superior, as atividades são desenvolvidas com considerável sucesso.

Esta obra nasce do desejo de identificar, registrar e descrever os itinerários do BALE-FRUP, sob diferentes vozes e perspectivas. Os textos aqui reunidos discorrem sobre as experiências, as ações e as vivências advindas do BALE-FRUP, a partir da ótica dos mediadores de leitura, dos participantes do projeto, de pesquisadores e formadores de professores, os quais ainda que não estejam institucionalmente vinculados ao BALE-FRUP, são entusiastas e apoiadores de movimentos pró-leitura.

Assim, o primeiro capítulo do livro, escrito por Maria Gorete Paulo Torres, Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Ananias Agostinho da Silva, tem como propósito fazer um resgate da história do BALE-FRUP, de modo a detalhar os processos que caracterizam o nascimento, as transformações e o desenvolvimento do programa até os dias de hoje. Ademais, o texto põe em relevo os “bastidores” do programa, mostrando as estratégias de formação dos mediadores de leitura, as atividades de planejamento e a organização interna do BALE-FRUP.

No capítulo seguinte, Fabiana Gomes Filgueira, Antônia Sueli da Silva Gomes Timóteo e Fernanda Gomes Filgueira analisam como as ações promovidas pelo BALE-FRUP contribuem para a formação dos mediadores de leitura, através

do letramento literário. Para tanto, o artigo examina um questionário respondido por três participantes do programa – dois alunos concluintes do ensino médio e um egresso do curso de Pedagogia.

No próximo escrito, Vanessa Gomes da Silva e Emanuela Carla Medeiros de Queiros apresentam as contribuições do BALE-FRUP na formação leitora de estudantes do Ensino Médio da cidade de Frutuoso Gomes/RN. O foco do capítulo repousa na compreensão da leitura como uma prática social, capaz de desenvolver a criatividade, autonomia e criticidade dos leitores a partir do contato com o texto, especialmente o literário. Dando prosseguimento à obra, Lívia Alves Monteiro Carlos e Luan Alves Monteiro Carlos intentam investigar de que forma as atividades do BALE-FRUP desenvolvem o gosto pela leitura literária, a partir da análise de depoimentos de quatro mediadores de leitura do programa em foco. No capítulo seguinte, Francinete Alves Ferreira e Soraya Nunes dos Santos Pereira partem do êxito do BALE-FRUP para discutir as concepções de leitura, leitor e formação leitora de uma professora que leciona numa turma multisseriada.

Posteriormente, Iure Coutre Gurgel, Mikaelly Adrienne da Silva Targino e Andreza Carla de Menezes Monteiro debruçam-se sobre as contribuições do BALE-FRUP, especificamente às atividades de contação de histórias para alunos da educação infantil. Os autores partem do pressuposto de que as crianças são sujeitos ativos, concretos e que se desenvolvem por meio das interações, diálogos e brincadeiras. Ulteriormente, Abraão Henrique Nunes de Paiva e Antonia Moraes Leite da Costa averiguam as estratégias de multiletramento empregadas pelo BALE-FRUP na realização do atendimento ao público, no decurso da pandemia da Covid-19.

Já no capítulo seguinte, Janiele Suyane de Lima, Priscilla Daianny da Silva e Francisco Vieira da Silva buscam descrever a atuação do BALE-FRUP no quadro da Covid-19. O texto especifica as atividades desenvolvidas pelo programa, a partir da utilização das tecnologias digitais, tendo em vista as medidas de distanciamento social e o fechamento das escolas no ano de 2020.

O último capítulo do livro, escrito por Sérgio Wellington Freire Chaves, Roniê Rodrigues da Silva e Maria Eveuma de Oliveira, toma como ponto de ancoragem a discussão promovida por Antonio Candido acerca da literatura como um direito do homem. Ao radiografar o modo como esse direito tem sido alijado ao longo da história brasileira, os autores enfatizam as prolíficas implicações do BALE-FRUP na efetivação do acesso à literatura no contexto local de Frutuoso Gomes/RN.

Após essa breve descrição dos capítulos que compõem este livro, registramos o convite para a leitura deste escritos, motivados pelo desejo de que mais políticas e programas de fomento à leitura literária como o BALE-FRUP sejam executados. Que nunca nos falem “engenho e arte”!

Referências

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

A EQUIPE BALE-FRUP E AS VIAGENS AO MUNDO DA LEITURA: DESAFIOS, ENCANTAMENTOS E HISTÓRIAS

Maria Gorete Paulo Torres
Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Ananias Agostinho da Silva

O começo de uma história

Contar, recontar, reproduzir e ouvir histórias faz parte de todo ser humano. E quando se trata de professores pesquisadores, principalmente aos amantes da linguagem e suas possibilidades, parece-nos que isso tem se transformado em prazer, formação, transformação. E, no nosso caso, então, quando a história envolve atos de leitura e mediação leitora, esse ato tem ficado mais instigante e saboroso. Dessa forma, dispomo-nos a contar a história da Equipe BALE-FRUP, que é uma das seis equipes do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE).

Assim, este capítulo, o introdutório deste livro, tem como objetivo principal oferecer, a você leitor, um passeio pelas aventuras desta equipe e, assim, conhecer um pouco sobre as histórias de leitura, mediação e (auto)formação leitora vivenciadas pelos membros protagonistas da referida equipe.

Como não poderíamos falar do BALE-FRUP sem antes informá-los sobre o Programa BALE, especificamente, a primeira parte deste capítulo traz, de forma sucinta, a historicidade do BALE. Somente em seguida, debruçamo-nos sobre a equipe BALE-FRUP, sua criação, as edições vivenciadas, os bolsistas e voluntários, os desafios, as conquistas, enfim, a história da equipe até os dias atuais.

Vale ressaltar que, para isso, tivemos como fonte de pesquisa os arquivos do programa, mais especificamente do BALE-FRUP. Essas fontes se constituem em registros das atividades, fotos, *Blog*, *Facebook*, *Instagram*, além das memórias e

experiências dos autores, já que os mesmos fazem parte do referido programa, e/ou conhecem e acompanham o contexto e a realidade vivenciada pela equipe.

Assim, podemos afirmar que este capítulo está dividido em partes importantes, porém não estanques, pois se completam: primeiro, historicizamos o Programa BALE; depois apresentamos a equipe BALE-FRUP e seu surgimento; em seguida, expomos as atividades realizadas pela equipe, as metodologias utilizados, os espaços atendidos, os desafios, os avanços e as conquistas; por último, temos reflexões acerca das vivências da equipe até o momento.

Dessa forma, procuramos situar os leitores sobre a equipe BALE-FRUP, fonte de pesquisa para a escrita deste livro, para assim, partimos para as demais pesquisas expostas nesta obra.

Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE): “Foi o tempo que dedicaste a tua rosa que a fez tão importante”

O BALE é uma atividade de extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente do *Campus Avançado Maria Eliza de Albuquerque Maia* – CAMEAM, hoje *Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF)*. O programa foi idealizado pela professora Maria Lúcia Pessoa Sampaio e sua colega Renata Mascarenhas de Oliveira, ambas professoras da UERN. A iniciativa surgiu através do desejo da incentivar a leitura e literatura e oferece o acesso ao livro para as pessoas que têm ficado a margem e não conseguem conviver com esses bens precisos (a leitura e o livro).

Inicialmente, a proposta era para ser desenvolvida no município de Pau dos Ferros-RN, priorizando os bairros carentes São Geraldo e Riacho do Meio. O projeto teve início no ano de 2007 e até hoje são desenvolvidas a na região do médio-oeste potiguar com atividades que objetivam o incentivo a leitura e formação de leitores, democratizando o acesso aos livros.

Segundo uma da idealizadoras (SAMPAIO 2012) o BALE (na época ainda projeto) contou com apoios financeiros externos, na sua grande maioria, aqueles conquistados através de editais “como

o PROGRAMA BNB CULTURA/BNDES - edições 2007, 2008, 2010 e 2011 - como também por meio da Fundação de Apoio a Pesquisa no Rio Grande do Norte - FAPERN, foi sendo viabilizado um significativo acervo bibliográfico. O Programa também é inserido no Plano Nacional do Livro – PNLL e na Rede de Biblioteca Viva” (SAMPAIO, 2012, s.p).

Essas cinco edições foram marcadas por muito trabalho, dedicação e empenho da equipe que preparavam todos os atendimentos com zelo e precisão. Assim, registrando através de assinaturas todas as pessoas “atingidas” pelas atividades realizadas pelo BALE até 2011 foram contabilizados em torno de treze mil atendimentos pelas ações do programa, sejam de roda de leitura, de dramatização, de contação de história, dentre outras.

Em 2012, o BALE passa a ser reconhecida como programa com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UERN (PROEX/UERN), de modo a fortalecer a tríade pesquisa, ensino e extensão no Ensino Superior. Segundo Sampaio (2012, s.p.), “A ideia de torná-lo Programa advém da grande proporção que o Projeto alcançou, ganhando espaço, reconhecimento e aceitação da comunidade acadêmica, bem como do público atendido”.

O reconhecimento e valorização do programa fez com que ganhasse alguns prêmios, dos quais podemos destacar: “VIVA LEITURA” em 2008; Prêmio da Bolsa FUNARTE de Circulação Literária, em 2010; é reconhecido pelo Ministério da Cultura - MinC, como “PONTO DE LEITURA – Edição Machado de Assis”, além de ter suas ações vinculadas ao Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), com à COMUNIDADE BIBLIOTECA VIVA” - MinC. O programa BALE também é reconhecido no exterior e participa de eventos científicos no Brasil, França e no México.

Muitas pesquisas são realizadas sobre o programa as quais resultam em artigos científicos publicados em eventos, livros, *e-books*, revistas, monografias de graduações e especializações, dissertações de mestrados e teses de doutoramentos. Na 6ª edição, o BALE iniciou a formação de mais equipes e atualmente conta com o quantitativo de 6, conforme quadro ilustrado abaixo.

EQUPE	EDIÇÃO	ANO	LOCAL/CIDADE
BALE-FRUP	6ª	2012	FRUTUOSO GOMES/UMARIZAL/PATU (RN)
BALE-MIRIM	8ª	2014	ESCOLA ESTADUAL JOÃO ESCOLASTICO (RN)
BALE-MICAELENSE	8ª	2014	SÃO MIGUEL (RN)
BALE-PORTALEGRENSE	9ª	2015	PORTALEGRE (RN)
BALE-DANTESSE	13ª	2019	FRANCISCO DANTAS (RN)

É importante destacar que todas essas equipes realizam as atividades procurando seguir a dinâmica utilizada pelo programa para as quais usamos a metáfora de “Canteiros”. Para tanto, em cada edição, o programa oferece formação sobre os objetivos do programa e o modo como devem funcionar cada canteiro. Aqui apresentamos de forma sucinta cada um deles e seus objetivos:

i) O Canteiro Informação ou BALE.NET, segundo a idealizadora do programa “é uma ferramenta voltada para Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI)” possibilitando aos envolvidos e “à comunidade em geral tomar conhecimento da relevância desta proposta, contribuindo, então, na difusão e popularização do conhecimento e na melhoria da Educação Básica”. O mesmo “tem como objetivo principal divulgar, antes e após cada ação desenvolvida, através de release e imagens” (SAMPAIO, 2012, s.p.), através das redes sociais como blog, *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* e alguns grupos no *WhatsApp*.

ii) O Canteiro Contação - BALE PONTO DE LEITURA deve manter “o contato direto entre obra e leitor, através da exposição do acervo e de rodas de leitura nos encontros semanais” (SAMPAIO, 2012, s. p.), e nas atuações em espaços escolares e não-escolares, além de preparar e executar contações de histórias e incentivar o reconto, seja de forma oral e/ou escrita, proporcionando de forma prazerosa o manuseio da leitura do livro/texto.

iii) O Canteiro Ficção - CINE BALE MUSICAL, através de seu trabalho, deve “ampliar o acesso à leitura e à escrita e o interesse dos leitores por obras literárias mediante articulação entre Cinema, Música e Escrita como Artes privilegiadas”. Seu

forte é “exibição de filmes baseados em obras literárias, bem como em letras de músicas com comentários realizados por alguém da equipe ou convidado que conheça/estude sobre o filme/obra/música abordado” (SAMPAIO, 2012, s.p.).

iv) O Canteiro Encenação, o BALE EM CENA, é responsável de organizar as dramatizações dos textos/obras literárias que podem ser realizadas com a utilização de fantoches, dedoches, envolvendo ou não técnicas circenses (SAMPAIO, 2012).

v) O Canteiro Formação – BALE FORMAÇÃO – cuida da formação e autoformação dos envolvidos, realizando estudos teóricos e literários com os voluntários e bolsistas do programa, além de oferecessem nos mais diversos espaços oficinas de formação, palestras e conferências (SAMPAIO, 2012).

Atualmente, o BALE está vivenciando a 14ª edição e conta com assinaturas de mais 51 mil pessoas atendidas. Vale ressaltar que muitas pessoas acabam não registrando sua presença pelos mais diversos motivos. Dessa forma, o programa segue contando, recontando histórias e envolvendo mais pessoas no mundo da leitura e da literatura.

BALE-FRUP: “Nos jardins da memória, no palácio dos sonhos. Esse é o lugar onde vamos nos ver”

O BALE-FRUP é uma das equipes que compõe o programa BALE e inspiradora deste livro. As atividades dessa equipe iniciaram através da professora Maria Gorete Paulo Torres, na 6ª edição no ano de 2012. Na época, a referida professora estava concluindo o Mestrado em Letras sob a orientação da professora doutora Maria Lúcia Pessoa Sampaio. Ao convidar sua orientanda para formar uma equipe, Lúcia Sampaio expõe a preocupação da Coordenadora do Núcleo Avançado de Ensino Superior de Umarizal (NAESU), vinculado ao CAMEM/UERN, professora Fátima Carvalho. Segundo esta, incomodava-lhe o fato de os alunos do NAESU serem privados de participarem de projeto de extensão e pesquisa. A professora ainda alegou que os alunos do Curso de Letras podiam, através

do BALE, ser instigados à leitura por prazer e contribuir com a formação leitora de jovens e crianças.

Coordenadora Geral do Programa BALE e Coordenadora do BALE-FRUP



Fonte: Arquivo BALE-FRUP

A equipe foi formada por um bolsista e dezoito voluntários do meio acadêmico e da comunidade e imbuída pelo desejo de “espalhar o mel” e contribuir para formação de leitores inicia suas atividades no dia 11 de Outubro de 2012, num evento em comemoração ao Dia da Criança, na Escola Municipal Tancredo Neves, local onde funcionava o NAESU. Essa escola é localizada em um bairro que atende, principalmente, crianças e adolescentes de Umarizal-RN. Na oportunidade, encontravam-se no pátio da escola em torno de 200 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens, pais e educadores, os quais presenciaram a realização de atividades lúdicas, contações de histórias, dramatizações e recitações poéticas.

Parte da equipe da 6ª edição do BALE, sendo a 1ª edição vivenciada pelo BALE-FRUP, na sua primeira atuação



Fonte: Arquivo BALE-FRUP

A equipe passou a receber convites de outras instituições escolares e não escolares da cidade de Umarizal e continua com o trabalho de instigar a leitura por prazer, levando a literatura aos mais diversos públicos nos mais variados cantos. Na primeira edição, a equipe realizou quase 400 atendimentos.

Na 7ª edição do programa, já finalizando o ano de 2013, o BALE foi contemplado pelo edital “Ponto BALE – CTI (Ciência, Tecnologia e Inovação): entre canteiros da leitura e produção”, através do Programa de Integração da Ciência, Tecnologia e Inovação com a Educação Básica - Pontos de CTI-EB, em parceria com o CNPq e a CAPES, dedicado para alunos de ensino médio. A coordenadora da equipe, na época, era supervisora de uma escola estadual na cidade de Frutuoso Gomes-RN e foi como uma das contempladas pela iniciativa.

A equipe foi composta por cinco bolsistas do ensino superior, do curso de Letras do NAESU, oito bolsistas do ensino médio da Escola Estadual Ivonete Carlos e dez voluntários, tanto do ensino médio como do ensino superior e também da comunidade frutuosense e comunidades vizinhas. Agora a

equipe precisava fazer com que os alunos do ensino médio desenvolvessem a escrita e a oralidade através da literatura, cinema, teatro, leitura e produção textual, contemplado a metodologia dos “canteiros” mencionada anteriormente. Nessa equipe o trabalho difere, já que no BALE-PAUFERRENSE podia contar com uma coordenadora para cada “canteiro” e a equipe BALE-FRUP apenas uma coordenava o trabalho dos cinco “canteiros”, como ocorre até hoje.

A 7ª edição foi recheada de muitas atividades, encontros de formação, leituras de obras literárias e teóricas, discussões, filmes, construções e reconstruções de textos orais e escritos, divulgações, contações e recontações de histórias, dramatizações, recitações poéticas, oficinas (dentre elas foram trabalhadas as obras literárias solicitadas pela UERN para o vestibular da época), capacitações, dentre outras atividades.

Essa edição foi considerada pela equipe como bastante satisfatória e teve como resultado a produção de relatórios individuais e coletivos, publicações de artigos em eventos, anais, e-books, revistas, livros e periódicos, bem como Trabalhos de Conclusão de Cursos - TCCs de graduações e pós-graduações, além de todos os bolsistas e voluntários da equipe que estavam cursando o terceiro ano do ensino médio terem conseguido uma vaga em instituições de ensino superior.

Na 8ª edição do BALE-FRUP, foram abertas inscrições para os alunos do *Campus* Avançado de Patu (CAP/UERN) participarem como voluntários da equipe, haja vista o fato de maioria dos graduandos de Frutuoso Gomes-RN estudar no CAP. A participação na seleção foi satisfatória e a equipe contabilizou 08 voluntários do ensino superior (dentre eles alunos do NAESU e do CAMEAM), 10 voluntários do ensino médio (todos da Escola Estadual Ivonete Carlos), 03 voluntários da comunidade (eram estudantes de instituições fora das cidades sedes da equipe), e 02 bolsistas do ensino médio. A partir de então, essa equipe passa a ser chamada de BALE-FRUP, por contemplar em suas ações as cidades de Frutuoso Gomes, Umarizal e Patu. Assim, foi dada continuidade as atividades sugeridas pelos “canteiros”, atendendo todas as escolas do município e a convites de outras instituições.

Já na 9ª edição, vivenciada no ano de 2015, não conseguimos bolsas para nenhuma modalidade de ensino, entretanto, continuamos as atividades com uma equipe totalmente de voluntários, sendo 04 do ensino superior, 04 do ensino médio, 02 mirins e 01 voluntário da comunidade. No BALE-FRUP, essa edição foi marcada pelas participações das equipes em eventos escolares (Evento de início de aulas, eventos de datas comemorativas, saraus, dentre outros), além de realizar visitas periódicas a todas as escolas do município com contação e recontação de histórias, dramatizações, poemas e músicas.

Historicamente falando, na 10ª edição, ano de 2016 a equipe não podia mais contar com a participação dos voluntários do ensino superior do NAESU, pois o núcleo fora extinto. Os encontros da equipe ocorriam na cidade de Frutuoso Gomes, o que dificultava a vinda de alguns voluntários, pois, sem bolsas, não dispunham de recursos próprios para arcar com as despesas.

Vale salientar que a maioria dos universitários residente em Frutuoso Gomes cursa o ensino superior em Patu, o que facilita a participação deles no programa que tem sede na cidade onde residem, o que difere dos alunos que cursavam no NAESU. Assim, os voluntários desta edição eram 02 do ensino superior (CAP), 03 da educação básica, 02 mirins e 02 da comunidade, totalizando 09 voluntários.

No ano de 2017, a coordenadora da equipe foi convidada a assumir a Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Esporte e Lazer de Frutuoso Gomes e, ao aceitar, viu uma possibilidade de contribuir com o andamento das atividades do BALE-FRUP. Assim, disponibilizou uma sala da referida instituição para dar apoio à equipe. Na 11ª edição, o BALE-FRUP continuou com a mesma equipe de voluntários da 10ª edição e com o trabalho de incentivo à leitura, literatura e acesso ao livro.

O voluntariado continua sendo a marca do trabalho da equipe e, na 12ª edição, uma técnica da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Esporte e Lazer de Frutuoso Gomes-RN foi convidada pela coordenadora do BALE-FRUP para atuar junto ao programa. Além disso, realizou-se a parceria com o Programa Esporte e Lazer das cidades (PELC), do Ministério de Esporte desenvolvido no município. O trabalho foi muito proveitoso com

ações desenvolvida por uma equipe de 16 membros: uma (01) coordenadora; cinco (05) voluntários do ensino superior; cinco (05) voluntários do PELC; um (01) voluntário mirim; um (01) voluntário da comunidade; dois (02) bolsistas do ensino médio e uma (01) voluntária da secretaria. Vale ressaltar que, apesar de a equipe ter sido formada por 16 pessoas, houve a desistência de 02 voluntários do ensino superior.

Na 13ª Edição a equipe continua a mesma, porém ocorre o encerramento das bolsas do ensino médio, mas os participantes continuam no programa como voluntários. Chega o início da pandemia e as escolas são fechadas. Mesmo assim, o BALE-FRUP encontra uma forma de continuar instigando a leitura e a literatura. As reuniões semanais passam a ser virtuais e, além dos estudos teóricos e literários realizados pela equipe toda semana são gravados dois vídeos, uma de contação de história e o outro de indicação de leitura e/ou filme. Esses vídeos são disponibilizados nas redes sociais do programa e enviados para os grupos de *WhatsApp* das escolas para serem enviados aos alunos.

Equipe BALE-FRUP, 13ª edição



Fonte: Arquivo BALE-FRUP

Vale ressaltar que durante as edições vivenciadas o BALE-FRUP tentou contemplar os objetivos dos “canteiros” citados anteriormente e, para tanto uso, a seguinte metodologia:

i) Estudos teóricos e literários: toda semana é indicado um texto sobre a leitura, formação leitora, prática de mediação de leitura, formação e/ou autoformação, ou mesmos um texto literário para os baleanos (nomes que damos aos integrantes do programa) realizarem previamente, antes dos encontros semanais. Dois membros se dispõem a coordenar as discussões sobre os principais aspectos do texto. Essa discussão tem a participação de todos que desejam expor os sentidos que construíram para a leitura realizada. Em seguida, os baleanos escolhem um filme/documentário/vídeo, geralmente relacionado à leitura realizada e assistem juntos. Nesse momento, considerado por todos os envolvidos de prazeroso o aprendizado, também se compara as versões do texto com o vídeo.

ii) Planejamento e ensaios: na tentativa de preparar o que chamamos de temporada, é escolhida uma história infantil para ser dramatizada, uma história infantil para ser contada, as músicas que serão utilizadas e um ou dois poemas a serem recitados e mesmo musicais a serem apresentados. Em seguida, preparam-se figurino e o cenário, dividem-se as atribuições e os personagens e iniciam-se os ensaios.

iii) Atuações: ao chegarem às escolas, cujas visitas são previamente agendadas, a equipe arruma o cenário sem esquecer do cantinho dos livros. A atuação começa com um momento de motivação e música que induzam os participantes a ficarem em silêncio e atenciosos ao que irá acontecer. Em seguida, ocorre a contação de história, e é sugerido que um dos ouvintes recontar o que ouviu. É na hora da dramatização da história que os personagens ganham vidas e encantam o público. Seguidamente, acontece a recitação poética, de acordo com o preparado. Enquanto tudo acontece, alguém da equipe colhe as assinaturas dos presentes, haja vista serem importantes para termos a noção de quantos sujeitos estão sendo atingidos pelas ações realizadas pelo BALE-FRUP.

É importante destacar que, além da temporada que o BALE-FRUP passa incentivando a leitura e a literatura em todas as escolas públicas e particulares do Município de Frutuoso Gomes-RN, a equipe atende aos mais diversos convites de espaços escolares e não escolares do município e da região.

Durante essas edições vivenciadas pela equipe, consideramos que muitas dificuldades foram vencidas e procuramos realizar um trabalho coeso e que pode instigar o gosto pelo ato de ler por prazer. Na verdade, algumas pesquisas mostram (através de artigos científicos, monografias de graduação e pós-graduação e teses de doutoramento) que essa equipe tem contribuído para mudar o comportamento de alguns sujeitos envolvidos, não só em relação à leitura, mas a aspectos outros que chegam a influenciar na vida e na relação com outros sujeitos. Os dados arquivados no programa mostram que quase 6 mil pessoas foram atendidas pela equipe. Isso se constitui em algo significativo, haja vista estarmos falando de cidades pequenas do interior do Estado do Rio Grande do Norte.

E o BALE-FRUP segue escrevendo e contando histórias: Afinal, “Qual é a graça de ser normal?”



Ao escrevermos, de maneira tão sucinta e direta a “história” do BALE-FRUP, os sentidos chegam a se confundirem, e esse misto se de emoções ou de loucuras e anormalidades leva-nos a refletir acerca do trabalho já realizado por essa equipe composta, nas edições vivenciadas, pelos sujeitos mais diversos. Foram, até o momento, oito edições finalizadas e uma em andamento. Temos registrados na memória cerebral, em mídias e em escritos muitos desafios, muitas conquistas, muitos sorrisos, muitos olhares, muitos abraços, muitas realizações.

Fazendo essa espécie de retrospectiva, percebemos que o trabalho realizado pela equipe BALE-FRUP não tem só contribuído com a (auto)formação leitora dos sujeitos envolvidos com o programa, nem somente instigado à leitura por prazer, mas também modificado a visão desses sujeitos sobre a leitura e contribuído para transformação intelectual e social dos envolvidos.

A equipe continua o trabalho voluntário, com apoio de poucos, mas dando visibilidade ao amor pela leitura, pela literatura e a certeza de que o que faz pode contribuir para uma sociedade melhor, mais justa, capaz de ver o mundo com os olhos da imaginação, dos sonhos, do poeta, da poesia, literatura, da loucura... mas, acima de tudo, com a inquietude de quem deseja transformar o sujeito que forma e que se forma, e que ainda, na ânsia de acreditar em uma educação melhor para o futuro, não mede esforços para fazer parte desta história que continua e será contada ainda por muitos.

Referências

SAMPAIO, M. L. P; MASCARENHAS, R. de O. **Projeto BALE: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas** - ação conjunta entre o BNB, o GEPPE e a comunidade paufferrense. Pau dos Ferros: UERN, 2006.

SAMPAIO, M. L. **Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE**. Pau dos Ferros, 2012.

O LETRAMENTO LITERÁRIO NAS AÇÕES DO BALE-FRUP

Fabiana Gomes Filgueira
Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo
Fernanda Gomes Filgueira

Um convite à reflexão

Ler é e sempre será uma questão em discussão no meio educativo, pois a má qualidade do ensino e/ou dos materiais de leitura é apontada como a principal causa dos baixos índices de leitura e de leitores, ou seja, pessoas que desenvolvem, de forma eficaz, a habilidade e o gosto pela leitura e que fazem uso ou buscam ferramentas que contribuam para a formação de leitores. Desenvolver uma boa oralidade, ter clareza na escrita, acervo cultural considerável, capacidade de compreender os diversos acontecimentos que vivenciamos diariamente são alguns dos benefícios proporcionados pela leitura.

Partindo desse entendimento e tendo consciência da importância de fomentar o gosto pela leitura, desde crianças em idade escolar, jovens sedentos de conhecimentos de técnicas de leitura para alcançar seus objetivos na compreensão de textos, até adultos que querem desenvolver/aprimorar o gosto pela leitura, discutimos, de forma bem acentuada, a proposta do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), cujo objetivo principal é contribuir para que as pessoas de modo geral tenham acesso à leitura. Especificamente, trabalhamos o BALE-FRUP, em sua 13ª edição, desenvolvida na cidade de Frutuoso Gomes-RN.

As ações do Programa em tela são voltadas para o incentivo à leitura literária e à formação leitora. Seu público é variado, podendo incluir crianças, jovens e idosos, e as atividades podem acontecer em diversos contextos, tanto escolar como não escolar. Através de atividades lúdicas, como encenação, contação de história e recitação, a equipe realiza a mediação da leitura por

onde passa, contribuindo, assim, para a formação de leitores e para a constituição do letramento literário dos participantes.

A discussão que ora se inicia decorre de um recorte feito nos resultados de uma pesquisa desenvolvida a partir de nossa experiência como mediadoras de leitura, no Programa BALE-FRUP, na qual procuramos discutir os benefícios da formação leitora para todos os que dela fazem uso, não apenas o público-alvo, mas também os próprios mediadores. O fio condutor do estudo é o entendimento de que ler é uma ação transformadora, libertadora e formadora, por isso, há uma reciprocidade, pois ao formar leitores, nós também nos formamos leitores. Desse entendimento, surgiu o questionamento: como as ações do BALE-FRUP contribuem para a formação dos mediadores de leitura, a partir do trabalho que desenvolvem? Assim, definimos o objetivo central da discussão que é identificar o letramento literário possibilitado pelas ações do BALE-FRUP.

O percurso investigativo originário é identificado como uma pesquisa qualitativa, fundamentada em Minayo (2001), Moraes (1999) e Gil (2008). No trabalho de campo, foram utilizados instrumentos próprios dessa abordagem, como aplicação de questionário, consulta a documentos e conversa informal. Essa última ação é facilitada pelo fato de sermos integrantes da equipe do BALE-FRUP, portanto, diretamente inseridas no contexto investigado. Os três participantes, respondentes da pesquisa, são dois bolsistas estudantes da terceira série do Ensino Médio e um voluntário, que é pedagogo pós-graduado.

A discussão teórica do trabalho partiu da ponderação de que necessitamos problematizar a respeito do perfil de leitores que nós somos e os que queremos formar. Como formaremos leitores sem antes nos constituirmos como tal? Assim, definimos o corpo teórico da investigação a partir de autores como Torres e Sampaio (2015), Torres (2014), Cosson (2009), dentre outros, que nos encaminharam para a realização de análise sobre o letramento literário do baleano, como mediador de leitura.

Face ao exposto, propomos refletir sobre as ações do BALE-FRUP, procurando mostrar que o Programa tem significativo valor pedagógico, social e intelectual, pois possibilita

a formação leitora e crítica dos mediadores de leituras, através das relações dialógicas e das estratégias lúdicas, que fortalecem os processos de aprendizagem, o conhecimento literário e o gosto pela leitura, portanto, o letramento literário.

Abordagem teórica: um percurso necessário na pesquisa

Para melhor entendermos essa discussão, precisamos primeiramente, compreender “o termo letramento” que, para Soares (2001) e Tfouni (2010), trata-se ainda de uma nomenclatura nova, visto ter sido recentemente dicionarizado, já que esse estudo, no Brasil, data dos anos 1980 e diz respeito ao uso social da escrita e da leitura. Assim, o significado atribuído pela autora ao termo letramento extrapola os limites da escola e do processo de alfabetização, referindo-se a processos sociais mais amplos.

De forma mais específica, os estudos do letramento como prática social desencadearam uma nova definição, que trata do letramento literário, o qual é concebido como uma apropriação da literatura para além da prática leitora propriamente dita. Assim, estamos tratando do uso da literatura não apenas para tornar-se leitor, mas também para se utilizar do texto literário, de maneira implícita ou explícita, de tal modo que contribua para tornar o sujeito intelectual, crítico e, sobretudo, humano. Esse processo é contínuo e levado para a vida toda. Nunca estamos totalmente formados, por isso que precisamos da literatura em toda a nossa vida. Para explicar melhor a definição sobre o letramento literário acentuamos que

[...] as práticas sociais que articulam a leitura e a produção de textos em contextos diversificados são denominadas letramento. [...] ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular. [...] Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo

específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar (COSSON, 2009, p. 102).

De acordo com essa afirmativa, é pertinente falar que o letramento não acontece de forma solitária, mas provém de uma ação articuladora entre sujeitos que são não apenas ativos, nesse processo, mas também passivos a ele, para alcançar algo desejado. De tal modo, reconhecer que as escolas, como instituição formadora, mediadora e transformadora, precisam entender a importância do letramento como prática plural, estabelecida através de ações metodológicas na sociedade letrada. Entendemos que as práticas de letramento dos estudantes devem ocorrer de maneira legítima, envolvendo todo o processo de apropriação de saberes, significados e conhecimento.

Assim, a discussão envolvendo o letramento literário nas escolas, na atualidade, está bem acentuada, pois cada vez mais se tem exigido dos indivíduos o domínio tanto da leitura quanto da linguagem escrita, haja vista a sua necessidade fundamental para viver em sociedade. Desse modo, almeja-se ter uma sociedade em que os sujeitos sejam letrados, pois, “para nós, o ideal seria que as escolas conseguissem alfabetizar as crianças de maneira a torná-las letrada” (TFOUNI 2010 p.152). É por isso que tanto se discute sobre a questão de como o letramento literário é importante para o desenvolvimento, construção e formação cultural, em que a identidade do indivíduo seja efetivada.

A escola como um ambiente que atende a toda uma sociedade letrada deve ser capaz de fazer com que os alunos por si só compreendam os processos que fazem parte da construção dos textos literários como recurso estilístico, que possibilita o uso e a compreensão das funções de linguagem e dos recursos formais que garantem a boa escrita. Esse entendimento permite aos leitores não apenas reconhecerem e entenderem, mas também se posicionarem diante da leitura que realizam. Porém, importa destacar que há outros espaços que podem contribuir para a construção do letramento literário do indivíduo, sendo este o aspecto do qual trataremos, nesta discussão.

Sobre esse aspecto, Cosson (2009) aponta que a prática de leitura não deve se restringir apenas ao espaço escolar, apesar de

ser um ambiente propício e responsável pela escolarização dos alunos, mas outros espaços sociais como a igreja, o clube e, principalmente, a família são também espaços de formação do leitor, portanto, de letramento literário.

Kleiman (2008) pondera que o próprio ambiente de letramento é pobre no sentido de que, a equipe de profissionais da escrita, em grande maioria, não são leitores, embora precisem, nesse espaço, ensinar os alunos a ler e, ao mesmo tempo, aprender a gostar de ler, por isso, consideramos que, nesse quadro, a escola tem consideráveis lacunas a serem preenchidas.

Pensando, então, a escola como o local em que o aluno tem maior aproximação com textos literários, espera-se que a intenção que se tem em relação ao letramento literário seja efetivada, pelos professores como mediadores do processo de aprendizagem, em contato direto com os discentes que estão inseridos nas aulas de literatura dentro desse ambiente educativo. Por essa razão, precisamos estimular mais a leitura literária, para que os estudantes possam desenvolver a visão em relação ao modo de enxergar o mundo a sua volta, entendendo que ler para eles precisa ser algo bom, que traga luz, através de coisas que somem em sua vida, fazendo-o ver que a leitura só por obrigação não tem nada a acrescentar, pois

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado ao conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (COSSON, 2009, p.27).

O conhecimento como atitude que liberta é particular a cada sujeito e se constrói através da leitura que faz não só do que está escrito, mas também do mundo e da sociedade, que o torna um ser pensante, crítico e capaz de se colocar nas diversas formas de comunicação, para se engajar no contexto onde vive, passando a ser um articulador de suas próprias escolhas, pois assim compreende melhor as particularidades que envolvem sua cultura, seu entendimento diante das circunstâncias que o cercam.

Assim, para que um estudante se torne leitor, é necessário mais do que incentivos, estímulos e instigações, claro que esses são importantes, mas é preciso que a pessoa tenha o interesse e queira realmente trazer a leitura para sua vida. Há muitos depoimentos de alunos que dizem “não gostar de ler obras literárias porque são chatas”, mas quando estão em suas residências acabam por ler textos contemporâneos, sem entender, no entanto, que estão, sim, lendo texto literário. Considerando isso:

O efeito de aproximação que o texto literário traz é o produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e como outros, embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece. (COSSON, 2009, p.28).

Portanto, abordar o letramento literário é essencial, uma vez que ele age como uma forte ferramenta para que compreendamos a literatura em sua ampla dimensão. A prática de leitura requer um exercício contínuo, pois se não exercitar diariamente não funciona.

É imprescindível ressaltar o papel da escola na constituição de letramentos, visto que “a escola é a mais importante das agências de letramento” (KLEIMAN, 1995, p. 20), embora existam outras como a família, a igreja, a rua, as associações de classe, entre outros espaços em que podem ocorrer os mais variados tipos de aprendizagem e de ressignificação social, por isso mesmo não podemos minimizar essa importância e atentar para

O fato de a escola não fazer da leitura uma atividade na qual o aluno se sinta instigado a ler, cada vez mais funciona como algo negativo, pois esse deve ser uma atividade prazerosa, baseada sempre no desejo e na descoberta, levando o leitor a querer sempre mais, e, ao mesmo tempo, sendo conscientizado da possibilidade de além do prazer proporcionado pela leitura, adquirir conhecimento diversos. (TORRES; SAMPAIO, 2015, p.44- 45).

A ausência de uma sistematização da prática de leitura pode levar o aluno a questionar sobre os tipos de textos e as estratégias utilizadas pelo professor, no trabalho com a leitura o qual não deve ser passado de qualquer jeito. Se o aluno não achar um determinado texto prazeroso, ele vai falar a vida inteira que não gosta de ler, por isso temos que mobilizar o desejo, a curiosidade para que por si próprio ele comece a desenvolver a prática e, conseqüentemente, o gosto pela leitura. O texto, quando compreendido, proporciona prazer, satisfação, assim como desperta as nossas emoções, sentimentos de medo, de alegria, de tristeza, enfim, fazemos uma viagem cujos caminhos são múltiplos e cada um tem algo pra nos mostrar.

Torres e Sampaio (2015) acreditam que o interesse pela leitura é construído por meio das ações do professor no seu contexto de ensino, uma vez que é nesse ambiente que os alunos têm os primeiros contatos com a leitura literária. É por isso que o papel docente é essencial para formação de leitores de literatura.

Retomando a afirmação de Cosson (2009), quando se refere aos outros espaços de práticas sociais de leitura como a igreja, o clube e, principalmente, a família, cabe enfatizar que o professor deve ter consciência disso, de que está contribuindo para a formação de um leitor que pode agir em todos os espaços a que tenha acesso. O professor que se assume formador de leitor prioriza a leitura e apresenta-a ao aluno de diferentes formas: na o apenas trazendo obras literárias para a sala de aula, discutindo-a e apresentando os autores, contextualizando tempo, espaço e todos os elementos que a compõe, mas também possibilitando que esse aluno compreenda que, em qualquer lugar, a leitura é fonte de informação, de aprendizagem e também de prazer.

Portanto, tratar sobre a formação leitora requer que falemos sobre leitura, literatura e letramento literário. Desse modo, é necessário entender que, para formar leitores, os mediadores precisam ter consciência de que cada sujeito é, antes de qualquer coisa, o provedor do seu próprio conhecimento e, por isso, o processo formador só terá êxito se houver interesse dele próprio.

Nesse contexto, a formação do sujeito leitor ao longo dos anos tem sido uma tarefa árdua, cheia de dificuldades, pois constituir

leitores requer paciência, dedicação e respeito pelos envolvidos, considerando as limitações de cada um, a fim de termos maiores probabilidades de lograr êxito na tarefa de motivar o gosto pela leitura, incentivar a sua prática na vida cotidiana.

Nessa perspectiva, cabe-nos indagar: mas, afinal, de quem é a responsabilidade da formação de leitores? Da escola? Da família? Das instituições sociais e religiosas? Em relação a isso, Torres e Sampaio (2015) dizem ser da escola a maior parte, pois é através de seus programas de leitura que se tem a probabilidade maior de consolidar a formação leitora.

Assim, importa dizer que essa preocupação de formar leitores não vem de hoje, sempre fez parte das lutas dos profissionais da educação, sendo que, atualmente, os professores mostram-se mais empenhados na causa, levando-se em conta também que há uma maior facilidade de acesso aos recursos mais variados para se trabalhar com a leitura e a literatura, dentro do espaço educativo, sejam os recursos tecnológicos, sejam livros didáticos e paradidáticos. Outro fator a ser ressaltado é que o interesse por formar leitores tem sido responsável pela mediação da leitura fora do espaço escolar, fazendo surgir iniciativas como o BALE-FRUP, sobre o qual trataremos na próxima seção.

BALE-FRUP: um experiência de formação de leitores

Considerando a leitura como uma ferramenta que contribui para a formação do sujeito que, por meio dela desenvolve o senso crítico, melhora sua capacidade comunicativa, eleva a cultura, aguça o modo de ver e compreender os acontecimentos internos e externos, fatos fictícios ou reais, passamos a apresentar o Programa que deu origem à discussão em tela. O *BALE-NAESU* e o *BALE-FRUP* são edições oriundas do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (*BALE*)¹, criado no ano de 2007, pela Profa. Dra. Maria Lucia Pessoa Sampaio e pela Profa. Dra. Renata de Oliveira

¹ As informações aqui apresentadas foram obtidas através do Projeto da 13ª edição e do Blog do BALE, disponível em <http://www.programabale.com.br/>.

Mascarenhas, como um projeto de extensão, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino-aprendizagem (GEPPE), no Departamento de Educação, *Campus* Avançado de Pau dos Ferros, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), alocado na cidade de Pau dos Ferros-RN, região do Alto Oeste potiguar.

O BALE-FRUP, que se tornou nosso objeto de estudo, desenvolveu-se a partir da 6ª edição do BALE-NAESU, na cidade de Umarizal, coordenado pela Profª Ma. Maria Gorete Paulo Torres, que formou uma equipe de bolsistas e voluntários para desenvolver atividades no município de Frutuoso Gomes – RN. A denominação BALE-FRUP, a partir da sétima edição, decorreu da utilização das iniciais dos nomes dos municípios aos quais pertenciam os integrantes da nova equipe, a qual era formada por alunos da UERN nos municípios de Frutuoso Gomes, Umarizal e Patu.

Tendo como objetivo principal promover o acesso à leitura de crianças, jovens e pessoas da terceira idade, seja interno, seja externo ao âmbito escolar, o Programa BALE encontra-se em sua 13ª edição, leva conhecimento e instiga o gosto pela leitura. Atualmente, as atividades se desenvolvem em várias cidades do Alto Oeste, começando pela sede do *Campus* da UERN, em Pau dos Ferros, onde existem dois grupos de trabalho – o BALE-PAUFERRENSE com (57 baleanos) e o BALE-MIRIN com (32 baleanos). Frutuoso Gomes, (BALE-FRUP (15 baleanos); São Miguel (BALE-MIKAELENSE (22 baleanos), Portalegre BALE-PORTALEGRENSE (10 baleanos) e Francisco Dantas BALEDANTENSE (15 baleanos).

Esse trabalho de mediação da leitura em espaços escolares e não escolares tem dado ao BALE notória visibilidade, a qual é bastante favorecida pelas mídias sociais, que são utilizadas para divulgar as ações do Programa. O reconhecimento nacional e internacional é também uma realidade, graças ao número crescente de pesquisas sobre suas ações, realizadas por egressos, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, as quais dão origem a consideráveis publicações em livros e periódicos indexados de grande repercussão. É válido ressaltar que o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL – 2010

figurou como um reconhecedor da importância desse Programa. Essa visibilidade crescente faz com que o Programa busque inovar e aperfeiçoar constantemente as suas atividades, visando a trazer cada vez mais a leitura para a vida das pessoas, independente de onde estejam.

As ações formativas do BALE-FRUP, que subsidiam o trabalho dos mediadores de leitura, ocorrem semanalmente. Nesses encontros são discutidas e sugeridas as obras literárias que serão trabalhadas nas ações desenvolvidas pela equipe, bem como a agenda de atendimentos, os quais ocorrem nas escolas da cidade, públicas e privadas, como também em outros espaços sociais da comunidade que realizam eventos comemorativos como Dia das Mães, Dia das Crianças, Natal, dentre outros.

A demanda crescente das ações do BALE-FRUP, comprovada pelos registros da equipe, revela o reconhecimento, pela comunidade, da importância dos serviços prestados, no tocante ao incentivo à leitura. É motivador que o Programa tenha despertado nos cidadãos frutuosenses o gosto pela leitura e contribuído para a ampliação de práticas de leitura. É Notório como pequenos gestos, palavras e ações podem mudar a vida de alguém. As atuações do BALE têm mostrado o estado de satisfação de crianças, jovens e idosos, ao ouvir as histórias contadas e encenadas pela equipe, as quais levam alegria, divertimento e oportunidade para (re)criação de histórias, para a ampliação de repertórios e de conhecimento de mundo.

Face ao exposto, evidencia-se que as atividades de preparação para que os mediadores de leitura possam proporcionar toda essa vivência ao seu público também promove aprendizagem para eles mesmos. Quais são essas aprendizagens? Quais são as contribuições das formações para os mediadores de leituras do BALE-FRUP? É o que trataremos na sequência dessa discussão, a partir do delineamento do percurso constituído para a compreensão do letramento literário dos baleanos.

Caminhos percorridos para a compreensão do letramento literário

O percurso metodológico escolhido para essa discussão está respaldado na abordagem das pesquisas qualitativas, que possibilita ao pesquisador reunir um volume significativo de informações, visto que consulta as mais variadas fontes de informação, a partir da utilização de diversos instrumentos como entrevistas, aplicação de questionários, observação *in loco*, consulta documental, dentre outros. Um fator decisivo para a reflexão ora proposta é a aproximação com o Programa, pois temos as ações do BALE-FRUP como ambientação de nosso próprio letramento literário. Assim, reunimos, nessa experiência, muitas informações sobre o Programa, através de documentos, arquivos online e informações orais junto aos membros da equipe, com quem tínhamos acesso direto. É importante destacar que o *corpus* constituído foi usado no trabalho de conclusão de curso de uma das autoras (FILGUEIRA, 2019), do qual fizemos um recorte para esta reflexão.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trata de aspectos significativos de uma realidade universal que se constrói através de crenças, valores, atitudes entre outros, que não podem ser quantificados nem reduzidos a qualquer operação de variáveis. Moraes (1999) orienta a análise dos dados de uma pesquisa de forma cíclica e circular, e não de forma sequencial e linear, o que permite a busca de significados cada vez mais explicitados, pois, a cada vez que se retorna ao volume de conteúdo disponível, podemos atingir-se novas camadas de compreensão da realidade investigada (MORAES, 1999, p. 06).

Assim entendendo, discutimos a concepção de leitura dos baleanos, a partir do ingresso no BALE-FRUP, como mediadores de leitura. Em se tratando do recorte de uma pesquisa desenvolvida, como já explicado, anteriormente a reflexão aqui proposta, tem como elemento norteador a contribuição do Programa para a formação leitora dos baleanos, entendida, nesta discussão, como o letramento literário sobre o qual nos propusemos refletir, ao apresentar a temática. Retomamos, então, uma das perguntas feitas, durante a pesquisa,

quando entrevistamos três participantes da equipe: Você considera que o BALE-FRUP tem contribuído com sua formação leitora, bem como com a dos demais participante do Programa? Por quê?

O letramento literário a partir do BALE-FRUP

O letramento literário é concebido como uma apropriação da literatura, ou seja, quando uma pessoa se apropria da literatura, como leitor que compreendeu e consegue fazer uso desse texto de maneira implícita ou explicitamente, tornando-se, assim, um sujeito intelectual e humano. Esse processo é contínuo e levado para a vida toda, visto que nunca estamos totalmente formados, por isso a literatura nos acompanhará por toda a vida. O letramento literário permite, então, a apropriação da literatura como “construção literária de sentidos” (COSSON, 2014, p. 25); dessa forma, esse repertório é construído, transformado, negociado e preservado tanto individual como socialmente através desse *letramento*. Conhecer e discorrer sobre a contribuição do Programa para a formação leitora de seus integrantes é o elemento norteador desta discussão; por isso, perguntamos aos três participantes da pesquisa sobre como o baleano considera que o BALE-FRUP tem contribuído para sua formação leitora, bem como para a dos demais participantes do Programa. O primeiro entrevistado respondeu:

Sim, o BALE tem contribuído significativamente na formação leitora de todos aqueles envolvidos, desde nós mediadores como do público. Para conseguir atrair o público para desenvolver o gosto pela leitura é necessário que estejamos também envolvidos por uma prática, sendo assim, nas reuniões do programa contamos com indicações de obra que são lida pelos mediadores e em outro momento são feitas discussões para que cada um possa falar suas impressões sobre as perguntas em questão. Quando contagiado pelo universo literário, podemos então passar essa fantástica experiência para pessoas.

Baleano A

O baleano A afirma que o BALE tem contribuindo, sim, para sua formação leitora bem como para todos os envolvidos.

Portanto, os mediadores de leitura, ao se apropriarem dos processos dialógicos que se desenvolvem, durante as atividades formativas, também se constituem beneficiários das ações do Programa, juntamente com o público ouvinte, no tocante à abrangência do conhecimento literário. O empenho e dedicação para o aprimoramento das práticas de compreensão leitora que permitam despertar no público o interesse para desenvolver o gosto pela leitura, principalmente a literária, beneficiam, em primeiro plano, aos próprios mediadores, como leitores privilegiados. A equipe procura estar unida e envolvida para alcançar o objetivo proposto, através das leituras que realizam, indicadas pela coordenadora, as quais são discutidas e, posteriormente, socializadas, quando cada participante expõe as impressões que tiveram a partir do material lido. Com intuito de chamar a atenção do público, as dinâmicas são envolventes, pois possibilitam sonhar, fantasiar e idealizar aquele momento sem sair do próprio espaço. A experiência vivenciada, nesse espaço, como baleanas, permitem-nos dizer que é justamente isso que queremos que o nosso público venha a sentir. Passemos a análise da segunda resposta:

sim, pois vejo a leitura de outra forma, vejo que sem a leitura somos incapazes de evoluir e crescer em conhecimentos. Passei a ver que não devemos ler por obrigação, mas sim por gosto e vontade própria. Pois é através da leitura que vamos nos desenvolver em todos os aspectos.

Baleano B

A visão desse entrevistado mudou completamente depois do Programa, visto que ele já percebe a importância que a leitura tem para a vida do sujeito que está sempre em busca de conhecimentos e saberes novos, os quais são adquiridos por meio das leituras que realizamos. A partir dessas práticas, os pensamentos, atitudes e convicções evoluem, ao passo que as transformações progridem, assim como a criticidade, favorecidas pela ampliação da comunicação e da aprendizagem.

Atualmente, ao que percebemos, a leitura não acontece por obrigação, mas por gosto, pelo prazer que sentem ao ler, ou seja, de forma espontânea. A leitura veste o ser humano de

conhecimento, considerando que a humanidade se desenvolve através de inúmeros fatores, dentre os quais a leitura é a mais importante, ao ver da pesquisadora. A competência, as habilidades físicas e psicológicas possibilitadas pela leitura, modificam tanto o interior como o exterior do indivíduo, porque lhe permite uma visão mais nítida da importância da leitura. Essa consciência de que o BALE-FRUP tem mudado a vida de tantas pessoas é estimulante para a busca do aperfeiçoamento e da renovação constante, como a próxima resposta nos permite entender:

Sim, com certeza! Hoje tenho outra visão sobre leitura, consigo ver que a mesma vai além de trazer muito conhecimento podendo também ser usada para o lazer, visto que nos dar a chance de viajar a lugares desconhecidos e não só obtermos informações sobre o lugar que o texto nos repassa, como também podermos nos sentir lá como se estivéssemos presentes.

Baleano C

O BALE-FRUP tem contribuído para a formação leitora, de maneira ativa, construtiva e significativa. O baleano já deixa isso bem claro, e com propriedade, ao utilizar o termo “com certeza”. Se hoje ele mudou a percepção de ver a leitura é mérito do BALE que, com suas ações, conseguiu envolvê-lo, motivá-lo, como também o fez perceber a importância da leitura para a sua vida. Construir conhecimento é uma das facetas da leitura. Ler é também se encantar, decidir, divertir. O leitor tanto apreende como aprende com o texto, que sempre tem algo para nos dizer. Assim, o leitor tem o poder de compreender, sentir, inferir e se colocar dentro dele, criar e recriar, amá-lo ou odiá-lo, fugir ou procurar soluções, porque tudo é possível quando o texto passar a agir e interferir nas nossas emoções e sentimentos.

A participação no BALE mudou o modo do Baleano C ver a leitura literária, visto que, em sua vida de estudante, sua prática de leitura tinha como objetivo apenas responder as atividades escolares. Ao tornar-se um leitor frequente e produtivo, por meio desse Programa, ele compreendeu que a leitura está além das quatro paredes, pois qualquer ambiente, escolar ou não, pode tornar-se um lugar de leitura. Assim, se queremos aumentar o número de leitores é

preciso ampliar o incentivo e persistir nas ações para que mais pessoas despertem para o incentivo à prática da leitura.

Ao discutirmos a relação dos baleanos B e C com a leitura, considerando suas vivências como leitor antes e depois do BALE-FRUP, encontramos realidades bastante reveladoras, como a ausência quase que total da leitura em suas vidas, pois praticamente não liam, faziam uso apenas de uma leitura totalmente utilitária, como responder a uma tarefa escolar ou a leitura devocional da Bíblia, por exemplo. Mesmo o baleano A, que é voluntário no Programa, e se identificou como um leitor experiente, visto que já tem uma formação em nível superior, também admitiu que lia apenas textos teóricos para cumprir com os deveres de estudante universitário. Podemos colocá-los em um mesmo nível de escassez de leitura quando o assunto é a leitura literária, a qual só passou a acontecer de forma constante, após integrar a equipe do BALE-FRUP.

Face ao exposto, necessário era que tivéssemos informações sobre as práticas leitoras que passaram a ter após a inserção no BALE-FRUP e todos afirmaram que a leitura tornou-se frequente, a partir da entrada no Programa. Mas não uma leitura decodificadora, prescritiva ou apenas informativa, o diferencial é que falaram da leitura de textos literários. O voluntário coloca algo muito importante em sua fala: para despertar esse gosto pela leitura, é necessário não só a prática frequente, mas também o incentivo de alguém. Para ele, esse incentivo foi ocasionado pela sua entrada no BALE-FRUP, tanto através das tarefas que precisa cumprir como membro da equipe, como pela própria dinâmica do trabalho que desenvolvem. Isso significa que o Programa beneficia os seus integrantes, no processo de formação leitora, já que, ao se autoavaliarem, conseguem perceber nitidamente que antes não comungavam dessa prerrogativa.

Consideramos que a prática da leitura vivenciada através das atividades do Programa BALE-FRUP constituem-se em laboratórios de excelência para a formação leitora dos participantes. A dinâmica do trabalho, o repertório de leitura disponibilizado e a prática colaborativa constituem os processos interativos e as relações dialógicas que se estabelecem, nesse

espaço de aprendizagem. As falas dos participantes, respondentes desta pesquisa, corroboram o entendimento de que essas vivências (experiências) possibilitam aos envolvidos múltiplas aprendizagens, a partir de estratégias lúdicas que variam desde a leitura de um livro, uma contação de história, a recitação de um poema clássico ou de cordel, entre outras formas. O trabalho desenvolvido promove o conhecimento literário, ativa o imaginário de forma atrativa, simples e bem humorada. Respeitadas algumas particularidades que diferenciam os participantes, podemos afirmar que os baleanos têm mostrado crescimento tanto intelectual como pessoal, a partir das atividades realizadas.

Em relação à contribuição do Programa para a formação leitora de seus integrantes, podemos afirmar com segurança que são muitas. Por tudo que já apresentamos, acrescentamos o crescimento pessoal que se percebe nos envolvidos, como a superação da

timidez, quando aprimoram a desenvoltura para falar diante do público. Atualmente, eles já

conseguem tanto falar sem receio do que o outro vai pensar, dizer, apontar, de fazê-los refletir sobre a importância da leitura como meio de desenvolvimento. A singeleza de suas respostas ainda é reflexo dessa timidez, da falta de maturidade, especialmente dos dois bolsistas, que muito ainda vão aprender nesse processo de construção contínua da formação leitora e do letramento literário.

Observamos que os três baleanos A, B e C estão satisfeitos com o programa, por possibilitar que tenham outra visão sobre leitura, por proporcionar momentos de encantamento e magia através das atividades que realiza. Isso não é sentido apenas por eles, mas se alastra para todo o público atendido pelo Programa. Não é apenas prazeroso, mas também gratificante, quando alguém participa de um programa que só beneficia as pessoas, como participante também desse grupo, podemos afirmar que essa é a maior gratificação – o reconhecimento do público atendido. É o que sonhamos alcançar.

A nossa visão de pesquisadoras permitem-nos lançar um olhar avaliativo sobre a experiência para enfatizar a vivência

como voluntária do BALE-FRUP. Sua organização estrutural permite-nos refletir sobre os papéis que assumimos como formadores de leitores. Não perdemos de vista que essa formação é recíproca, pois formamos e somos formados no mesmo espaço. Vivenciamos uma busca contínua de (re)significação de nossa própria vivência como leitores, por sermos também formador de leitores. Somos agentes de leitura, e também agentes do letramento literário, cuja missão é mediar, orientar, buscar caminhos para que os leitores sejam também construtores de sentidos, através da literatura. Isso é também formação humana.

Considerações Finais

Movidas pela experiência de integrantes da equipe do BALE-FRUP, que nos proporcionam estar diretamente inseridas nas atividades desenvolvidas, desde o planejamento até a realização, ocupamos lugar de observadoras privilegiadas. Desse lugar, começamos a refletir sobre os benefícios proporcionados, especialmente, aos mediadores de leitura, que realizam toda a preparação das ações para atender ao que se propõe: mediar a formação de leitores, através do texto literário. Com esse intuito, a discussão ora finalizada partiu do interesse de lançar um olhar analítico sobre as atividades do BALE-FRUP, considerando como podem contribuir para o letramento literário desses mediadores de leitura. Sua proposta lúdica para fomentar leitores de todas as idades despertou-nos para o seguinte questionamento: como as ações do BALE-FRUP contribuem para a formação dos mediadores de leitura, a partir das atividades que desenvolvem? Assim, definimos o objetivo central da discussão que consiste em identificar o letramento literário possibilitado pelas ações do BALE-FRUP.

Resultante de um recorte feito numa pesquisa mais ampla, a discussão mostrou-nos que a contribuição do Programa é significativa para a formação leitora dos baleanos, cujas vivências nos processos formativos que se desenvolvem permitiram-lhes perceberem-se leitores em formação. A prática frequente das atividades de formação contribuiu para que se revelassem

pessoas mais comunicativas, superando até mesmo alguns medos pessoais, como falar em público, por exemplo.

O letramento literário dos participantes evidencia-se nas diferentes ações desenvolvidas dentro do Programa, considerando as múltiplas aprendizagens que ocasiona, no processo formativo que se realiza, desde a inserção dos entrevistados, na equipe. Em suas próprias falas, eles revelam que ler não é mais visto como uma obrigação, cansativa e enfadonha, mas como uma forma de buscar conhecimentos, ampliar visões de mundo, constituir novas fontes de prazer e entretenimento. Assim, consideramos que, a partir de então, a leitura passou a ser mais envolvente, mais atrativa e persuasiva, de tal modo que o convívio com o Programa em questão só tem aumentado o interesse em ler.

Importa encerrar essa discussão chamando a atenção para a importância do BALE-FRUP como uma comunidade de leitores que possibilita a ampliação de oportunidades de aprendizagem, através do desenvolvimento das habilidades de leitura, das competências linguísticas e da reflexão coletiva que, por sua vez, favorecem a constituição do letramento literário como uma ação mediada pela formação leitora.

Referências

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

FILGUEIRA, Fabiana G. **A leitura e o leitor: o BALE-FRUP como mediador de leitores literários**. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

KLEIMAN, Ângela. (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas (SP): Mercado de Letras, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento, escrita e literatura:** questões contemporâneas, - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

TORRES, Maria Gorete Paulo; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Os caminhos da leitura literária nos processos de formação de professoras formadoras do Curso de Pedagogia. IN: SILVA, Ananias Agostinho; SILVA, Francisco Vieira; TORRES, Maria Gorete Paulo. (Orgs.). **Nas tramas da linguagem:** estudo sobre discurso, texto e ensino. São Carlos: Pedro e João Editores, 2014.

TORRES, Maria Gorete Paulo; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **Na trilha da leitura literária:** Caminhos percorridos e sementes espalhadas. Curitiba, Appris, 2015.

PROGRAMA BALE-FRUP E A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO

Vanessa Gomes da Silva
Emanuela Carla Medeiros de Queiros

Leitura e leitores em contextos de mudanças

Discutir sobre a formação do leitor é, antes de tudo, refletir sobre esse sujeito com particularidades e sua relação com a prática da leitura a partir do seu contexto, a fim de compreender a ação formativa que se desenvolve entre ambos. Leitura compreendida como uma prática para além da codificação e decodificação das palavras, ampliando-se para outras ideias, as quais Manguel (1997) exemplifica por meio da leitura de imagens, gestos, falas, situações do cotidiano e a leitura de mundo. Assim, o ato de ler pode ser compreendido como sendo possível de realizar-se no tempo, no espaço e no código escrito, capaz de desenvolver possibilidades infinitas de acesso ao conhecimento, expandindo horizontes e provocando novas descobertas, ampliando saberes e despertando novas formas de ser, de viver e de existir.

Com isso, a compreensão de leitor também se modifica, afinal, no mundo contemporâneo, esse sujeito está para além daquele que interpreta o que lê. Capaz de transformar-se à medida que as novas possibilidades no campo da leitura vão surgindo no seu contexto, fazendo com essa atividade ocupe parte dos vazios existenciais na vida humana.

Com o olhar voltado para os jovens leitores – nativos e imersos em um cenário permeado de novas tecnologias, são também aqueles que, de alguma forma, buscam compreender e ressignificar o mundo por meio das múltiplas linguagens, especialmente aquela imediata, velozmente carregada de mais informações e menos conhecimentos. Essas ocupam um tempo maior no dia a dia desses sujeitos, porém, o retorno formativo é por vezes insatisfatório.

São leituras aligeiradas e irrefletidas, que fazem parte de um universo multimodal, concorrendo de forma desproporcional com a leitura de livros, e aqui destacamos a leitura de literatura como passagem possível para uma formação crítica e humana. Por ser uma via de acesso ao conhecimento – com criações de toque poético, ficcional ou dramático, amplia o sentido da vida por meio do simbólico contido nas palavras, das quais Candido (2017) dizia serem capazes de ressignificar a vida. Em outras palavras, a literatura aparece como manifestação universal de todos os tempos. Um direito de todos.

Para tanto, delimitamos aqui os jovens leitores que estão sendo formados no Ensino Médio. Teoricamente, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2018) para o Ensino Médio destaca que a formação do estudante nessa etapa da educação deve estar pautada em habilidades que envolvem linguagens e tecnologia – área que se insere os conhecimentos acerca da leitura e da literatura – termo que aparece somente em quatro das seiscentas páginas do documento integral, provocando em nós desconfiças em torno da real formação que se pretende para com os estudantes deste país.

Vale ressaltar que uma das principais políticas de acesso aos livros foi recentemente extinta: o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, um importante programa de fomento à formação de leitores. Por fim, destacamos a recente ameaça aos livros que acaba com isenção de impostos sobre o objeto primeiro da cultura e do conhecimento, constantemente em risco nesse país. Uma contribuição tributária de 12% que afastaria ainda mais a leitura de quem tanto precisa dela para sobreviver em meio ao caos cada vez mais visível.

Diante do exposto, percebemos que o direito à leitura e a literatura ainda não parece ser prioridade no contexto brasileiro. Fato que impulsiona iniciativas diversas que organizam ações em lugares distantes dos grandes centros urbanos, suprindo necessidades de uma formação que deveria ser proporcionada pelos governos, fazendo chegar o acesso ao conhecimento para todos, realidade ainda muito distante.

Diante desse cenário sombrio e preocupante, entendemos que a leitura precisa ser compreendida em sua dimensão social e

dialógica, sendo apoio estratégico para as sociedades que buscam melhores condições para seus indivíduos (YUNES, 2010). Uma tarefa desafiadora em meio as múltiplas linguagens que também estão interagindo com os jovens de forma muito mais convidativa que os livros impressos. São leituras extensivas que circulam rapidamente por meios digitais, com uma grande diversidade de informações que fazem parte do contexto desses jovens leitores (AMARILHA, 2013).

Para tanto, acreditamos que um dos caminhos possíveis para que ocorra uma formação leitora de forma satisfatória seja pelas vias do texto literário, em que cenários constantes apresentam o leitor para os mundos da ficção e da realidade, proporcionando um grande acervo de possibilidades formativas, sendo a criticidade uma delas. De acordo com Benevides (2018), o ato de ler enriquece a nossa visão de mundo, tornando-nos sujeitos ativos e participativos na sociedade, daí a necessidade de ampliar os conhecimentos acerca dessa prática tão importante para/na formação de leitores capazes de se reconhecerem na sociedade com autonomia, não apenas leitores de letras, mas leitores de mundo como nos afirmava Paulo Freire.

Nessa direção, leitura, leitores e contextos formam a tríade que se deseja para com a reflexão em torno da formação de jovens que possam atuar nas suas comunidades de forma mais emancipada. Ampliando, sobretudo, saberes necessários para uma atuação que combata as desigualdades sociais. Para isso, destacamos a necessidade urgente de uma formação de repertório de leituras, condição imprescindível para o enfrentamento dos desafios atuais, em que se exige cada vez mais um leitor ativo, que não compreende a leitura unicamente por vias de entretenimento (BRITTO, 2003).

Fruto da experiência formativa desenvolvida na sétima edição do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE¹, no ano de 2013 na Escola Estadual Ivonete

¹ O Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE teve início em 2007, na cidade de Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte, estendendo-se, em 2013, para a cidade de Frutuoso Gomes-RN com o Projeto Ponto BALE CTE-EB e, posteriormente,

Carlos, na cidade de Frutuoso Gomes/RN (BALE-FRUP), cidade de pouco mais de quatro mil e trezentos habitantes, o artigo apresenta alguns resultados do trabalho com o texto literário realizado com os jovens estudantes do Ensino Médio. Atividades que foram desenvolvidas pela equipe do BALE-FRUP que, na época, era composta por uma coordenadora, cinco bolsistas do ensino superior, oito bolsistas do ensino médio, além de voluntários da própria comunidade, fato que merece ser citado, uma vez que grande parte dos envolvidos neste Programa de Extensão da UERN atuou ou atua de forma voluntária, especialmente os que fazem parte das equipes nas cidades ligadas ao *Campus* da UERN na cidade de Pau dos Ferros/RN.

A experiência que se passa no programa BALE-FRUP tem como objetivo aproximar o público da leitura, especialmente a leitura de literatura, tanto os integrantes da equipe ou o público que os recebem, facilitando, assim, o acesso ao universo dos livros, contando com diversas estratégias de leitura que estimulam todos que dele participam, a exemplo das peças teatrais, contações de histórias, oficinas, recitais, rodas de leituras e discussões sobre obras literárias, dentre outras atividades. Vale salientar que estas ações, presentes em vários ambientes, sejam eles escolares ou não escolares, constroem um legado de (re) conhecimento da leitura como uma necessidade da humanidade.

A prática da leitura faz parte de nossas vidas, independente de idade ou lugar. Não há como falar em formação humana sem fazer relação com a leitura, seja ela convencional ou não, afinal é possível fazer leituras de palavras e textos assim como de imagens e vivências, leituras de mundo. Para Freire (1989, p. 09), “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a leitura daquela”. Nesse sentido, o ato de ler vai além da decodificação de códigos e símbolos, pois tal ação também está entrelaçada as interpretações. E qual a relevância dessa prática em nossas vidas? E para os estudantes do ensino médio? Como ela modifica nossas ações e pensamentos? São

BALE-FRUP. O programa tem como objetivo disponibilizar o acesso à textos literários, assim como despertar o gosto pela leitura através de apresentações teatrais, recitais e contações de histórias.

esses questionamentos que impulsionam a descobrir o mundo labiríntico da leitura e suas vias formativas. Uma travessia vivenciada por jovens leitores a partir da experiência no programa BALE-FRUP.

Através de estudos e discussões sobre a temática, apresentamos algumas contribuições do Programa BALE-FRUP na formação desses jovens leitores. Em um estudo qualitativo de natureza descritiva, selecionamos alguns desses participantes para responder um questionário acerca da experiência vivida. São suas vozes que compõem as análises e nos fazem refletir acerca da necessidade de cada vez inserir atividades desta natureza para colaborar com a formação leitora dos estudantes no Ensino Médio. Para compor o referencial teórico, utilizamos estudos de Britto (2003), Yunes (2010), Martins (1995), Amarilha (2013), Benevides (2008), Petit (2010) e outros.

Ler: um ato emancipatório e uma prática social

É sabido que aquele que possui relação assídua com a leitura tem maiores oportunidades de evolução na sua vida pessoal, acadêmica e profissional. Através das produções de textos, é possível aperfeiçoar o vocabulário, melhorar a escrita e o nível de conhecimento. Além disso, a leitura é um ato político, capaz de emancipar o sujeito por meio do exercício da criticidade. Essa ampliação do conceito se estende à literatura, uma vez que ela própria possui condições de fazer com que o leitor perceba o mundo para além daquilo que está posto nas páginas do livro.

Sobre isso, Britto (2003) explica:

Promover literatura, promover literatura enquanto ação política significa que estamos interessados não em promover a leitura em si, mas sim em promover um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos, necessários para a própria condição humana [...] (BRITTO, 2003, p. 112).

Para tanto, grandes acontecimentos e transformações ocorrem de forma acelerada no mundo inteiro e isso exige que

estejamos cada vez mais atentos na busca dessas práticas que dão acesso ao conhecimento.

O mundo não para e essa atenção cautelosa para com a leitura, se torna indispensável para estudantes do ensino médio quando estes estão na fase de alcançar maiores oportunidades de conseguir ingressar em uma faculdade e/ou no mercado de trabalho, o que exige esforços contínuos para que possam evoluir em suas escritas, afinal, “a linguagem da comunicação é instrumento necessário à interação humana, é ela que vai situar o homem em determinado espaço social e mercadológico” (GUIMARÃES, 2003, p. 57).

A diversidade de leituras fornece, para esses leitores, a chance de se tornarem seres mais críticos e reflexivos, capazes de discutir e analisar argumentos, conceitos e fatos de maneira mais eficaz e lógica, ou seja, esse contato com a diversidade de leituras oportuniza uma participação mais ativa, não tendo apenas o senso comum como principal embasamento para atuar na sociedade. Nesse sentido, formar jovens leitores e cidadãos disponíveis a buscarem conhecimentos que os levem a essa criticidade e discussões construtivas e não alienadas, com a finalidade de contribuir com a evolução da sociedade deve ser um caminho a ser percorrido. Ainda que seja uma tarefa difícil, em meio às dificuldades de natureza política, social e cultural em que estão inseridos.

Segundo Britto (2003),

[...] a leitura seria um ato de posicionamento político diante do mundo. E quanto mais consciência o sujeito tiver desse processo, mais independente será a sua leitura, já que não tomará o que se afirmar no texto que lê como verdade ou como criação original, mas sim como produto (BRITTO, 2003, p.100).

Todos nós possuímos a capacidade de fazer leituras, sejam elas verbais ou não verbais, porém, entender a leitura como agente da criticidade nem sempre é praticado, embora seja um fator indispensável para a evolução e transformação do ser humano. A leitura pensada como um ato revolucionário e político, conforme discorre Britto (2003), leva-nos a pensar e

repensar as informações de uma forma mais cautelosa, tornando-nos mais reflexivos, além disso, é preciso ampliar o conceito para que se compreenda a leitura como um direito de todos.

De acordo com Benevides (2008),

A leitura, enquanto prática social, precisa ser entendida com olhos bem abertos por parte de quem a analisa e estuda, porque de outra forma o olhar direcionado a ela poderá ficar comprometido pelo discurso unilateral e monossêmico que a trata apenas como algo abstrato ou pertencente aos (poucos) grupos que a podem possuir (BENEVIDES, 2008, p. 90).

A circulação de informações ocorre a todo o momento, como dito no início deste texto, o que nos faz entender que é preciso atentar para não tomar como verdade absoluta tudo aquilo que nos é apresentado. Ler não pode ser um ato mecânico em que o sujeito é apenas passivo, principalmente nos dias atuais, afinal, a mídia e a grande diversidade de aparelhos tecnológicos proporcionam uma rápida circulação de informações.

O leitor que reconhece a importância da leitura como instrumento de formação intelectual e humana certamente estará mais preparado para os desafios futuros. Os conhecimentos adquiridos serão, portanto, mais eficazes em sua formação enquanto leitor e cidadão.

Portanto, leitura como prática social representa mais que uma ampliação do seu conceito, mas a possibilidade de inclusão dos sujeitos leitores no meio social de forma mais ativa e participativa.

Formação de repertório

O domínio cultural do repertório de leitura e de literatura é importante para que o sujeito amplie a visão de mundo. Além disso, o estoque de histórias permite que o leitor aprofunde discussões, exercite a capacidade de refletir e inovar, bem como suscite o desejo de busca por outras fontes, outros livros e assim ir constituindo formação de repertório.

Complementando tal pensamento, Colomer (2007) explica que os hábitos culturais da sociedade não dependem somente das instituições, ou seja, é necessária a busca por outras fontes de acesso que ultrapassem os limites da escola. Isso colabora com a formação de repertório do leitor e reflete de forma positiva na sua condição de sujeito ativo e participativo.

Para Amarilha (2019), a curiosidade dos sujeitos é uma característica positiva na formação leitora. Despertar o gosto por novas leituras promove a ampliação de vocabulário, o que influencia na compreensão do texto lido com extensões para outras fontes reflexivas. Isso facilita a interação do mediador de literatura com os leitores em formação

Segundo a autora, o leitor de leitura literária, que também está presente nessa formação de repertório, “adentra o mundo do texto e lá o experimenta como algo próximo. No entanto, ao término da leitura, dele se afasta e pode, então, exercer-se como leitor crítico, que analisa e julga, aquilo que experimentou de maneira cognitiva e afetiva.” (AMARILHA, 2019, p. 930).

A diversidade de leituras, sejam em livros impressos ou arquivos digitais, é imensa: contos, ficções, romance, teatro, textos científicos etc. Em uma palestra no evento Conversas ao Pé da Página, promovido pelo Sesc São Paulo, Colomer (2014) defende que o amplo repertório ajuda no diálogo acerca do texto e sua compreensão a partir da contribuição de outras rotas que se interligam.

Essa formação de repertório para os sujeitos do ensino médio, pode ser bastante produtiva na realização de avaliações que proporcionem a oportunidade dos mesmos ingressarem em uma universidade e/ou mercado de trabalho, afinal, o conhecimento sobre obras literárias e as vantagens promovidas pela leitura pode oportunizar um melhor desempenho na escrita, na fala e, conseqüentemente na desenvoltura do leitor.

Dessa reflexão surge um questionamento: que tipo de cidadãos almejamos para nossa sociedade? Como tornar mais extensa a formação de repertório? Necessitamos de uma sociedade composta por sujeitos capazes de opinar, discutir,

lutar por seus direitos e participar ativamente. De acordo com ideias de Yunes (2010),

É na dimensão social da Leitura que se pode encontrar o apoio estratégico que as sociedades vem buscando para qualificarem a si mesmas. Não só na escola, - mas a biblioteca pública, os museus, os centros de lazer, os hospitais, os centros de transportes, os condomínios, as fábricas, os sindicatos [...] (YUNES, 2010, p. 55).

Ainda, segundo a autora, ao longo da vida vamos adquirindo, produzindo e acumulando diversos tipos de leituras, e essa característica é responsável por muitos avanços da sociedade. Portanto, faz-se necessário um olhar mais aguçado e reflexivo sobre a necessidade de construir formação de repertório, ampliando, assim, a rede de conhecimentos para cada vez mais tornar o leitor protagonista do seu processo formativo.

Jovens leitores e suas experiências com a leitura de literatura

Com o propósito de compreender as contribuições do Programa BALE-FRUP na formação leitora de estudantes do Ensino Médio na cidade de Frutuoso Gomes/RN, convidamos dois sujeitos que tiveram participação nas atividades do BALE-FRUP, em sua 7ª edição no ano de 2013, para contar suas experiências com a prática da leitura, de modo especial com a leitura de literatura.

Para organizar os dados, aplicamos um questionário com perguntas abertas. O questionário foi aplicado no dia 19 de agosto de 2020. Os dados gerados foram selecionados de acordo com os objetivos para este artigo, e para preservar a identidade dos entrevistados, utilizamos nomes fictícios da literatura brasileira: Zezé e Macabéa – ambos são personagens protagonistas das obras literárias *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, respectivamente.

Sobre os sujeitos entrevistados: Zezé, 22 anos, reside na cidade de Pau dos Ferros-RN e está cursando o Ensino Superior na área de enfermagem. Já Macabéa, 24 anos, ainda residente na cidade de Frutuoso Gomes-RN, concluiu recentemente a graduação no curso de Ciências Contábeis, ambos pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.

Para uma melhor visualização das respostas, organizamos em **episódios** as perguntas seguidas das respostas dos sujeitos.

➤ Episódio 01:

O primeiro questionamento apresenta elementos em torno das contribuições do Programa BALE-FRUP na formação leitora dos estudantes durante o Ensino Médio. O Programa BALE-FRUP, através de suas diversas ações, contribuiu para a sua formação leitora? Justifique.

Zezé	<i>Sim. O Programa BALE-FRUP contribuiu significativamente para minha formação leitora, pois me oportunizou o contato com a leitura literária de forma mais expressiva. Por meio do programa, pude ler diversas obras da literatura que, sem dúvida, me proporcionaram muito prazer e aprendizagem. Sempre fui atraído pela leitura, mas foi como participante do BALE-FRUP que pude conhecer grandes histórias e autores que marcaram minha trajetória leitora.</i>
Macabéa	<i>Sim, através do Programa BALE-FRUP pude ampliar o gosto pela leitura, ao decorrer das atividades do Programa aprendi a desenvolver novas estratégias que auxiliam em uma melhor qualidade de leitura e de interpretação de textos, sem contar que também contribuiu de forma significativa no aprimoramento da escrita.</i>

A partir das vozes dos sujeitos pesquisados, é possível perceber o quanto a participação na ação extensionista foi proveitosa e significativa para ampliar o gosto pela leitura de literatura. Os depoimentos destacam a formação de repertório como oportunidade para o conhecimento de outros textos a partir das atividades desenvolvidas no BALE-FRUP, bem como a descobertas de novas estratégias para o desenvolvimento da escrita. Visível ainda a contribuição no tocante à compreensão e

interpretação dos textos, o que Amarilha (2013) confirma em suas reflexões quando relata a experiência da leitura com jovens leitores. Para a autora, o acesso ao texto literário possibilita o leitor a fazer relações com seu contexto e outros mundos, ou seja, encontrando vida nas palavras, conforme destaca Petit (2010).

Tanto Macabéa quanto Zezé fazem referência a aquisição do gosto pela leitura que foi sendo construído nas experiências com o texto durante as atividades, o que certamente os influenciaram a chegar ao Ensino Superior. Em meio ao cenário tecnológico cada vez mais presente, o texto literário ainda ganha espaço na vida dos jovens, fazendo-nos refletir o quando se faz necessário o trabalho de formação de leitores para que a leitura seja de fato um direito, assim como a literatura.

Segundo Candido (2017, p. 176), [...] “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. Como direito, a leitura de literatura aparece para esses jovens como um caminho possível para o acesso ao conhecimento.

➤ Episódio 02:

O segundo questionamento diz respeito ao reconhecimento do gosto pela leitura a partir de outras obras lidas para além daquelas trabalhadas no BALE-FRUP: *As vivências com as atividades de leituras no Programa BALE-FRUP influenciaram você para ler outras obras? Você lembra dos livros lidos? Cite algumas obras que você leu.*

Zezé	<i>Sim. Apesar de sempre ter interesse pela leitura, o BALE-FRUP foi uma oportunidade para me desenvolver mais ainda como leitor e isso me despertou cada vez mais o gosto pela literatura e me fez ler muitas outras obras. Sim, Meu Pé de Laranja Lima; O Horto; Pollyana; O Auto da Compadecida; O Diário de Anne Frank; A Hora da Estrela; Alice no País das Maravilhas; Fogo Morto; Laços de Família; Esaú e Jacó; etc.</i>
Macabéa	<i>Durante o Programa tive a oportunidade de ler algumas obras, como: Alice no País das Maravilhas, A Hora da Estrela, Esaú</i>

<p><i>e Jacó, O Diário de Anne Frank, O menino do Pijama listrado, entre outros. Após o programa, meu desejo pela leitura continuou o mesmo, e dessa forma, continuei lendo outras obras, como por exemplo: Vestido de noiva, o Tempo e o Vento e Minha Vida de Menina.</i></p>

Os sujeitos relatam recordações de diversas obras literárias que tiveram acesso durante suas participações no BALE-FRUP. Também afirmam que através das mesmas puderam se constituir enquanto leitores ativos, o que nos faz refletir sobre a curiosidade aguçada para o conhecimento de outras obras literárias a partir da relação estabelecida com textos lidos em atividades promovidas pelo BALE-FRUP.

Sobre isso, Amarilha (2019) e Yunes (2010) refletem sobre a importância da leitura literária e o despertar do gosto em relação à mesma quando os leitores se sentem convidados e envolvidos com os textos. Isso incide na busca constante por outros textos, outras experiências literárias que geram inúmeras possibilidades formativas, a exemplo do diário de *Anne Frank*, citado por Macabéa. Uma obra reconhecida mundialmente, que conta a história de uma das maiores atrocidades da humanidade – a perseguição dos nazistas aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Leitura que traz saberes para além do que narra a personagem principal, estimulando o leitor a buscar mais informações. Toda essa construção de sentidos, ressignificados na leitura, entende-se a formação humana do leitor. Além do ato de ler como atividade essencial, ela é capaz de despertar no leitor o senso crítico tão necessário atualmente, e isso faz da palavra uma fonte de emancipação do leitor, uma vez que ele reconhece a necessidade de conhecer o que se passa no mundo e a literatura oportuniza essa viagem, ainda que seja uma viagem árdua muitas vezes, pois, de acordo com Britto (2003), é preciso compreender a leitura não apenas pelas vias do entretenimento, prazer, mas como um ato revolucionário.

Yunes (2010) complementa essa discussão quando afirma que essa diversidade de leituras literárias engrandecem os sujeitos em sua formação leitora e, também, enquanto sujeitos com mais

oportunidades de conhecerem a si mesmos e o mundo ao seu redor, abrindo caminhos para a criticidade de si e das questões sociais.

Assim, podemos perceber que a formação de repertório é positiva e deve ser contínua. Na experiência no Programa como o BALE-FRUP, os sujeitos afirmam o quanto foi válida essa formação, sendo motivadora para a leitura de outros textos, e, conseqüentemente o enriquecimento de informações nos textos que dialogam com a vida do leitor, o que gera uma maior compreensão da sua condição humana, além de facilitar o diálogo acerca de assuntos diversos que a literatura traz em sua bagagem cultural.

► Episódio 03:

Por fim, com o intuito de saber se as ações do BALE-FRUP ultrapassaram a vida acadêmica dos estudantes, chegamos ao terceiro questionamento: O contato com as leituras e discussões de obras literárias durante o Programa trouxeram mudanças e/ou contribuições para sua vida? Quais? As respostas fornecidas pelos sujeitos Zezé e Macabéa foram as seguintes:

Zezé	<i>Sim. As leituras e as discussões contribuíram para minha aprendizagem como leitor, estudante e pessoa. A literatura tem a capacidade de transformar as pessoas. Isso foi muito importante para o meu desenvolvimento em todos os aspectos, pois me fez ter novos pensamentos, novas ações e novos conhecimentos que me fizeram crescer de todas as formas.</i>
Macabéa	<i>Sim, as atividades, leituras e discussões desenvolvidas durante o programa influenciaram de forma positiva em minha formação como estudante e também no meu desenvolvimento pessoal, onde pude aprimorar meu conhecimento e formação crítica diante dos mais diversos tipos de assuntos e situações que nos deparamos tanto em nossa jornada como estudantes/acadêmicos e como também na vida. Através do Programa BALE-FRUP também pude trabalhar em torno da minha desenvoltura no momento de falar em público, onde consegui perder um pouco a timidez. Dessa forma, posso afirmar que o Programa BALE só trouxe contribuições positivas em minha vida.</i>

Zezé e Macabéa defendem o fato de terem evoluído tanto no aspecto acadêmico, enquanto estudantes do Ensino Médio, como também enquanto seres humanos pensantes, ativos, críticos e reflexivos, que Britto (2003) e Benevides (2008) destacam como produtos de uma formação leitora para os dias atuais. Além disso, Macabéa destaca a contribuição das experiências vivenciadas como leitura no BALE-FRUP como um importante espaço para sua evolução no enfrentamento da timidez, afirmando ter obtido resultados positivos durante e após sua participação. Fato esse que ela conseguiu finalizar o curso superior. Zezé destaca o impulso das leituras para seu desenvolvimento crítico, afirmando o poder de transformação que a leitura provoca. Isso faz relação com os estudos de Petit (2010), ao descrever relatos em que a leitura ajudou significativamente sujeitos a superarem seus próprios medos e limites. Segundo a autora, todos temos esse direito se apropriar da cultura escrita. Em um mundo que caminha e narra, se faz urgente o acesso à leitura, aos saberes, pois a negação desse direito implica no aumento das desigualdades e na exclusão dos sujeitos diante da sociedade.

Assim, é evidente que as ações que envolvem recitais, contações de histórias, discussões literárias e apresentações teatrais podem, de fato, contribuir com o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos sujeitos que praticam tais ações, além de colaborar com a formação de cidadãos mais ativos, comunicativos e participativos na sociedade. Leitura como um ato de sobrevivência frente às dificuldades que fazem parte da vida de milhares de jovens dos interiores desse país. Iniciativas como o programa BALE-FRUP somam-se a outras milhares espalhadas pelo mundo em constante resistência.

(In)Conclusões

O presente artigo teve como foco a relação das ações do Programa BALE-FRUP com a formação de leitores do Ensino Médio da Escola Estadual Ivonete Carlos, na cidade de Frutuoso Gomes/RN. Foi realizado um questionário de abordagem qualitativa com dois ex participantes do programa, a fim de

obtermos respostas sobre a influência do BALE-FRUP e as possíveis contribuições para/na formação leitora.

Através das análises das respostas obtidas no questionário, podemos confirmar que as atividades realizadas pelo Programa somaram na formação leitora dos participantes. As vozes desses sujeitos descrevem pontos positivos alcançados durante suas atuações no BALE-FRUP, tais como: acesso a leituras diversas, discussões de obras literárias, participação em atividades que provocaram o conhecimento de textos e assim o desenvolvimento da criticidade.

Nesse sentido, a leitura é percebida como sendo capaz de nos oferecer um universo de conhecimentos, assim como autonomia e desenvolvimento crítico-reflexivo. Partindo da reflexão de que é preciso construirmos uma sociedade mais participativa, com leitores ativos, ressaltamos a necessidade de uma formação leitora de qualidade, principalmente com os jovens do Ensino Médio que, na maioria das vezes, carregam consigo o propósito de evoluírem na vida acadêmica e inserir-se no mercado de trabalho. Imersos em um universo multimodal, interativo e convidativo, a leitura de literatura pode perder espaço na vida desses leitores, e iniciativas como o programa BALE-FRUP exerce um importante papel na formação de seus participantes, promovendo o acesso ao conhecimento, estimulando o gosto pela leitura, especialmente a literária.

Para finalizar, recordamos uma citação de Petit (2010) sobre a importância da leitura em nossas vidas. É um depoimento de um sobrevivente da segunda guerra mundial: “Não podíamos sair, era demasiadamente perigoso. Os caminhos e os campos estavam minados. [...] Assim, era impossível vadiar. Não tínhamos muitos amigos, vivíamos confinados. Era preciso ocupar aquele vazio, e os livros estavam lá para isso” (PETIT, 2010, p. 19).

Leitura como sobrevivência. Leitura como direito de todos. Em um mundo desigual, com ampla rede de informações, é preciso investir em experiências formativas que nos oportunize uma condição ativa. A leitura é essa atividade capaz de nos tornar sujeitos emancipados, capaz ainda de preencher os vazios existentes do dia a dia.

Referências

AMARILHA, Marly. **A curiosidade como princípio epistemológico no ensino de literatura infantil a proposta da andaimagem**. Natal: EDUFRN, 2019.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: educar para ler ficção na escola. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2013.

AMARILHA, Marly. **Educação e Leitura**: redes de sentido. Brasília: Liber Livro, 2010.

ARAÚJO, M. D. Do hábito de ler à leitura como significado: qual a diferença? IN: AMARILHA, M. (org.) **Anais...** do 1º Seminário Educação e Leitura. Natal/UFRN, 1996.

BENEVIDES, Araceli Sobreira. A leitura como prática dialógica. *In*: ZOZZOLI, Rita; OLIVEIRA, Maria Bernadete F. de (org.). **Leitura, escrita e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008. p. 87-110.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso**: cultura escrita, educação e participação- Campinas,SP: Mercado de Letras, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

COLOMER, Teresa. **Conversas ao Pé da Letra**. São Paulo, 2014. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/8867/literatura-nao-e-luxo-e-a-base-para-a-construcao-de-si-mesmo#_=_. Acesso em: 07. set. de 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1985. (Polêmicas do nosso tempo).

GUIMARÃES, Lealis Conceição. Leitura e comunicação. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, [S.l.], v. 19, n. 37, p. 56-64, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/1344>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PETT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Claudio Gomes da. A Importância do Uso das TICS na Educação. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 08, Vol. 16, pp. 49-59. Agosto de 2020.

OS IMPACTOS DA LEITURA LITERÁRIA NO BALE-FRUP: INCENTIVANDO O GOSTO PELA LEITURA E FORMANDO LEITORES

Lívia Alves Monteiro Carlos
Luan Alves Monteiro Carlos

Introdução

Abrir um livro é caminhar em um solo fértil de conhecimento. Ao ler, envolvemo-nos em mistérios, vivemos momentos felizes, tristes, participamos de tragédias gregas da mesma forma que nos alegamos com uma grande comédia, passeamos por outras épocas e culturas. A leitura literária nos proporciona diferentes experiências, que possibilitam ao leitor conhecer os outros e a si mesmo. Ao conhecermos Bentinho, deparamo-nos com uma grande dúvida: afinal, Capitu traiu ou não? Só ao leitor cabe essa resposta. Já na companhia de João Grilo, divertimo-nos com a sua esperteza, pois este personagem astuto sempre acha uma saída para conseguir (sobre)viver no sertão nordestino. Em Romeu e Julieta, vemos uma linda história de amor brotar em meio ao ódio de duas famílias. Eis a beleza da literatura que, por meio de obras de Machado de Assis, Ariano Suassuna, William Shakespeare ou um cordel de Bráulio Bessa, faz-nos se sentir parte daquilo tudo, como se cada texto estivesse contando a nossa história, descortinando aos nossos olhos o ontem e o hoje. A verdade é que a leitura literária abre portas para um mundo que antes desconhecíamos, fazendo-nos sentir parte deste mundo.

Historicamente o ensino foi elitizado e a educação não se constituía um direito de todos. A popularização da educação só se deu com a democratização da escola pública. Neste sentido, se a educação era um direito apenas da elite, a literatura esteve restrita por muito tempo a classe burguesa, e, conseqüentemente, a leitura literária não era um bem acessível para todos os

cidadãos, só se fazendo acessível, em certa medida, quando a escola se universalizou. Não obstante, a prática de leitura é vista pelos cerceadores da liberdade humana como uma ferramenta perigosa, como sabe bem quem lê a obra *Gabriela, cravo e canela* de Jorge Amado e se depara com a personagem Malvina, moça inteligente que vê na leitura literária, apesar de sua proibição na época, as portas para a sua transformação social.

Desta forma, é a leitura que liberta o homem de sua ingenuidade. Quem lê se faz crítico e passa a questionar os valores da sociedade como sujeito ético e moral. Neste sentido, a leitura é um instrumento essencial para a formação cidadã, mas como afirma Lajolo (2007), ninguém nasce sabendo ler. Nosso primeiro contato com os livros comumente acontece na escola, não se encerrando nela. Apesar de a formação leitora ser colocada como uma responsabilidade da escola, lembramos que ela pode e deve ser incentivada de várias outras formas, seja pela mãe que conta histórias todas as noites a seu filho, ou pelo adulto leitor, que serve de exemplo para os sujeitos ao seu redor. Entretanto, no contexto em que vivemos, o contato com a leitura literária antes da escola nem sempre é possível, pois são muitos os fatores que impossibilitam o seu acesso, tais como as dificuldades financeiras e o índice de analfabetismo de um povo. Decorrente disto aparece as dificuldades de acesso aos livros.

A leitura, enquanto instrumento de conhecimento do mundo em sua diversidade de gêneros e formas, permite ao leitor o conhecimento de novas experiências nunca antes vivenciadas. Neste sentido, a leitura literária pode transformar e humanizar o homem ao desenvolver “em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180). De acordo com o autor, a literatura leva os sujeitos à compreensão da sua realidade e do outro, ela é a manifestação de um povo e, por isso, uma arma poderosa para o processo educacional, pois forma a personalidade dos sujeitos.

Além do mais, Candido (2004, p. 191) afirma que, para a sociedade ser justa, se “[...] pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Para

o autor, é um direito nosso que tenhamos acesso a todos os níveis de cultura, por ser uma necessidade profunda do ser humano que, se não satisfeita, pode acarretar uma desorganização pessoal ou até mesmo uma frustração. Desta forma, entendemos a leitura literária como um bem necessário para a formação do sujeito. É decorrente da desarmonia e dificuldade existente na formação de leitores, tanto na escola como em seu seio familiar, que surgem as políticas públicas, visando suprir a necessidade das camadas da sociedade e principalmente as mais vulneráveis.

Partindo desta discussão, neste capítulo estudamos como acontece o processo de incentivo à leitura literária por meio da atuação do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE-FRUP). Desta forma, objetivamos investigar como acontece a mediação de leitura no BALE-FRUP, buscando perceber como as ações do programa contribuem para que seja despertado o gosto pela leitura, além de analisar os impactos da leitura literária na vida dos envolvidos. Para isto, temos como *corpus* um questionário que foi aplicado e respondido por quatro mediadores de leitura do programa que são identificados aqui como Mediador A, Mediador B, Mediador C e Mediador D. Todos são sujeitos graduados (os Mediadores A e B são formados em Letras, e os Mediadores C e D em Pedagogia) e atuam como professores da educação básica.

Os questionamentos feitos aos mediadores de leitura foram elaboradas com o intuito de diagnosticar desde como a atuação do BALE-FRUP acontece, compreendendo como é feito o planejamento, o processo de escolha dos textos, até como a leitura literária impacta na formação dos mediadores, bem como nos beneficiários do programa. Metodologicamente esta pesquisa segue um viés descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. Ademais, para fundamentar nossa pesquisa, baseamo-nos nas discussões de: Cosson (2009; 2014), Candido (2004), Freire (1989), Lajolo (2007) e Martins (2007).

A leitura literária e seu poder transformador

A leitura é algo que está muito presente na nossa vida. Mesmo antes do contato com os livros, o sujeito já faz a leitura do mundo a sua volta, compreendendo seu modo de vida, sua cultura e tudo que o rodeia. Fato é que o ato de ler vai além da decodificação de palavras. Isto é, somos leitores desde que passamos a perceber o nosso mundo, a todo o momento estamos atribuindo sentido ao ambiente que ocupamos, à rua que passamos, aos mais variados acontecimentos do cotidiano. Sobre isso, Freire (1989, p. 9) pontua que: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Dessa forma, antes de conhecer as palavras, o sujeito já é um leitor do seu próprio mundo, e a leitura do texto escrito está ligada a esta leitura de mundo, pois é a partir desta que o sujeito passa a inferir acontecimentos da sua própria realidade para dá sentido a palavra que lê. Assim, de acordo com o pensamento freiriano acontece a leitura da “palavramundo”.

É a partir do nosso conhecimento prévio, adquirido na leitura de mundo, que passamos a dá sentido as palavras. O movimento inverso também acontece, quando nos debruçamos em um livro de literatura compreendemos melhor a nossa realidade, ou seja, passamos a ter uma visão crítica sobre o mundo. Cosson (2009, p. 17) sinaliza que: “A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos [...] No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros [...] e, ainda assim, sermos nós mesmos”. Sendo assim, a leitura literária cumpre um papel fundamental na formação do sujeito, nos possibilitando conhecer outras realidades, outras culturas, além de nos levar a uma compreensão de nós mesmo. Para Candido (2004, p.186), “A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.” Compreendemos, então, que a leitura literária é necessária,

devendo ser incentivada para que o sujeito interaja de maneira mais crítica e consciente com o seu mundo.

Dessa forma, é fundamental que a leitura literária faça parte da vida dos sujeitos, devendo ser incentivada não só dentro da escola, mas também fora dela. É mister que a leitura literária esteja nos mais variados lugares, o que possibilita que o sujeito enriqueça sua visão de mundo. Sendo assim, esse contato com a leitura deve acontecer de uma maneira prazerosa, para que seja despertado no sujeito o gosto de ler. Porém, no ambiente escolar isto nem sempre acontece, porque muitas vezes é feito um ensino tradicional. Freire (1989) faz duras críticas a este ensino pautado na memorização, em que o professor exige que o aluno dê conta de um grande número de leituras, valorizando muito mais a quantidade de leitura do que a qualidade do que se lê. O autor supracitado defende ainda que o professor não deve agir como um transmissor de conhecimento, “[...] ‘enchendo’ com suas palavras as cabeças supostamente ‘vazias’ dos alfabetizando” (FREIRE, 1989, p. 13). Logo, no lugar deste ensino mecânico que trabalha a leitura como uma imposição, deve ser adotado métodos que visem uma leitura por prazer, priorizando a interpretação do texto. Isto é, deve-se envolver o aluno no mundo da leitura para que seja despertado no sujeito o gosto por essa prática.

A leitura serve para ampliar a visão de mundo dos indivíduos, pois, como bem afirma Candido (2004), a literatura é uma fonte de equilíbrio social, por ser agente indispensável de humanização. Neste sentido, sua presença é de suma importância no currículo escolar para educar e instruir, somando no aluno como instrumento afetivo e intelectual. É consenso que muitos educadores discutem sobre a necessidade de construção do hábito de ler, já que a leitura proporciona as ferramentas para um processo educacional eficiente, possibilitando uma melhor formação para os discentes. Mas os mesmos educadores se colocam impotentes na constituição deste hábito, pois não sabem bem o que fazer com o texto literário em sala de aula, culminando o que Martins (2007) denomina como crise de leitura. Para Lajolo (2007), a precariedade da leitura literária nas escolas é tão complexa que os professores não discutem sobre o

assunto nas reuniões pedagógicas, mas, quando mencionado, o tema é resumido por falas clichês e preconceituosas empregadas para culpar os alunos pelo fracasso pedagógico. Então, os professores, muitas vezes despreparados, afirmam que os alunos são quem não se interessam para adquirir o hábito pela leitura. Um dos problemas dessa crise, como nos aponta Lajolo (2011, p. 10), são os rituais de iniciação oferecidos ao leitor em formação que fazem do “texto literário, objeto do zelo e do culto, razão de ser do templo, é objeto de um nem sempre discreto, mas sempre incomodo, desinteresse e enfado dos fiéis [...] que não pediram para ali estar”. Neste contexto, as práticas exercidas pelos professores, em muitos casos, destinam-se à sistematização de conceitos linguísticos que tornam o texto literário inatingível para os discentes, não promovendo a formação de leitores.

Verdade seja dita, a leitura acontece na escola, mais especificamente, por meio dos livros didáticos cheios de textos condensados que mais atrapalham e não incentivam o gosto pela leitura. Esses livros são elaborados “de modo a transmitir uma visão de mundo conservadora, repressiva [...] estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias, mesmo quando mascarados por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores” (MARTINS, 2007, p. 26). Para a autora, os organizadores dos livros didáticos estão mais preocupados em manipular nossas leituras, a ponto de adulterar os textos escolhidos para compor os exemplares, desrespeitando tanto os autores como os leitores, sob a alegação de estarem preservando princípios que não podem ser abalados. Assim, os professores fazem o uso do livro didático para promover a leitura literária por meio de fragmentos de textos que em nada promovem a formação do leitor. Ocultam-se, dessa forma, as possibilidades de um diálogo crítico entre o professor e o aluno, já que esses empecilhos inviabilizam a interação entre o leitor e o texto, uma vez que, “os textos literários perdem sua integridade e passam a circular na forma de fragmentos em citações” (COSSON, 2014, p. 21).

Ademais, Lajolo (2007) orienta que, em meio às crises de leitura que vivenciamos, a escola tem a função de formar leitores, promovendo o contato dos alunos com textos que engrandeçam

o seu horizonte de expectativas. Mas, para a autora, a presença de um bom texto literário em um manual pode ser diluída, dependendo da perspectiva com a qual a escola conduz a leitura e das atividades que a procedem. Na maioria dos livros didáticos, a leitura literária é deturpada e o objetivo central dela fica relegado a tarefas mecanizadas de reprodução e repetição do próprio texto e não das várias interpretações que o texto pode suscitar através dos diálogos que poderiam surgir em sala de aula. A simples repetição de um texto e a investigação de seus aspectos formais não garantem que os sentidos de um texto sejam apreendidos pelo leitor, até porque “é necessário que os elementos do texto selecionado como gerador de atividades levem o aluno a observar mais de perto procedimentos realmente relevantes para o significado geral do texto. O que não parece ser o caso dos exercícios transcritos” (LAJOLO, 2007, p. 37).

No que se refere à crise de leitura, Martins (2007) frisa que a questão não está relacionada à falta do que se lê. O caso é bem mais amplo e complexo, pois vem de fatores sociais e econômicos e se propaga na escola que determina e limita nossas opções de leitura. Além disso, vem à tona a ideologia burguesa que procura manter sua elitização da cultura, a fim de immortalizar seu domínio econômico, político e social. Nesse viés, os métodos utilizados para incentivar a leitura na escola, como mostra Martins (2007, p. 28), “está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro [...] como os desencadeados [...] pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral que os leitores se inserem”. Logo, quando estes alunos se interessam pela leitura, sua preferência vai na contramão do que é imposto em sala de aula, sem a exigência das longas descrições sobre o texto lido.

Incentivo à leitura literária: compreendendo o funcionamento do BALE-FRUP

A atuação do BALE-FRUP acontece tanto em espaços escolares como não escolares. O trabalho se inicia com a escolha dos textos que vão ser apresentados, depois os baleanos preparam

uma encenação, além de organizar tudo que vai ser usado nas ações (elementos como, figurino e cenário). Todo este planejamento é colocado em prática, passando por todas as escolas do município de Frutuoso Gomes, sede do programa, atuando também nos eventos que acontecem na cidade, bem como atendendo convites de cidades vizinhas. Esta foi uma resposta unânime dos mediadores de leitura quando questionados sobre como as ações do BALE-FRUP acontecem. Dessa forma, constatamos que o BALE-FRUP cumpre uma função primordial no incentivo da leitura literária, pois possibilita que os sujeitos entrem em contato com a literatura em diferentes espaços, não deixando essa prática restrita somente ao ambiente escolar. Isto é, com a atuação do BALE-FRUP, o incentivo à leitura no espaço escolar é reforçado, no entanto, é um trabalho que vai além dos muros das escolas, possibilitando que a leitura literária esteja em diferentes ambientes sociais, contribuindo para que a leitura literária passe a fazer parte da vida da população em geral.

Os mediadores indicaram também que o programa busca atingir todos os públicos: crianças, adolescentes e adultos. Todos compartilham desta ideia, porém o Mediador B e o Mediador D sinalizam que apesar de atingir todos os públicos existe uma atenção maior com as crianças. Com isto, observamos que o BALE-FRUP tem uma preocupação em envolver o sujeito no mundo da leitura literária desde cedo, o que é muito importante, pois a criança, ao se dedicar em atividades leitoras, a possivelmente será um adulto que terá a leitura como um hábito, isto porque esse gosto pela leitura literária foi despertado desde a infância. Sendo assim, considerando que a leitura literária precisa ser estimulada desde a infância, compreendemos essa atenção maior com as crianças como algo muito positivo, bem como o acompanhamento que é feito com sujeitos de outras faixas etárias. Desta forma, percebemos que o programa BALE-FRUP cumpre seu objetivo que, segundo o Mediador A, é “[...] levar a leitura de várias formas e despertar o interesse pela leitura [...]”.

Ao indagarmos se a leitura literária já faz parte da vida dos sujeitos atendidos pelo programa, ou se esse contato se dá por meio do BALE-FRUP, o Mediador A pontua que o programa atinge os mais variados sujeitos, desde aqueles que já possuem o

hábito de ler, até aqueles que a leitura faz parte da sua vida, mas não de uma maneira tão frequente, bem como sujeitos que passam a ter contato com a leitura literária através do BALE-FRUP. Percebemos que o programa visa a estimular a leitura literária, possibilitando que o sujeito dê continuidade a um hábito que ele já possui, fortalecendo um gosto que já existe, como também apresenta a leitura literária a sujeitos que não tem costume de ler. Sendo assim, o programa age como um facilitador, pois, para muitos sujeitos, não é fácil ter acesso aos livros, até mesmo nas escolas que na maioria das vezes os docentes não incentivam o aluno a frequentar a biblioteca e ler obras literárias, ficando restrito somente a leitura de fragmentos de obras que estão no livro didático (MARTINS, 2007).

O Mediador B destaca que a grande maioria dos sujeitos atendidos pelo programa não são incentivados a ler em casa, assim, esse contato com a leitura literária acontece somente na escola. No entanto, sinaliza que esse trabalho feito na escola muitas vezes não desperta o gosto pela leitura literária, e que o BALE-FRUP atua para que os sujeitos atendidos reconheçam a importância da leitura literária. Com isto, constatamos que o BALE-FRUP, ao despertar o gosto pela leitura literária, estimula que esta prática passe a fazer parte da rotina dos beneficiários do programa, possibilitando também que algumas lacunas deixadas pela escola sejam preenchidas, sanando uma deficiência que existe no ensino de leitura. Como consequência disto, a leitura literária passa a acontecer também em casa, já que o sujeito desenvolveu o gosto pela leitura literária, bem como acontecerá uma leitura melhor na escola, uma leitura por prazer. O Mediador C reforça que o programa busca incentivar uma leitura por prazer e aponta a importância de iniciativas como a do BALE-FRUP: “sabendo que o nosso país tem um índice bem baixo de leitores. Justamente neste ponto que o programa objetiva atingir”. Além disto, indica que a leitura está presente na vida dos sujeitos atendidos pelo programa de formas diferentes, enquanto uns já possuem o hábito de ler, outros são iniciantes. Já o Mediador D considera que os beneficiários do programa são iniciantes, pelo fato do programa atender mais ao público infantil, mas reconhece a presença de sujeitos que já são leitores.

Diante do exposto, entendemos que o BALE-FRUP cumpre com a função de incentivar a leitura literária, pois se distancia de um trabalho mecânico criticado por Freire (1989), em que o foco principal é a memorização e dar conta de um grande número de leituras. A forma como o trabalho com a leitura é desempenhado no BALE-FRUP possibilita que muitos sujeitos sem acesso aos livros também se envolvam no mundo da leitura. Além disto, a mediação de leitura acontece de uma maneira prazerosa, sem trazer a leitura como uma obrigação. Ao questionarmos sobre o planejamento e como acontece a escolha dos textos, bem como quais gêneros textuais são mais trabalhados, os mediadores são unânimes ao responder que o BALE-FRUP faz um encontro semanal em que acontece o planejamento das atividades que serão realizadas. Ademais, nestes encontros, acontecem também discussões de textos teóricos. Os mediadores apontam que a escolha dos textos é feita por toda equipe. Tanto a coordenadora quanto os baleanos propõem textos, que são escolhidos de acordo com cada ação, adequando-se a necessidade do público que será atendido, são textos dos mais variados gêneros: romance, poema, conto, crônica e filme.

Com isto, observamos que no programa existe uma preocupação para ter uma mediação de leitura de qualidade, com planejamentos constantes, o que permite que as abordagens do BALE-FRUP sejam bem elaboradas. Isto é, cada abordagem do programa é pensada, o que permite ter um direcionamento melhor para cada público. As escolhas dos textos é outro ponto positivo, pois são trabalhados vários gêneros, o que possibilita que o público atendido pelo BALE-FRUP entre em contato com diferentes textos, podendo compreender as particularidades de cada gênero textual e perceber como cada um funciona. Sendo assim, as ações do BALE-FRUP não acontecem de qualquer jeito, mas, sim, por meio de atividades planejadas e a mediação de leitura é feita por sujeitos capacitados.

Ademais, a apresentação de vários gêneros textuais mediada pelo BALE-FRUP proporciona ao leitor compreender o funcionamento da sociedade de uma forma mais ampla, fator que acarretará uma melhor comunicação, uma boa defesa de

ponto de vista e um melhor conhecimento de mundo nos sujeitos envolvidos. Além do mais, a manifestação da literatura como preconizada por Candido (2004) pode ser vista e percebida, por exemplo, no devaneio amoroso ou econômico, até nas nossas relações com as novelas de televisão ou na leitura que fazemos de um romance. A literatura, na perspectiva do autor, é vista de maneira ampla, estando nas formas mais complexas de produção escrita e nas manifestações culturais e folclóricas de um povo. Em consequência disto, estamos a todo o momento entrando em contato, de certa forma, com alguma espécie de fabulação.

Pensando na importância da mediação para a conquista do leitor, questionamos quais métodos são usados para despertar o gosto pela leitura e, se após a apresentação leitora, há um momento de discussão, para que os sujeitos envolvidos exponham sua compreensão do texto. De acordo com Lajolo (2007), as propostas para uso do texto literário em sala de aula podem virar armadilhas para os professores que buscam respostas imediatas, das quais se propõem técnicas prontas, pois não existem técnicas milagrosas e as que assim apresentam-se são mistificadoras e podem aguçar o desencontro entre leitor e texto. Neste sentido, entendemos que os métodos para levar ao prazer da leitura podem ser organizados pensando-se no público alvo, por isto “é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia o texto nem o leitor” (COSSON, 2009, p. 56). Até porque um método pode funcionar para determinado público e, para outros, não. O importante é criar condições para o leitor interagir com o texto e fruir seus sentidos.

Com relação à motivação para formar leitores, constatamos unanimidade nas respostas, pois o lúdico é uma ferramenta usada pelo BALE-FRUP para atrair a atenção dos leitores em formação, pois como coloca o Mediador C, “as crianças são atraídas pelo lúdico, o colorido, os sons, diferentes formas, sendo assim dos cenários aos figurinos, procuram deixar esse momento o mais real e divertido possível”. Os mediadores projetam as experiências de leitura, incorporando-se a história e montando-se a caráter para se apresentarem teatralmente. Acreditamos que a leitura assim desempenhada deixa de ser vista como uma exigência ou obrigação

e passa a ser vista como deleite, já que na mente das crianças estas imagens ficam muito presentes, fazendo com que elas procurem os livros para alimentar a sua necessidade de envolver-se com a ludicidade e descobrir outros mundos nos livros.

Outro fator de destaque do BALE-FRUP é o encontro do livro com o leitor, como afirma o Mediador B, “levamos várias histórias e espalhamos, para que tenham contato físico com o livro”. Por se tratar de uma biblioteca ambulante, os livros são levados até o leitor, em sua maioria alunos da escola pública com uma biblioteca razoável no recinto, mas que, em muitos casos, não são incentivados a irem lá buscá-los. Já o BALE-FRUP mostra para o leitor em formação como o livro é importante para a concretização deste processo, ao chegar aos espaços espalhando livros, faz com que os envolvidos possam curiosamente tocá-los e sentirem-se motivados a lê-los. Este ato é muito importante por respeitar a seletividade do leitor e instigá-lo para buscar dentro do seu próprio gosto um livro com o qual se identifique, porque até mesmo o leitor proficiente pode se deparar com livros que não despertem o seu interesse.

Esta etapa, por acontecer desvinculada de atividades mecanizadas conforme os manuais escolares propõem, abre caminho para a construção dos sentidos que o texto literário requer. Logo, a interação proporcionada pelo grupo aponta que o trabalho desempenhado com o texto procura dar sentido ao mundo dos envolvidos. Neste aspecto, os mediadores relatam que, logo após a ação, é aberto o espaço para que seja explorado os mais variados sentidos apreendidos pelos leitores. o Mediador A informa que, para instigar este processo, “sempre convidamos alguém [...] para relatar sua experiência”, já o Mediador B diz: “fazemos perguntas [...] para ver se estavam atentos”, já o Mediador C afirma: “Esse momento acontece bem espontâneo, deixando que o sujeito tenha liberdade de construir sua própria compreensão do texto”. As técnicas para fortalecer uma maior interação do leitor com o texto são importantes, porquanto após “o processo de leitura literária precisa ser contemplado com práticas que levem a uma maior interação com o texto” (COSSON, 2009, p. 126). Neste sentido, o BALE-FRUP evidencia dispor de estratégias estimulantes para a fruição dos

sentidos do texto pelo leitor, dos quais eles possam agregar em seu conhecimento de mundo e levar para repercutir em sua vida.

A leitura também é uma forma de resistência para os sujeitos sociais, neste sentido, indagamos os mediadores como as ações do BALE-FRUP impactam na vida dos sujeitos, formando leitores críticos e conscientes, para que possam desenvolver seu próprio posicionamento diante dos fatos e ideias em circulação na sociedade. Sobre isto, os mediadores demonstraram reconhecer a importância da formação leitora crítica e consciente no seu público. O Mediador A evidencia que percebe como o interesse destes leitores em continuarem enveredando pelos caminhos da leitura é notório, já que os beneficiários do programa relatam estarem sempre lendo textos ou obras indicadas e também afirmam que o contato com a leitura colaborou para se expressarem melhor na sociedade. O Mediador C enfatiza que a formação crítica do leitor com opinião própria acontece, no público do programa, aos poucos. No entanto, aponta que nos mediadores esta formação se dá com mais força, devido ao constante contato com as leituras viabilizar a sua transformação social. Já o Mediador D entende que “[...] a leitura por si só nos forma seres pensantes e nós sempre buscamos levar histórias que possam ser relacionadas com situações da sociedade”.

As respostas sugerem que esses mediadores levam a leitura literária para os indivíduos pensando no crescimento do leitor dentro da sociedade. Neste contexto, as práticas do BALE-FRUP têm incentivado a formação leitora das comunidades em que atuam, ou seja, o resultado deste processo é visível e pode ser sentido pelos mediadores, quando os relatos dos próprios atingidos pelo programa mostram que eles estão em um processo de constituição leitora, além de manifestarem as melhorias proporcionadas pela leitura em sua vida. Entrevemos também como os mediadores acreditam estar contribuindo para formar os beneficiários do programa em leitores críticos, mas reconhecem que isto acontece conforme o leitor vai adquirindo certo repertório de leitura, como aparece na fala do Mediador C, que considera possuir esta competência devido ao contato com a leitura em seu dia a dia, ao contrário dos beneficiários que estão

começando a se envolver. Neste aspecto, como a leitura requer uma dada competência do leitor para dar sentido ao texto, não ficando apenas na pura decodificação, este processo, como afirma Lajolo (2007), deve expandir o leitor para que fique inspiração para o inter-relacionamento de determinado texto com suas próximas leituras. Sendo assim, só através dos mais variados textos, constitui-se um leitor crítico, pensante, agente e questionador. Para isso, o leitor precisa ter sede de leitura, pois sua leitura crítica o fará um forte, que consciente dos sistemas de opressão da sociedade procurará resistir sempre com seu posicionamento crítico, porque a leitura literária traz “[...] livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2004, p. 176).

É imprescindível, conforme Lajolo (2007), quando se discute sobre leitura, principalmente numa sociedade que visa à democratização dela, que os responsáveis pela sua iniciação sejam bons leitores e envolvam-se com o que lê. Assim, interrogamos os sujeitos da pesquisa sobre quais os impactos que o BALE-FRUP trouxe para a ampliação dos seus próprios repertórios de leitura literária. Analisando o *corpus*, entrevemos que nem sempre o mediador quando chega ao programa gosta de ler. Isto se evidencia no Mediador A ao afirmar que antes de ser baleano não gostava de ler e, quando praticava a leitura, era por obrigação do universo acadêmico, mas agora, atuando no programa, adquiriu o hábito de ler livros por prazer. Elucidamos que a leitura era vista de forma enfadonha para o mediador em questão, pelo fato de ter sido apresentada de forma mecanizada. Isto acontece, segundo Lajolo (2007), porque as estruturas internas do texto não são exploradas na atividade de leitura tornando-a reprodutora e repetitiva, impossibilitando que os sentidos do texto sejam fruídos pelo leitor, mas, com o conhecimento da leitura, o deleite e o entendimento de que ela pode ocorrer num lugar de maior liberdade, o leitor aceita incluí-la em sua vida.

Ainda de acordo com Lajolo (2007), isto acontece quando o ato de ler se torna livre para o leitor e sua leitura passa a ser respeitada no seu prazer e na sua aversão, a cada leitura e em

relação a cada obra. Já o Mediador D se define como leitor assíduo, mas expõe que o BALE-FRUP trouxe mais encantamento para o ato de ler. Como percebemos, tanto para o Mediador A quanto para o Mediador D, o BALE-FRUP atua positivamente no processo de formação leitora dos baleanos, já que o programa aproxima-os do texto literário levando o ato de ler para o cotidiano deles. Neste sentido, a mediação é um elemento muito importante para a formação do leitor, uma vez que, as práticas utilizadas no BALE-FRUP tem demonstrado surtir efeito nesta tarefa, pois apresenta a leitura de forma lúdica e prazerosa, tanto na formação das comunidades atingidas pelo programa, como também na própria formação dos mediadores. Essa formação leitora dos mediadores é essencial, por isto, é importante lembrarmos que para contribuir para a efetivação da democratização da leitura na sociedade se faz necessário o gosto pela leitura, por esta tarefa exigir dedicação e troca com o outro.

Conclusão

Partindo da compreensão de que a leitura literária é um elemento fundamental para a formação do sujeito, pudemos observar que o BALE-FRUP exerce um poder transformador, isto porque muda a realidade de muitos sujeitos que, com o incentivo do programa, passam a se inserir no mundo da leitura, bem como forma mediadores de leitura, que, ao entrarem em contato com a teoria, conseqüentemente desenvolverão uma melhor prática. Desta forma, percebemos que o BALE-FRUP se compromete para que o trabalho com a leitura literária seja feito da melhor forma possível, para isto cria um ambiente propício para que a leitura literária aconteça, juntamente com uma metodologia adequada.

Neste sentido, verificamos que o programa possibilita que a leitura literária esteja presente em diferentes lugares, atuando em parceria com as escolas, o que é muito importante, pois enriquece o ensino de leitura, além de proporcionar uma leitura prazerosa também fora do ambiente escolar. Identificamos, ainda, que o programa apesar de atender sujeitos de diferentes faixas etárias se dedica com maior frequência ao público infantil. Este

acompanhamento desde cedo é fundamental para a formação de leitores, bem como o incentivo depois da infância. Sendo assim, o BALE-FRUP contribui para que seja despertando o gosto pela leitura literária naqueles que ainda não possuem, e também dá condições para aqueles que já têm a leitura como um hábito continuem lendo. Deste modo, ao incentivar a leitura literária, o BALE-FRUP forma sujeitos críticos e capazes de interagir com seu mundo de maneira mais consciente.

Ademais, o BALE-FRUP leva a sério o seu objetivo que é despertar o gosto pela leitura literária, uma vez que os mediadores relatam estarem em constante preparação, sempre pesquisando temáticas relevantes para levarem seu trabalho da melhor forma possível para os espaços escolares e não escolares. Desta forma, constatamos em nossa análise não se tratar de qualquer trabalho, pois notamos que os leitores são cativados e motivados a adentrarem no texto de modo que possam se identificar com o universo da leitura.

Compreendemos, assim, que o BALE-FRUP mostra a importância do ato de ler, quando apresenta o livro como ferramenta fundamental para a formação do sujeito, fazendo o leitor entender a importância das bibliotecas em nossa vida, numa sociedade em que o acesso aos livros para alguns não é tão fácil. Neste aspecto, o aluno passa a perceber a importância de entrar em contato com os livros, para construir dentro do seu próprio gosto um repertório de leitura que repercutirá em melhorias para a sua vida. Desta forma, o leitor não fica restrito apenas ao conhecimento do livro didático. Outro ponto positivo do programa é mostrar para os sujeitos sociais que a atividade de leitura não é um exercício de decodificação, e sim um processo de interpretação, em que o leitor é livre, dentro das margens que o texto permite, para lhe atribuir sentidos.

Portanto, entendemos que o BALE-FRUP preza por um trabalho voltado para a transformação social dos envolvidos, pois, ao estimular o hábito de ler na sociedade, está inserindo uma ferramenta que abre a consciência dos sujeitos, para que vejam as desigualdades sociais e possam transformar a sua realidade.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

LAJOLO, Maria. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ERA UMA VEZ...
O BALEFRUP NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O QUE PENSAM E FAZEM OS
INTEGRANTES NAS OFICINAS?

Iure Coutre Gurgel
Mikaelly Adrienne da Silva Targino
Andreza Carla de Menezes Monteiro

Introdução

As mudanças atuais no sistema educacional brasileiro têm exigido de todos os envolvidos neste processo educativo o compromisso em desenvolver um trabalho pedagógico planejado e que tenha como objetivo contribuir com a melhoria na educação. No contexto da educação infantil, este cenário não é diferente.

Embora muitas crianças já tenham experiências de leitura que trazem de casa, na escola, elas encontrarão um ambiente formal, onde a leitura, na maior parte das vezes, é utilizada como meio de se trabalhar um determinado conteúdo, perdendo, assim, o caráter lúdico que apresentava em casa.

Partindo disso, a presente pesquisa tem como objetivo sistematizar teorizações relativas à contação de histórias a partir das oficinas desenvolvidas pelo projeto: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, no município de Frutuoso Gomes-BALEFRUP, no contexto da Educação Infantil, considerando-se as especificidades das crianças e da leitura como objeto de aprendizagem, bem como analisar o trabalho desenvolvido pelos mediadores das oficinas em uma escola da rede municipal de ensino.

Sabemos que a Educação Infantil é reconhecida legalmente hoje como primeira etapa da educação básica, portanto, direito da criança e de sua família e dever do Estado, tem uma história recente permeada por avanços e recuos. (RIO GRANDE DO NORTE, 2018).

Dentre os avanços ocorridos, destacamos a relação entre o brincar, cuidar e educar, como meios que favoreçam o desenvolvimento sócio-cognitivo infantil, a partir de múltiplas experiências em sala de aula. Compreendemos, dessa forma, que as crianças são sujeitos ativos, concretos e que se desenvolvem por meio das interações, diálogos e brincadeiras e por meio da mediação de um adulto. Assim,

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017, p. 39).

Concordamos com Brasil (2017), quando destaca a necessidade de múltiplas atividades na educação infantil como meio de possibilitar a criança experiências por diferentes campos do conhecimento como meio de aprendizagens necessárias para promoverem seu desenvolvimento. Dentre essas vivências, destacamos o contato com a literatura infantil, por meio de atividades a partir de contação de histórias, manuseio de livros infantis, reconto das histórias, enfim, o contato da criança no universo literário.

A literatura na escola torna-se um elemento de real necessidade, tendo em vista as possibilidades de conhecimentos que podem proporcionar as crianças e, assim, contribuir para desenvolvam emoções, a imaginação, princípios éticos e valorização pela leitura. Patte (2012) relata que a leitura literária faz com que a criança apreenda o mundo, pois há uma junção do mundo imaginário com o real. Desse modo, os docentes devem incentivar as crianças a recontar, observar e escutar a história até o final. Coelho (2000, p. 5), em seu livro *Literatura Infantil: teoria, prática e didática*, menciona que:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas

pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 2000, p. 5).

Nessa perspectiva, propomo-nos, nesta pesquisa, a discutir acerca da relevância que a prática da leitura literária exerce no contexto da educação infantil para a formação do leitor. Nesse sentido, elencamos como questão norteadora da nossa pesquisa: Como o Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, em particular no município de Frutuoso Gomes, tem trabalhado com a leitura literária nas oficinas desenvolvidas?

A metodologia que alicerça nossa pesquisa foi desenvolvida, a partir de uma pesquisa constituída de estudos bibliográficos, bem princípios da abordagem qualitativa, entrevista semiestruturada e análise documental. Para o embasamento teórico, respaldamo-nos nas contribuições de autores como: Brasil (2017), Villardi (1997), Bettelheim (2001), Cavalcanti (2002), Abramovich (1997), entre outros.

Assim, diante de algumas inquietações e vivências enquanto estudantes/pesquisadores e como profissionais na área, surgiu a necessidade de sistematização e ampliação de conhecimentos acerca da leitura literária e seu aprendizado no contexto da Educação Infantil, por acreditarmos no papel de grande relevância que a leitura exerce no desenvolvimento infantil.

Conhecendo o BALE

O BALE,significa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, e surgiu há mais de dez anos atrás, em 2007, quando duas professoras, Maria Lucia Pessoa Sampaio e Renata Mascarenhas, ambas professoras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAM), dos cursos de Pedagogia e Letras, que, inquietadas com a necessidade de levar a leitura a crianças que não tinham acesso ao livro e à leitura, elaboraram um projeto que possibilitasse atender a esse desejo. (FREITAS, VIEIRA; SAMPAIO, 2016).

Atualmente, o programa conta com a coordenação geral da profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio, e mais cinco coordenadoras dos canteiros citados acima, desenvolvendo atividades em Pau dos Ferros e região. Além disso, o BALE se estendeu a outras cidades, expandindo suas atividades como: BALE-FRUP na cidade de Frutuoso Gomes, BALE Dantense na cidade de Francisco Dantas, BALE Portalegre na cidade de Portalegre, BALE Micaelense na cidade de São Miguel. Para que as atividades ganhem forma, o programa possui uma bolsista, que fica responsável por acompanhar as atividades do programa, há ainda, os voluntários que são discentes do CAPF/UERN, bem como pessoas da comunidade paufferrense e cidades vizinhas que contribuem de forma significativa no funcionamento do programa.

Assim, o objetivo do BALE é viabilizar o acesso ao texto literário e estimular o gosto pela leitura nas comunidades paufferrense, umarizalense, frutuosense e cidades vizinhas, favorecendo o contato com várias obras literárias, o que se constitui como um ponto de partida para a democratização da leitura. De forma lúdica e divertida, o programa tem atendido tanto em espaços escolares como também em espaços não escolares desde 2007 (SAMPAIO; TORRES, 2016).

Destacamos em nossa pesquisa, o nosso olhar para o BALE que é desenvolvido no município de Frutuoso Gomes/RN- BALE FRUP, onde as atividades se destacam pela amplitude de ações desenvolvidas, por meio do atendimento a diferentes públicos, com o objetivo de fortalecer a construção de uma comunidade leitora.

Reflexões iniciais sobre o papel da leitura

Ao buscar a origem da palavra *leitura*, descobrimos que ela deriva do latim *legere*, que significa “escolher, pegar, colher” remetendo a um sentido voltado à agricultura, expressado na locução latina *legeres oculis*, “colher com os olhos”. Nesse contexto histórico, de origem e significados linguísticos, compreendemos que a leitura transcende espaços físicos e geográficos,

proporciona caminhos frutíferos, que demandam uma escolha de quem a busca, entre regar e colher conhecimentos.

Embora seja um mundo aberto, chegar ao encontro do espaço literário requer um convite, que pode partir da escola, do educador, dos pais ou da própria curiosidade da criança em saber o que está escrito em um folheto ou placa na rua. A busca pelo “sim” a esse convite, por vezes, não é fácil. Indicadores da qualidade na Educação, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) revelou que o Brasil possui baixa proficiência em leitura, retratando um grande obstáculo na trilha educacional. Nesse contexto, mensuramos a importância e a necessidade de, desde cedo, se apresentar e instigar a leitura em sala de aula, como um instrumento de mudança social e pessoal.

Documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), 2017, que prevê a progressão das atividades de leitura em práticas diversas e a formação do leitor-fluidor, permitam ao educando fazer apreciações estéticas, éticas, políticas e ideológicas a partir da leitura. Para tanto, requer-se uma prática pedagógica alicerçada na busca pelo desenvolvimento intelectual, cognitivo e social do educando, garantindo-o oportunidades de reflexão crítica, criação autônoma e interação. Partindo desse pressuposto, a literatura infantil apresenta-se como uma atividade fundante e suscitadora de questionamentos, por sua capacidade de aliar a aptidão imaginativa, característica inerente ao mundo infantil, às situações reais que porventura cercam o espaço vivencial do aluno. As contribuições das Instituições de Ensino nesse processo é grandioso, pois

Preservar as relações entre literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto comum a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

Concomitantemente a isso, Zilberman (2003) afirma que a atividade com a literatura infantil está associada a uma função formadora. Além disso, é possível enfatizar que a literatura tem o papel de aprimorar o conhecimento infantil sobre o mundo, no

sentido de resgatar e conscientizar a criança leitora que já é cidadã, para realizar suas escolhas e transformar de maneira mais consistente os posicionamentos sobre determinados aspectos sociais. Por isso, a grande relevância em despertar na escola o prazer pelos momentos de leitura, sejam eles individuais, coletivos ou de contação, por meio da literatura oral ou escrita, mas que seja capaz de tocar e plantar uma semente, a fim de sensibilizar para a responsabilidade social atribuída a todos. Diante disso, a escola é a principal colaboradora em garantir esse acesso.

Consideramos as reflexões propostas por Silva (1985, p. 22-23) pertinentes, quando diz que “a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não-racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade)”. Nesse sentido, através da leitura, o indivíduo além de absorver novos conhecimentos, usa-os em seu processo de construção e aperfeiçoamento, enquanto um construtor de ideias e não repetidor delas.

Ainda de acordo com Silva (1998 p. 56), “em certo sentido, a leitura de textos se coloca como uma ‘janela para o mundo’. Por isso mesmo, é importante que essa janela fique sempre aberta, possibilitando desafios cada vez maiores para a compreensão e decisão do leitor”. Com isso, o papel da leitura é também desenvolver a consciência analítica e crítica, formar pontos de vistas que se centralizem em conhecer o todo e, assim, dê possibilidades ao que se lê e ao que se pode criar a partir do texto lido. Por sua vez, a escola deve possibilitar experiências diversas com a “janela” literária, criando atividades que permitam os educandos desenvolverem prazer na leitura. Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dizem que

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade (BRASIL, 2001, p. 54).

Portanto, a leitura ocupa lugar central no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança, bem como em todo seu crescimento e formação como indivíduo consciente. As Instituições Escolares tornam-se fator necessário na aquisição e permanência do hábito de leitura, devendo motivar os educandos a vislumbrarem o valor significativo do que se lê, seja para obter informações, agregar conhecimentos, estabelecer comunicação ou por prazer, possibilitando a construção e o fortalecimento de ideias. A leitura sempre moldou as discussões em sala de aula, inspirou conhecimento e indagações e sua utilização é um convite para “colher frutos com os olhos”.

Assim sendo, reportamo-nos a Saldanha (2016, p. 1169), quando reflete que “do mesmo modo, propiciar o contato com o texto literário é reconhecer que a literatura contribui significativamente para a formação do indivíduo enquanto pessoa que tem sentimentos, emoções, problemas, conflitos, sonhos, desejos”.

Infância, leitura literária e escola: um triângulo amoroso

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo [...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve [...]. (Abramovich, 1993).

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da Educação Básica, oferecida em creches e pré-escolas que atendem a crianças de 0 a 5 anos de idade. Conforme apontam os documentos oficiais, o eixo norteador do trabalho pedagógico alicerça-se nas interações e brincadeiras. Assim, “garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens” (BRASIL, 2010, p.18).

Nesse pensar, destacamos que o trabalho com a leitura na educação infantil precisa possibilitar a criança o contato com obras literárias, práticas de contação de histórias e oportunizar as crianças que recontem. Enfim, um trabalho em que não valorize apenas ensinar a criança o sistema alfabético, mas, sim, que a oportunize múltiplas vivências com a diversidade textual e assim, desperte-lhes o prazer pelo ato de ler.

Com relação às práticas de leitura e escrita, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) apontam que se faz necessário propor às crianças “experiências de narrativas de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”. (BRASIL, 2010, p.25)

Concordamos com Ferreiro (1987, p. 21), ao destacar que “[...] aprender a ler começa com o desenvolvimento do sentido das funções da linguagem escrita. Ler é buscar significado, e o leitor deve ter um propósito para buscar significado no texto”. Contudo, o que se observa é que, apesar de ser considerado tão importante, o gosto de ler nem sempre é desenvolvido na escola, visto que a leitura restringe-se a uma atividade feita por obrigação. Desse modo, o aluno lê na escola não pelo prazer que a leitura lhe proporciona, mas por saber que é algo que precisa ser feito, como cumprimento de uma atividade escolar. (VILLARDI, 2005).

Assim, Villardi (2005) sugere que o objetivo de formar leitores para a vida toda é uma tarefa que “[...] requer, inicialmente que a leitura seja tratada naquela perspectiva mais ampla, e também que o material sobre o qual o professor trabalhe seja capaz de levar o aluno a descobrir a sua capacidade libertadora e criativa” (VILLARDI, 2005, p. 11).

Sobre este aspecto, podemos nos referir ao pensamento de Abramovich (1997), quando enfoca que o primeiro contato que a criança tem com a leitura é através da audição. É ouvindo histórias que a criança aprende a se emocionar com uma boa leitura. A autora revela seu pensamento dizendo: “Ah, como é bom para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito

de descoberta e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16). Portanto, o aspecto emocional torna-se relevante na formação do leitor.

Ressaltamos a importância que há entre a criança e o livro literário, no sentido de se estabelecer uma relação dialógica e capaz de propiciar uma viagem rumo ao conhecimento, ao mundo da imaginação e da fantasia. Assim, Colomer (2007, p. 159) complementa: "A leitura literária pode expandir o seu lugar na escola através de múltiplas atividades, que permitam sua integração e conferência com outros tipos de aprendizados."

À medida que a criança participa de atividades literárias por meio da contação de histórias, círculos de leitura, oficinas de leituras, dentre outras, ela estabelece uma relação próxima com o conhecimento, no sentido de se apropriar de um universo variado de fantasias, sonhos, aventuras. A leitura numa perspectiva interacionista nos traz uma nova forma de pensar esse processo de aprendizagem, superando a dimensão monológica da escrita. Segundo Solé (1998), Colomer e Camps (2002) e Smith (1999), ler é compreender e construir o significado do texto escrito, é produzir sentido, é interagir com o texto em busca de um objetivo.

Para Zilberman (2003), porém, diferentemente da alfabetização, que tende a ampliar-se cada vez mais, a leitura de literatura tem-se tornado rara no ambiente escolar se comparada a outros projetos desenvolvidos na escola, talvez por ser diluída em meio a vários tipos de discursos ou de textos, ou porque tem sido substituída por compilações e resumos. Para tanto, é necessário que haja o letramento literário: “empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária” (ZILBERMAN, 2003, p. 258).

Dessa forma, a experiência literária dar-se-ia com o contato efetivo com o texto, assim, o prazer da estética não é entendido como algo que distraia o leitor, mas como conhecimento, fruição, participação e como uma experiência entre o leitor e o objeto de leitura (VILELA, 2005).

Quando a literatura infantil “provoca emoções, dá prazer ou diverte, ela é vista como arte, porém, ao assumir seu caráter

transformador e direcionador, ela torna-se necessariamente formadora” (COELHO, 2000, p. 46).

Corroboramos com Candido (2011, p.176) quando afirma em seus estudos que a literatura é um direito e, nesta perspectiva, a escola não pode prescindir de democratizá-la às crianças, jovens e adultos. O autor entende a literatura como parte importante do processo de constituição da subjetividade e de humanização. Nesse sentido, a escola exerce uma função essencial, pois oportuniza a todas as crianças o contato com a literatura, o contato com o livro, permitindo a todos os indivíduos o contato com a arte da palavra.

Como afirma Corsino (2003), o trabalho com a literatura é um dos elementos essenciais para uma educação que priorize a apropriação e a produção de outros saberes. Saberes esses que ajudam no desenvolvimento da personalidade, do caráter e da formação integral do leitor, tornando-o um ser mais crítico. Assim,

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário (poesia ou prosa) que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar (PRADO, 1996, p. 19-20).

Nesse pensar, observamos a importância em proporcionar a criança o contato desde cedo com o livro, pois, assim, irá desenvolver sua imaginação, fantasiar e assim, desenvolver a autonomia necessária a formação do leitor.

O que nos revelam alguns dos baleanos sobre o trabalho com a leitura literária desenvolvida pelo BALE-FRUP?

Participaram da nossa pesquisa dois integrantes que compõem a coordenação de atividades desenvolvidas pelo BALE-FRUP. Ambos já integram o programa desde o início.

Por questões éticas, os denominaremos de Chapeuzinho vermelho e Pinóquio. Dentre as questões realizadas em nossa entrevista com os participantes, destacaremos aqui, as que consideramos essenciais para enriquecer as experiências desenvolvidas pelo BALEFRUP.

A integrante Chapeuzinho Vermelho é graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, com especialização em linguagem e Interculturalidade também pela UERN. Já o integrante Pinóquio, também é graduado em Pedagogia pela UERN e especialista em Linguagem e Interculturalidade também pela UERN.

A partir das leituras que desenvolvemos e das sistematizações bibliográficas, percebemos que a criança passou a ter uma maior visibilidade no contexto educacional, nas pesquisas e de certa forma, no planejamento do educador.

A educação de crianças enquanto seres ativos e concretos que estão em pleno desenvolvimento é resultante de processos de mediações, interações e apresenta assim, caráter pedagógico, exigindo, dessa forma, devido suas especificidades, a relação entre o cuidar, educar e brincar, o que de certa forma exige suas relações com outros sujeitos, resultantes em modos de agir, criar, imaginar, fantasiar, simbolizar e pensar. Igualmente, exige das instituições de educação infantil um trabalho planejado e voltado a atender as necessidades e especificidades destas crianças.

Assim sendo, dialogamos com os participantes da nossa pesquisa e os indagamos inicialmente sobre o que achavam da importância de se trabalhar com a leitura na infância. Como respostas, obtivemos:

Chapeuzinho Vermelho: Leitura na educação infantil é muito importante. Sabemos que a leitura é necessária para todos os seres humanos, e na educação infantil sem dúvida. É por meio da leitura que ampliamos nossos conhecimentos e temos a oportunidade de viajar por diferentes lugares.

Pinóquio: reconheço que o trabalho com a leitura é de primordial importância para o desenvolvimento infantil. É por meio da leitura que oportunizamos aos leitores o contato com o livro, a

conhecer novas histórias, darem asas a imaginação e assim, ampliar seus conhecimentos e desenvolverem o hábito da leitura.

Diante do posicionamento dos integrantes do BALEFRUP, percebemos que ambos destacam a importância da leitura para a formação humana. Os baleanos destacam que o contato da criança com a leitura e a obra literária oportuniza uma viagem ao mundo imaginário, no qual as crianças dão asas a imaginação e, assim, vão criando o hábito pela leitura

Do exposto, podemos perceber o quanto é essencial todo trabalho pedagógico do professor. As ações a serem desenvolvidas pela escola precisam estar voltadas a atender as necessidades das crianças, visando propiciar situações ricas e diversificadas, em que o diálogo, a leitura em voz alta, o reconto das histórias e as interações entre as crianças sejam atividades permanentes atendendo assim, as especificidades destes educandos. Em se tratando do BALEFRUP, não é diferente. Todo trabalho desenvolvido pelosicineiros é planejado, dialogado com as escolas que participam das ações desenvolvidas, para que, dessa forma, insiram em seus planos de ações, as atividades desenvolvidas pelo BALE como um trabalho consolidado e que contribui para a melhoria da qualidade da educação.

Prosseguindo nosso diálogo com os baleanos, questionamos sobre como trabalham com a leitura literária durante as contações de histórias para as crianças.. os entrevistados destacaram que:

Chapeuzinho Vermelho: Procuramos trabalhar com a leitura literária por meio das contações de histórias, tentando encantar as crianças, onde trabalhamos com contos, histórias sobre valores morais, ensinamentos, enfim, dialogamos com as escolas para sabermos a necessidade e aí planejamos nosso trabalho.

Pinóquio: Procuramos trabalhar com a literatura nas escolas de forma viva. Em que as crianças viagem conosco a partir das contações, procuramos trabalhar com diferentes gêneros, no sentido de possibilitarmos o contato da criança com a diversidade textual. Sempre planejamos histórias sobre ensinamentos, magias,

contos sobre fadas, bruxas, reis, enfim, as ações do BALE-FRUP visam contribuir com a formação leitora da criança.

Conforme explicitam nas falas acima, percebemos que a prática da contação de histórias é uma atividade permanente desenvolvida pelo BALE-FRUP. Conforme apontam os entrevistados, o cuidado em ver qual o livro mais adequado, a oportunidade em disponibilizar livros para os alunos e a preocupação em deixá-los ler com autonomia são atividades significativas e planejadas, tentando oportunizar a todos o contato com o livro e o encantamento da literatura.

Percebemos, ainda, conforme as proposições do personagem Pinóquio, que todo trabalho desenvolvido pelo BALE-FRUP é planejado, discutido entre o grupo, pensado na/para criança, no sentido de contribuir com a formação do leitor, à medida que oportuniza a criança o contato com o livro, em que realiza a leitura do mesmo e tem a possibilidade de imaginar, criar e fantasiar, viajando pelo mundo da literatura e da imaginação.

Assim, vemos que as falas dos entrevistados corroboram com o que Kramer destaca, quando afirma “[...] É preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos [...]” (KRAMER, 2006, p. 20). Tais práticas de leitura propiciadas em meio às situações lúdicas e ao exercício da escuta contribuem para que as crianças exercitem sua imaginação e pensamento e com isso façam uso dessas linguagens. É, portanto, em um ambiente linguisticamente possibilitador, que as crianças desenvolvem seus saberes, participando das práticas sociais significativas com essas linguagens, contextualizadas, reconhecendo seus usos e funções (RIO GRANDE DO NORTE, 2018).

Por fim, indagamos aos baleanos participantes da nossa pesquisa, a fim de saber quais eram as reações das crianças nos momentos destas atividades com a leitura literária. Os mesmos pontuaram que:

Chapeuzinho Vermelho: Sempre observo que a maioria das crianças adoram esses momentos de contação de histórias, de manusear os livros, de recontar a história. Vejo também que

muitos alunos só tem esse momento lúdico com a leitura aqui na creche, em casa, falta incentivo e muitos não tem livros também. Pinóquio: É muito gratificante para eles e para nós, responsáveis pelas oficinas. também. Fico tão feliz quando vejo todos pegando o livro, recontando, mostrando: olhe um cachorro! Ele é feroz. Alguns ainda nem falam bem, mas já recontam, ficam atentos. Isso é muito importante para a aprendizagem deles.

Diante do posicionamento dos baleanos, observamos que as atividades planejadas envolvendo a leitura literária ganham vida na escola. É perceptível, conforme as docentes pontuam, a interação entre as crianças, o nível da felicidade, o momento de explorar o livro, de ler as imagens, compartilhar com os colegas, enfim, observamos que são por meio destas experiências que a escola possibilitará a construção de crianças leitoras. Como propôs Vygotsky (1998), o aprendizado da leitura não precisa se fazer de forma mecânica, de forma dissociada das significações, da linguagem como prática. Praticar a leitura na educação infantil é justamente possibilitar as crianças essa viagem ao imaginário infantil. É construir práticas de inserção das crianças a atividades significativas e que possam contribuir para o seu aprendizado.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo sistematizar teorizações relativas à contação de histórias a partir das oficinas desenvolvidas pelo BALE-FRUP, no contexto da Educação Infantil, considerando-se as especificidades das crianças e da leitura como objeto de aprendizagem, bem como analisar o trabalho desenvolvido pelos mediadores das oficinas em uma escola da rede municipal de ensino.

Se desde a infância, as crianças tiverem a oportunidade de contato com o universo literário e forem inseridas em atividades significativas envolvendo as práticas de leitura, estas ações serão imprescindíveis para a formação de alunos leitores. Acreditamos dessa forma, que a literatura infantil precisa ganhar a visibilidade necessária em múltiplos espaços da nossa sociedade, no intuito

de propiciar o contato leitor com o livro literário, e assim, expandir horizontes.

Assim, por meio dos depoimentos dos baleanos participantes da nossa pesquisa, constatamos que o momento da contação de histórias configura-se como uma atividade permanente, não como momento de silêncio e disciplina, bem como para preencher tempo vazio durante a operacionalização das oficinas, mas, sim, como estratégias que favoreça o incentivo e prazer para a criança desde a primeira etapa da educação básica, possibilitando o contato com atividades significativas e configurando-se como singular para o desenvolvimento infantil.

Constatamos, assim, que o Programa BALE-FRUP consegue, por meio de um trabalho planejado, articulado e colaborativo, desenvolver ações significativas no município de Frutuoso Gomes, com o objetivo de implementar u trabalho voltado a criação de sujeitos leitores e que a literatura ocupe um lugar de destaque no sentido de possibilitar o acesso a todos os cidadãos a uma leitura literária de qualidade e como destaca Amarilha (2013, p. 82), a literatura tem a função de “[...] provocar a ruptura do real, alargar as possibilidades de percepção do leitor fazendo uso do simbólico [...]”.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola**. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

BRASIL,. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global Editora, 2003.

CORSINO, Patrícia. Literatura e infância: limites e possibilidades da literatura infantil para crianças de zero a seis anos. In: **Educação Infantil**: Catálogo de documentos. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2003.

FERREIRO, Emilia. **Os processos de leitura e escrita**: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In. MEC/SEB. **Ensino fundamental de nove anos**; orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco. 2012

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RIO GRANDE DO NORTE. **Documento curricular do Estado do Rio Grande do Norte**: educação infantil [recurso eletrônico]. Secretaria da Educação e da Cultura. Natal: Offset, 2018.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. Experiências exitosas de práticas de leitura e formação de leitores: Biblioteca ambulante e Literatura nas escolas, **Revista Linha Mestra**. Ano X. n. 30, 2016, p. 1167-1171

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; TORRES, Maria Gorete Paulo; SOUZA, Míria Helen Ferreira de. Ler é encantar-se, configurar-se e transformar-se numa ‘terceira história’: a autoformação no programa biblioteca ambulante e literatura nas escolas (bale). In: **Leitura em Revista iiLer** / Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio n.8, mai., 2015, p. 11-27.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. 1998a. São Paulo: Martins Fontes.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitmark/Dunya, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. Ver. Atual e ampl. São Paulo: Global, 2003.

BONS LEITORES, BONS PROFESSORES: O QUE O BALE-FRUP NOS ENSINOU

Francinete Alves Ferreira
Soraya Nunes dos Santos Pereira

Introdução

Vivemos numa sociedade em constantes transformações que a cada dia exige dos cidadãos o desenvolvimento da habilidade do ato ler, isto porque a leitura nos liberta e nos faz enxergar um mundo antes desconhecido até o momento que começamos a ler. Ela possibilita o enriquecimento do vocabulário e familiaridade com a escrita, além de muito mais outros aspectos.

Ler é um procedimento que envolve leitor e texto na busca por compreender ou dar significado ao que se lê, todavia a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele.

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou na linguagem escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 11-12).

Nessa perspectiva ao ter acesso à leitura, o sujeito precisa obter um posicionamento crítico acerca do que é expresso no texto, ou seja, compreender a relação entre o texto e o contexto. Acordando com essa ideia, Martins (2006, p. 15) afirma que “Aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele”. Dessa forma, pode-se considerar que talvez parta daí a importância de se mediar e incentivar às práticas de leitura. Trazemos neste ponto, o

programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), mais especificamente o BALE-FRUP da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – para fundamentar nosso interesse pelo assunto formação do leitores, isto é, a relação entre bons leitores e bons professores. Para isso, iniciaremos apresentando um breve histórico do programa BALE-FRUP e demonstraremos o nosso interesse de pesquisa e seus resultados.

O BALE-FRUP surgiu do projeto de extensão BALE. Conforme salientam Freitas, Vieira e Sampaio (2016), foi idealizado por meio das professoras Maria Lucia Pessoa Sampaio e Renata Mascarenhas, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/*Campus* Avançado de Pau dos Ferros, dos Cursos de Pedagogia e Letras respectivamente, a partir da necessidade de levar a leitura a crianças que não tinham acesso ao livro e à leitura. Em 2012, passou de projeto para programa de extensão vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino e Aprendizagem (GEPPE/UERN/CAPF) do Departamento de Educação – DE. Hoje já se encontra em sua 13ª edição, e já viajou por vários lugares, inclusive para países como Chile e México. (OLIVEIRA, 2016)

De acordo com Sampaio, Rêgo e Saldanha (2020, p. 554),

As atividades do BALE objetivam o incentivo à leitura, a formação e autoformação de leitores, a fim de despertar o prazer pela leitura de forma lúdica, contribuindo para a democratização do acesso aos livros àqueles marginalizados pela sociedade, em que bens preciosos como educação, cultura, esporte, lazer, lhes são faltosos.

Segundo Torres, Sampaio e Silva (2019), o BALE se expandiu para Umarizal(RN), para Frutuoso Gomes (RN) e, em 2014, para Patu(RN), surgindo, assim, o BALE-FRUP, coordenado e supervisionado pela Professora Doutoranda Maria Gorete Paulo Torres que atendeu um convite de sua orientadora a Professora Doutora Maria Lúcia Pessoa Sampaio.

Vale salientar que na 7ª edição o BALE-FRUP também se expandiu e passou a ter em sua equipe os alunos do Núcleo

Avançado de Ensino Superior de Umarizal (NAESU), do Campus Avançado Maria Eliza Albuquerque Maia (CAMEAM/UERN). Assim, essa equipe é composta pela coordenadora, dois bolsistas e dezoito voluntários do meio acadêmico e da comunidade e atende em espaços escolares e não escolares.

O BALE-FRUP reconhece que fomentar o gosto pela leitura de forma estratégica e dinâmica é um desafio, pois os leitores precisam ser despertados, motivados a conhecer o novo e a gostar de ler, por isso, em 2012, através do BALE, ampliou o seu campo de atuação em cinco ações: BALE ponto de leitura, que trabalha com a literatura como arte da palavra a partir de atividades como as rodas de leitura; o BALE em cena, que envolve as artes cênicas e circenses; o Cine BALE musical, que trabalha a arte cinematográfica e a musical; o BALE formação, que se preocupa com a formação dos mediadores de leitura, e a ação BALE net, que desenvolve um trabalho voltado para a arte digital, com isso, envolvendo um maior número de pessoas, tanto os mediadores de leitura, quanto as pessoas beneficiadas nas escolas e nas comunidades.

Filgueira, Temóteo e Filgueira (2020) desenvolveram uma pesquisa visando compreender o processo de mediação leitora que se desenvolve no BALE-FRUP e encontrou, em suas análises, que os participantes do programa reconhecem o valor do programa e sua influência na formação leitora de cada um deles, tornando-os leitores mais assíduos e, além disso, o BALE-FRUP contribuiu para torná-las “mais comunicativas, interativas, conseguindo superar até mesmo alguns medos pessoais como falar em público, por exemplo”. Isto nos impulsionou, a partir do desenvolvimento e êxito das ações do BALE-FRUP, a pensar no professor que faz a mediação a aprendizagem da leitura na sua prática docente, pois concebemos que

Aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual a criança se capacite sozinha. Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é o (a) professor (a) figura fundamental na história de cada um dos alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício, por isso precisa

revelar-se um (a) leitor (a) dedicado (a) e uma forte referência para seus aprendizes. (FERNANDES, 2003, p. 62).

Observando os bons resultados obtidos através das ações do BALE, pois já conseguiu chegar a um público de 51.727 pessoas (BEZERRA, 2020) e do BALE-FRUP, começamos a nos perguntar: o que será que o professor pensa sobre a leitura? Será ele um bom leitor? Há relação entre ser um bom leitor e um bom formador de leitores? Quais as habilidades para ser um bom leitor? Quais habilidades para ser um bom formador de leitores? Considerando tais questionamentos, realizamos um estudo de caso com uma professora da Escola Municipal Desembargador Manoel Maia de Vasconcelos, no município de Catolé do Rocha/PB, em uma turma multisseriada de Educação Infantil ao 2º Ano, na tentativa de obter tais respostas, ao mesmo tempo em que analisariamos a luz de teorias e fundamentos sobre a leitura, leitores e professores.

Ler, leitura, leitores e formadores de leitores

Ler, na sociedade atual, tornou-se algo extremamente necessário ao ser humano, dado que vivemos em uma sociedade em constantes transformações em que a cada dia exige dos cidadãos o desenvolvimento da habilidade do ato ler. A leitura nos liberta e nos faz enxergar um mundo antes desconhecido, ela possibilita o enriquecimento do vocabulário e familiaridade com a escrita. De acordo com Solé (1998, p.93-99),

Ler para obter uma informação precisa, ler para seguir instruções, ler para obter uma informação de caráter geral, ler para aprender, ler para revisar um escrito próprio, ler por prazer, ler para comunicar um texto a um auditório, ler para praticar a leitura em voz alta, ler para verificar o que se compreendeu.

Entende-se, então, que ler é construir sentido no texto, é também atribuir um significado ao texto, a partir da interação entre leitor/texto. Cada leitor interage com o texto de forma diferenciada atribuindo sentido à leitura de acordo com seus

objetivos. Assim, o texto é direcionado ao leitor e este, por sua vez, busca construir o seu significado. Pereira, Souza e Kirchof (2012) afirmam que o ato de ler transcende à simples decodificação, compreensão e interpretação do signo linguístico, porquanto pressupõe o ato de dar sentido ao texto, o que estará sempre na dependência da vivência histórica do sujeito, do seu modo de pensar e olhar o mundo.

Consoante este pensamento, Vygotsky (2000) afirma que a leitura mecânica atrapalha a apropriação da cultura e o desenvolvimento dos processos psíquicos, por isso, o leitor precisa saber por que está lendo, com que finalidade, o que buscar na leitura e como fazê-lo para que essa atividade não seja apenas uma prática mecânica. O autor esclarece que o leitor pode aprender a traçar as letras e formar palavras, mas, se não consegue atribuir sentido ao texto, não aprendeu a língua escrita, uma vez que a transformação da palavra escrita em som não passa de uma atividade mecânica.

Não poderíamos deixar de citar Freire (2008), cujas ideias também convergem para as práticas de leituras como um processo que ocorre entre as subjetividades dos participantes das atividades leitoras e podem ser desenvolvidas nos mais diversos espaços. Para o autor, a leitura de um texto sempre será precedida pela leitura do mundo o que possibilita aos sujeitos alcançar através de práticas de leitura, não somente um conhecimento pré-estabelecido, mas uma leitura que possa contribuir para a compreensão do mundo que o rodeia. Desta forma, a leitura não se limita ao simples ato de decodificar os signos linguísticos, a prática da leitura vai muito além, e a partir dela que temos a possibilidade de melhorar a leitura que realizamos sobre o mundo. Assim sendo, a leitura pode ser vista como um meio de libertação, pois ela é uma porta pela qual podemos decifrar o mundo.

Foi nos respaldando nestas concepções que formulamos as questões aqui apresentadas, pois muitas vezes os professores ensinam a ler, mas não concebem o ato de ler como algo dinâmico e que proporciona a interação, a liberdade e a autonomia do indivíduo. A leitura, em muitos casos, tem sido uma atividade profundamente tortuosa e estratificada na sala de

aula, dessa forma, o aluno habituou-se às estratégias que não desenvolvem o prazer de ler, pelo contrário, reprime-o. Lamentavelmente, o ensino de leitura ainda é desenvolvido através de práticas pedagógicas conservadoras, associadas ao conteúdo e atividades dos livros didáticos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), amplamente divulgados entre professores desde a época de sua implantação, defendem que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc. não se trata apenas de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1997, p. 41).

Portanto, a leitura ocorre quando o leitor passa a assumir um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. Todavia, esse processo não ocorre de forma espontânea, mas requer do leitor diferentes habilidades de compreensão para atribuir sentido ao que ler. Tornar-se leitor não é uma habilidade adquirida, mas construída e esta, por sua vez, não ocorre como em um passe de mágica, o leitor passa por diferentes níveis de leitura desde a pré-escola e conforme sua faixa, o desenvolvimento de suas habilidades e o interesse torna-se leitor proficiente.

Nem sempre a concepção de leitura foi esta. Ela já foi um ato mecânico, individualizado, cujo sujeito teria que ter habilidade para aprender as técnicas de ler, para decifrá-la. Sobre esse modelo de leitura, Benevides (2002, p.44) diz que “ser um bom leitor é o mesmo que ser um leitor habilidoso, ou seja, o leitor pode desenvolver habilidades, conforme tenha se utilizado de técnicas que o ajudem a ler melhor ou com eficiência”. Nossa abordagem para este estudo é exatamente averiguar e fazer este confronto na concepção de leitura, leitores e formadores de leitores por entendermos que o BALE apresenta sucesso nas suas ações porque foi superada a concepção bancária, definida por Freire (2005) e, em seu lugar, instalou-se a concepção de

leitura como prática social, cuja a palavra não se apresenta como privilégio de alguns homens, mas é um direito de todos

Na nossa pesquisa, embora não tenha sido realizada com professor participante do BALE-FRUP, mas é um desejo para um próximo estudo, queremos verificar onde se ancora o professor ao responder a entrevista realizada, pois entendemos que a forma como o professor valoriza a leitura, a maneira como ele realiza a prática de leitura e os textos que utiliza na sala de aula para desenvolver a aquisição da leitura afeta diretamente o aluno, seja de uma maneira positiva ou negativa.

Será nesse processo de (re)significação da concepção de leitura que se forma leitores que o professor se torna agente mediador, entendendo este termo com a referência de Vygotsky (2000) ao se referir ao papel do outro. De acordo com Solé (1998, p.72), “Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos”. Nesse sentido, é importante que o professor utilize estratégias diferenciadas como procedimentos facilitadores para o ensino e aprendizagem da leitura dos alunos. A participação ativa do leitor e do formador de leitores contribui significativamente para a compreensão do texto, pois é o leitor quem estabelece objetivos para a leitura, cria hipóteses, faz antecipações do texto, decifra códigos linguísticos, formula questionamentos e tira conclusões e, por outro lado, é o professor quem oferece as condições necessárias para a aprendizagem, quem cria estratégias eficientes para motivar o leitor a envolver-se nas atividades de leitura, possibilita o acesso aos livros, seleciona livros apropriados para a faixa etária e para atender o gosto do leitor, além de planejar as atividades de pré-leitura, durante leitura e pós-leitura.

Leitores e formadores de leitores estabelecem vínculos, interagem e dão sentido ao ato de ler. Portanto, bons leitores requerem bons formadores, pois para gostar de ler, é preciso ler bem. E para ler bem, é necessário ter diante de si bons materiais de leitura e situações que favoreçam um trabalho ativo de construção do sentido do texto. Ou seja, formar leitores requer um investimento significativo na construção de uma comunidade que compartilha seus textos, troca impressões acerca de obras

lidas e constrói um percurso leitor próprio, inicialmente mediado pelo professor e, posteriormente, com autonomia.

O que a professora do estudo diz sobre ler, leitura, leitores e formadores de leitores?

O presente estudo fundamenta-se numa abordagem de cunho qualitativa e se caracteriza como estudo de caso, pois intenta aprofundar essa temática através da análise das concepções de uma professora, com 45 anos de idade, graduada em Letras e em Pedagogia, e que atua na docência há 20 anos, e no período da realização da pesquisa, ano de 2019, lecionava numa turma multisseriada do Ensino Fundamental, com 12 alunos no total, sendo 03 (Pré I), 03 (Pré 2), 03 (1º Ano) e 03 (2º Ano). Os alunos residem na comunidade da zona rural próximos à escola, filhos de trabalhadores rurais. A pesquisa versa sobre a leitura, leitores e formadores de leitores, a fim de entender o que a professora pensa sobre a leitura; sobre o que é ser um bom leitor; a relação entre ser um bom leitor e um bom formador de leitores.

Em virtude de ser a pesquisa voltada às concepções da professora sobre a leitura, leitores e formadores de leitores foi utilizada a pesquisa de campo, realizado na Escola Municipal Desembargador Manoel Maia de Vasconcelos no município supracitado. Para dar conta desse estudo e alcançar esse objetivo, tomou-se como instrumento de pesquisa o seguinte *corpora*: uma entrevista com roteiro com cinco perguntas elaborado pelas pesquisadoras, além de observação de aulas, com protocolo de observação também elaborado pelas pesquisadoras.

A entrevista, realizada no dia 28 de outubro de 2019, com a professora foi realizada na própria escola, na sala de computação que também funciona com sala de recepção. Foi gravada a fala no celular e depois transcrita. As aulas foram observadas durante uma semana, no período de 31 de outubro e término em 21 de novembro de 2019, porém em dias alternados. A professora, os alunos e os demais funcionários da escola foram bastante acolhedores tanto no dia da entrevista como durante as observações das aulas.

Pelas características do estudo, apresentaremos agora as respostas da professora e sua análise por questão. Indagamos a professora sobre sua concepção de leitura e ela nos respondeu da seguinte forma:

Leitura é primordial para qualquer cidadão, sabemos que é muito difícil a situação de uma pessoa que não sabe ler. Por essa razão tenho essa concepção relacionada à leitura. (Professora, Catolé do Rocha, 2019).

Na fala da docente, percebe-se que ela não pontua uma visão clara do que seja leitura. Ao dizer “... *é primordial para qualquer cidadão*” há uma evidência de saber distante e generalista a respeito do que é leitura e ainda, um posicionamento vago sobre a sua função para o cidadão, embora reconheça a sua importância enquanto saber social. Para o professor leitor e formador de leitores no ambiente escolar, não basta apenas saber que a leitura é primordial, é necessário conhecer os conceitos de leitura apontados por estudiosos e que não sejam mecanicamente memorizados, mas que sejam revistos e aplicados na prática pedagógica.

Sem dúvida o ensino da leitura está em grande parte atrelado às concepções de leitura reducionistas e, talvez, uma possível mudança na perspectiva do ensino possa ser construída se a escola e os profissionais da educação que nela atuam procurarem, em primeiro lugar, pensar e conceituar a leitura de uma forma mais humana e menos pragmática e, em segundo lugar, olhar para as funções da leitura. (GARCIA, BUFREM; GEHRKE, 2016, p. 241).

Esta questão foi introduzida no estudo porque os autores apontam que, para haver o ensino da leitura de maneira produtiva, deveria pensar-se nas mudanças que devem ser feitas e, sobretudo, a partir da concepção de que se tem a respeito da leitura. Logo, ensinar a ler letrando, ou seja, a formação leitora tem como finalidade principal construir um conhecimento teórico e prático a respeito do que se lê e esta concepção deveria permear as práticas dos professores.

Quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que sua leitura informa, permite que se aproxime do

mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos [...] etc. (SOLE, 1998, p.46).

Nessa perspectiva, a leitura se constitui dentro e fora da escola a partir da relação existente entre leitor, autor e texto. O texto proporciona mecanismos para um mundo de descobertas e, à medida que o leitor desenvolve a compreensão leitora constrói conhecimentos. Sob esse raciocínio, ao indagarmos a professora a respeito do que ela entendia sobre um bom leitor, ela nos reportou que:

Um bom leitor é aquele que ler e sabe interpretar nas entrelinhas o que leu. (Professora, Catolé do Rocha, 2019).

No posicionamento da professora, observamos que ela compreende que um bom leitor é aquele que consegue compreender além do que está explícito no texto, quando capta as informações contidas no texto e consegue associá-las aos conhecimentos implícitos e transmiti-los de maneira eficiente. Ler é uma prática social que se interliga a outros textos e outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas. Assim, um bom leitor precisa fazer estas interações e a professora participante da pesquisa consegue fazer inferência a isto. Corroborando com esta ideia, os PCNs de Língua Portuguesa versam que:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (BRASIL, 1997, p. 41).

Nesse sentido, o papel do professor é primordial, pois, este, enquanto mediador da leitura, precisa formar leitores proficientes e não apenas ensinar o aluno a ler, mas proporcionar condições para que ele possa realizar sua própria aprendizagem,

partindo de seus próprios interesses, necessidades e fantasias (MARTINS, 2006). Os PCNs ainda definem o bom leitor:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1997, p. 41).

Prosseguindo a análise, ao questionarmos a professora se ela se considerava uma boa leitora e por que, ela deu a seguinte resposta:

Em desenvolvimento, para me tornar uma boa leitora preciso ler cada vez mais, pois quando lemos aprendemos cada vez mais. (Professora, Catolé do Rocha, 2019).
--

Esta questão é o foco maior da nossa pesquisa e observamos, por meio da fala da professora, que ela compreende a necessidade e reconhece que estamos sempre em desenvolvimento e que o hábito de ler é primordial para a prática docente. Isso dialoga com os resultados da pesquisa de Torres, Sampaio e Silva (2019), pois, segundo os autores, as práticas de leitura realizadas pelos jovens do BALE-FRUP, na 7ª edição do programa, contribuíram de forma significativa para a autoformação leitora dos pesquisados. O profissional docente necessita realizar leituras diariamente; leituras diversificadas e com níveis de informações básicas e mais aprofundadas, dessa maneira acredita-se que o indivíduo desenvolve suas habilidades leitoras. Para isso, as estratégias de leitura são ferramentas utilizadas tanto pelo professor quanto pelo aluno, inicialmente pelo professor e, em seguida, pelo aluno, para mediar e proporcionar ao leitor a sua compreensão.

Solé (1998, p.69-70) nos fala sobre estratégias de compreensão leitora quando explica que “são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança”. Outro

aspecto a ser destacado é sobre as estratégias de compreensão leitora que, na visão da autora, devem compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura.

A fala da professora consegue expressar aquilo que Kleiman (2013, p.21) afirma: “para formar leitores é necessário gostar de ler, ou seja, é imprescindível que o professor também tenha o gosto pela leitura”. Além de ser responsabilidade de todas as disciplinas e do universo educacional como um todo, para que a escola cumpra seu papel na efetiva formação de leitores, é necessário que o professor seja também um leitor proficiente.

Lajolo (1986), há mais de três décadas, já enfatizava que, se o professor não for um exímio leitor, as possibilidades de ele também não ser um bom professor são bastante grandes. E, seguindo esse compasso, são também grandes as chances de que ele não consiga demonstrar e fazer crer aos seus estudantes que a leitura é uma atividade necessária e altamente significativa.

Nesse viés, perguntamos a professora o que ela considerava importante para ser um bom leitor, ela nos respondeu que, para ser um bom leitor, é necessário:

Ler com fluência e interpretar o sentido do que leu. (Professora, Catolé do Rocha, 2019).

Vemos na fala da professora que sua concepção de bom leitor perpassa pelo entendimento de que o leitor proficiente precisa ler com fluência e, sobretudo, apreender o sentido do texto. Esta visão é partilhada por Solé (1998, p. 44), ao dizer que “ler é compreender e que compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender.” Portanto, a leitura ocorre quando o indivíduo além de dominar os códigos linguísticos da língua torna-se apto a compreender a mensagem compartilhada pelo enunciador. O leitor passa assumir um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo.

A leitura permite a construção de novas aprendizagens, pois possibilita o fortalecimento de ideias e ações, permite ampliar e adquirir novos conhecimentos, sendo eles gerais ou específicos, possibilitando a ascensão de quem lê a níveis mais

elevados de desempenho cognitivo como a aplicação de conhecimentos a novas situações, a análise crítica de textos e a síntese dos estudos realizados, adquirindo outro estado, outra condição social e cultural.

Para que isto realmente aconteça, é importante que o leitor tenha autonomia e competência, ou seja, sejam leitores que não apenas entendem o que leem, mas conseguem fazer relações com outros textos lidos, exprimir sua opinião sobre o que leu, trocar ideias com outros leitores, ouvindo e pesando pontos de vista distintos. Acreditamos que isso tudo ainda é um desafio, pois as práticas sociais de leitura tão necessárias para a formação de leitores nem sempre circulam pelas escolas, bem como o acesso a livros.

Foi exatamente este desafio que levou a criação do BALE, conforme vimos anteriormente. Sampaio, Rego e Saldanha (2020) descrevem os objetivos do programa lembrando que é o incentivo à leitura, a formação e autoformação de leitores, que desperta o prazer pela leitura, a ser feita de forma lúdica, contribuindo para a democratização do acesso aos livros.

Queremos lembrar aqui que formar bons leitores na contemporaneidade está se tornando cada dia mais difícil dada a cultura midiática na qual estamos imerso, gerando muitas vezes conflito entre o modo de ser da escola e a experiência fora dela a que estão expostos os jovens alunos. Apesar disso, consideramos que a *internet* também promove experiências leitoras e atualmente temos ouvido que nunca se leu ou escreveu tanto como hoje, justamente por este contato amplo e diário com os meios eletrônicos. A professora sintetiza nosso momento atual argumentando que para ser um bom leitor é preciso “... interpretar o sentido do que leu” e talvez seja a forma mais simples, porém, complexa, para entendermos o perfil do leitor atual e a escola precisa ser jovem para entender esse “novo” bom leitor.

Dando continuidade à análise, indagamos a professora sobre qual o perfil de um bom professor para ensinar a ler. Ela responde da seguinte maneira:

O professor tem que ser um bom leitor participando de formações continuadas, ter recursos didáticos para desenvolver um bom trabalho com a leitura. (Professora, Catolé do Rocha, 2019).
--

É notório que a professora sabe a importância da formação do professor como também dos recursos utilizados no processo-ensino aprendizagem da leitura. Assim, é de suma importância a existência da parceria formação continuada do professor e os recursos existentes, pois são suportes essenciais na trajetória na formação do aluno leitor.

O papel do professor é fundamental no processo de formação de sujeitos leitores. Mas não apenas isso. Para ser professor que ensina a ler, ele precisa, antes de tudo, ser leitor e, continuada e ininterruptamente, aprimorar suas habilidades e ampliar suas experiências leitoras. Isso ultrapassa a docência na educação básica. Embora o ensino superior não tenha por objetivo ensinar a ler, este professor também deve ser um leitor experiente em termos gerais e no que diz respeito às especificidades de sua área de formação e atuação.

Embora privilegie a formação continuada, a professora, apesar de duas graduações, em Letra e em Pedagogia, não deu continuidade a outras formações como especializações, mestrado, doutorado. Ela participa de formações e capacitações ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação do município de Catolé do Rocha/PB. Quanto aos recursos didáticos, a escola dispõe de materiais diversificados e apropriados para o trabalho com a leitura sendo estes: jogos educativos confeccionados com material reciclado e também industrializados, acervo de livros diversificado, com materiais que possibilitam o desenvolvimento da oralidade, da criatividade, da leitura, da escrita entre outros. No entanto, esses recursos são pouco utilizados; a professora os mantém arrumados em estantes na sala de aula.

Durante uma das aulas observadas de Língua Portuguesa, a professora utilizou um dos jogos “caça-rimas”, não com a finalidade de despertar o gosto e prazer de ler, mas para auxiliar os alunos a compreenderem melhor a formação das palavras com rimas e responderem a tarefa no livro didático. Assim, vemos que falta a motivação e a criatividade por parte do professor, para aproveitar uma estratégia de ensino com um objetivo e utilizá-la para o ensino da leitura, permitindo assim que os alunos aprendam a ler se divertindo ao mesmo tempo sendo orientados pelo professor, afastando a ideia de que os

alunos, por si mesmos, podem aprender a gostar de ler, porém levará muito mais tempo, diferentemente quando o professor se dispõe a realizar trabalho pensando em apresentar desafios e conduzi-los às descobertas e oferecer condições favoráveis à resoluções de problemas.

Durante o período de observação foi presenciado que um dos alunos do primeiro ano terminou a tarefa e em um momento que a professora saiu da sala. Aproveitando-se da sua ausência, levantou-se da sua cadeira e foi até o cantinho de leitura onde ficam vários livros, escolheu um e retornou para sua cadeira para ler em voz alta. Ao ouvir a leitura realizada pelo leitor percebeu-se que ele ainda não lia com fluência, que lia somente as frases que apresentavam palavras com grau de dificuldade menor e se apoiava nas ilustrações do texto para compreendê-lo melhor. Quando a professora retornou à sala de aula, trouxe consigo tarefas impressas diferenciadas conforme cada ano, ao perceber que tinha um livro na cadeira do aluno, ela não questionou nem pediu que ele fizesse a leitura ou colocasse o livro de volta no lugar. Entregou a tarefa a ele e aos outros alunos e solicitou que a fizessem. O livro continuou na cadeira por algum tempo e, quando o aluno perdeu o interesse, deixou-o no lugar de costume onde ficam os demais livros.

Vale frisar que a leitura de histórias infantis na rotina da criança, seja em casa ou na escola, pode ser um recurso muito importante para despertar a curiosidade, a imaginação da criança e assim construir com o hábito de ler. Daí a importância de proporcionar aos alunos momentos nos quais eles possam ter acesso a várias leituras e de forma prazerosa. Seja a leitura por entretenimento ou por outros fins, estimulá-la é uma das estratégias que deve ser trabalhada para que o leitor possa alcançar o prazer de ler e possa construir seu próprio conhecimento.

Na entrevista, ao dialogarmos com a professora sobre quais as dificuldades dos alunos no processo de aprendizagem da leitura, ela nos explicou da seguinte e maneira:

Percebo que os alunos têm muita dificuldade por falta de acompanhamento dos pais, muitos deles não colaboram para

melhorar o processo ensino aprendizagem das crianças. (Professora, Catolé do Rocha, 2019).

No posicionamento da professora, observa-se que ela aponta uma causa unilateral para as dificuldades de aprendizagem da leitura, descartando outras variáveis que sabemos influenciar no processo de desenvolvimento da aprendizagem, e mais especificamente, da aprendizagem da leitura. A este respeito, Cruz (2007) refere que é necessária a distinção entre os problemas de aprendizagem da leitura gerais e específicos. As atividades gerais são resultantes de fatores exteriores ao indivíduo ou inerentes a ele. No primeiro caso, podem derivar de situações desfavoráveis à aprendizagem normal da leitura, tais como: relações familiares perturbadas, meio socioeconômico e cultural desfavorecidos, pedagogia e didáticas inadequadas, entre outras. No segundo caso, quando se trata de alguma deficiência manifesta. As dificuldades específicas na aprendizagem da leitura assentam ao nível do plano cognitivo e neurológico, não existindo uma razão evidente para as alterações que se observam no ato de ler.

Neste sentido, é fundamental considerar um conjunto de princípios e atividades para que o ensino da leitura seja eficaz, não apenas um único fator. Notadamente a parceria com a família é importante para o processo ensino aprendizagem da leitura e neste sentido Letria (2012, p.8) afirma que “Se os pequenos leitores ficarem desenquadrados e sem estímulo, dificilmente se tornarão grandes leitores e é do núcleo dos grandes leitores que saem grandes escritores.” Em outras palavras, as práticas de leitura em qualquer fase de escolarização, iniciam-se bem antes da escola e neste contexto encontram-se os pais.

De acordo com as aulas observadas, outro motivo que elencamos como possibilitador de dificuldades na aprendizagem da leitura é o fato de ser uma turma multisseriada. Trabalhar nestas turmas consiste num enorme desafio para professores que lecionam no campo. Esses profissionais da educação sentem o peso de carregar a responsabilidade de exercer suas práticas docentes dentro de salas de aula com alunos de faixa etária e séries diferentes.

Continuando com a análise, ao perguntarmos como a professora ensina seu aluno a ler, ela discorreu que:

Através de contos, recorte e colagem, músicas, alfabeto móvel das sílabas, etc. (Professora, Catolé do Rocha, 2019).

Por meio da fala da professora, vemos que há uma compreensão acerca dos recursos podem ser utilizados pelo professor na sala de aula para fazer com que a criança tenha interesse e acesso à leitura, porém ao utilizar cada recurso é preciso um planejamento prévio e pensar quais os objetivos que se quer alcançar como cada recurso utilizado no momento de leitura. Os recursos citados por ela são valiosos e entendemos que as histórias narradas nos contos têm o seu propósito, as músicas são divertidas e desenvolve a percepção visual, auditiva e corporal, pois nas suas letras o leitor será capaz de aguçar a imaginação e a criatividade; no alfabeto móvel com sílabas, também citado por ela, promove o desenvolvimento da leitura e da escrita através da formação de palavras e por fim a utilização da atividade recorte e colagem que possibilitam a liberdade, autonomia, a criatividade e o desenvolvimento da coordenação motora. Nessas atividades, os alunos têm a oportunidade de realizar pesquisas, ter acesso e realizar leituras verbais, não-verbais e mistas.

Queremos enfatizar que, independentemente dos materiais escolhido, faz-se mister que esses recursos sejam funcionais durante as atividades de leitura, que sejam variados e atendam aos interesses dos alunos, pois somente assim mais facilmente se garante um maior envolvimento dos alunos com a leitura além de não ficar restrito somente aos textos literários, mas que seja garantida uma diversidade textual. Não se pode ter uma abordagem única para as aulas de leitura, pois assim estaríamos condenando os alunos à prática da leitura como um ato mecânico, sem função social.

Seguindo esse viés, ao perguntarmos a professora se a escola tem dado algum suporte para o seu trabalho com a leitura, ela versou que:

Sim, temos diversos materiais para trabalhar a leitura como alfabeto móvel, dados das vogais, dados dos encontros vocálicos dominó das sílabas, etc. (Professora, Catolé do Rocha, 2019).

Através da fala da professora, vemos que a escola dispõe de materiais que poderão auxiliar bastante à professora enriquecendo o seu trabalho com a leitura. Para a formação de leitores proficientes é necessário que na metodologia utilizada em sala de aula, esses recursos sejam incluídos e possam permitir que os alunos tenham acesso, utilizem de maneira adequada, construam uma aprendizagem significativa. É observada também a importância do planejamento e o cuidado que o professor deve ter na escolha dos materiais e a maneira como estes são aplicados nas aulas pensando na contribuição que podem trazer para desenvolver o ato de ler. No entanto, não é comum a utilização de materiais concretos nas aulas, conforme já salientamos anteriormente. Durante as observações, pudemos perceber o uso apenas uma vez de um dos materiais que têm na sala de aula e essa atividade não foi realizada com todos os alunos, apenas com os alunos do 1º e 2º anos.

O ato de ler tem sido algo que exige do professor disponibilidade e interesse para organizar a sua prática pedagógica de maneira eficiente e atrativa, despertando no aluno o prazer e o gosto de ler. Entendendo que ensinar a ler requer muito mais que selecionar jogos e estratégias de leituras, é preciso discutir sobre a prática docente, e os cursos de formação de professores precisam construir e assumir um projeto pedagógico interdisciplinar que possa viabilizar uma sólida formação teórico-prática dos professores, no sentido de contemplar as diferentes dimensões - científica, cultural, humana, política e ética - para que possam realmente tornar-se profissionais capazes de atuar criticamente na sociedade.

Algumas considerações

Com esse estudo, podemos compreender o quão valiosa é a leitura em nossa vida e que o domínio sobre ela, não se limita a compreensão da codificação/decodificação de sinais gráficos de

uma determinada língua. O ato de ler é um processo contínuo e, a partir do momento que o indivíduo tem o domínio da leitura, ele se liberta das amarras do universo desconhecido ganha autonomia e aptidão para entender e interpretar o mundo ao seu redor.

Esta pesquisa buscou averiguar a relação entre bons leitores e bons professores leitores e, nesse sentido, aponta que a formação de bons leitores requer bons professores leitores, que ambos necessitam de desenvolver o gosto e o prazer de ler, e que fazer isso não é uma tarefa fácil. Foi isso que nos ensinou o BALE-FRUP, pois, através de suas ações, desperta-se o gosto pela leitura e se contribui para a democratização do acesso aos livros, além de desenvolver a escrita e a oralidade através da literatura, cinema, teatro, leitura e produção textual.

A professora participante da nossa pesquisa, ora se aproxima dos conceitos de leitura como prática social, ora se deixa envolver por concepções tradicionais, valorizando materiais pedagógicos, subjugando a mediação nas práticas de leitura. Essa mediação é exercida por um agente que realiza a seleção e exposição de livros para os leitores, mas vai muito além disso, ajuda também a compreender textos mais complexos e a desenvolver o gosto pela leitura na perspectiva de formar leitores.

Ficou visível também que é imprescindível o compromisso da escola e do trabalho pedagógico e que este tem sido apontado com algumas lacunas como a falta de formação continuada dos professores, as práticas de leitura desmotivadoras e não criativas e ainda o desconhecimento da conceitualização da leitura e de suas múltiplas funções, ficando tal conceitualização comprometida pelo discurso unilateral e monossêmico que a trata apenas como algo vago e generalista.

Formar leitores proficientes, assim como o BALE-FRUP faz, os quais possam se orgulhar de ter a oportunidade de conhecer o mundo a partir de seu próprio mundo requer que, em se considerando a leitura como um processo e como um conjunto de habilidades que são aprendidas, todos os formadores educacionais dediquem parte central de sua atuação à tarefa de ensinar a ler e para isso, é essencial que o professor tenha na leitura práticas constitutivas de seu horizonte de vivências do cotidiano. E isso ultrapassa, em muito, o ler para preparar aulas, ainda que o estudo e

a leitura sejam fundamentais ao devido desenvolvimento de projetos de ensino para que se possam torná-los significativos e relevantes. Sem dúvida, entre esses formadores, está a professora participante da nossa pesquisa.

Por fim, intentamos com este estudo contribuir para que essa temática continue sendo importante para a pesquisa, por assim entender que esse assunto sempre trará para os pesquisadores novas inquietações e também conscientizará os professores da importância de ser um leitor assíduo e apaixonado pela leitura, pois esta atitude se tornará um bem precioso na formação de bons leitores.

Referências

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2009.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BENEVIDES, Araceli Sobreira **Os mundos de letramentos dos professores em formação: a constituição/formação do sujeito-leitor na formação docente**. 170 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – UFRN. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, 2002.

BEZERRA, Keutre Gláudia da Conceição Soares. **Expressão criativa e subjetividade na contação de histórias no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas-BALE**. 2020. 245 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, 1997.

CRUZ, V. **Uma Abordagem Cognitiva da Leitura**. Lisboa: Lidel. 2007.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura e cidadania: a importância da formação do leitor no mundo contemporâneo**. Marília: 2003. Disponível em: file:///C:/Users/NETA/Downloads/186-1-669-1-10-20100303%20(2).pdf. Acesso em: 06 nov 2020.

FILGEIRA, Fabiana Gomes; TEMÓTEO, Antonia Sueli Gomes; FILGEIRA, Fernanda Gomes. BALE-FRUP: a formação Leitora dos mediadores da leitura. IN SILVA, Ananias Agostinho; TORRES, Maria Gorete Paulo; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. (orgs.). **Leitura, mediação e ensino: múltiplas abordagens**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020, P.109- 124).

FREITAS, Renata Paiva de; VIEIRA, Vinicius Batista; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Experiências Vivenciadas no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) na Cidade de Portalegre/RN. **VII FIPED**, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**, São Paulo: Cortez, 1989.

GARCIA, T. M. F. B.; BUFREM, L. S.; GEHRKE, M. **Leituras, Escola do Campo e textos: propostas e práticas**. 1 ed., Ijuí – RS: Unijuí, 2016.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 9 ed., Campinas: Pontes, 2013.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas metodológicas**. 6. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LETRIA, José Jorge. **A leitura é um esporte**. In: revista Carta fundamental. n° 41, p.8-11, Set. 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Kaiza Maria de. **O Constituir-se leitor: Narrativas de Experiências Estético-Formadoras no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE)**. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: Pau dos Ferros, 2016.

PEREIRA, Mara; SOUZA, Luana; KIRCHOF, Edgar. **Literatura infantojuvenil**, Curitiba, Intersaberes, 2012.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; RÊGO, Raimunda Queiroz; SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. Estratégias de mediação da leitura de textos literários no Programa BALE MICAEELENSE, , **Revista Entreletras**, Araguaína, v. 11, n. 1, jan./abr. 2020.

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed., Porto Alegre: Artmed,1998.

TORRES, Maria Gorete Paulo; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; SILVA, Ananias Agostinho da.; COSTA, Antônia Moraes Leite. Identidades leitoras de sujeitos baleanos: representações, transformações e fluidez. **Anais do X FIPED**, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

O BALE-FRUP E AS ESTRATÉGIAS DE MULTILETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Abraão Henrique Nunes de Paiva
Antonia Moraes Leite Costa

Considerações Iniciais

O estudo apresenta e as estratégias de Multiletramento adotadas pelo Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), em virtude da pandemia do novo coronavírus, causadora da Covid-19. Para tanto, consideramos as práticas desse programa, no que tange à formação leitora do sujeito, mediante as atividades efetuadas em tempos de pandemia pelo BALE-FRUP, localizado na cidade de Frutuoso Gomes/RN, sendo este um dos cinco polos do BALE, programa de extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). O BALE-FRUP passou a existir a partir da 7ª edição do BALE, no ano de 2013.

O objetivo central do estudo é analisar as práticas do BALE-FRUP em tempo de pandemia, com base na mediação e autoformação, tendo como estratégia os canteiros, viabilizando Formação, Informação, Contação e Ficção, articulados ao desenvolvimento de habilidades de leituras (oral/escrita), tendo em vista que os mediadores do programa formam leitores formando-se e desenvolvendo experiências literárias nos ambientes escolares e não-escolares.

O contexto atual revela que a população mundial enfrenta as mudanças provocadaS pelo vírus que supostamente surgiu na China e se espalhou rapidamente por todo o mundo, provocando mudanças drásticas, forçando a uma adaptação em diferentes setores da sociedade diante do crescimento descontrolado de contágios e óbitos. Um dos setores mais atingidos foi o da Educação, que sentiu a necessidade de

suspender por completo as aulas presenciais de escolas públicas e privadas, da educação infantil ao ensino superior, buscando reinventar estratégias para o que os estudantes não perdessem totalmente o vínculo com a escola. A alternativa pensada foi adaptar-se às aulas remotas, promovendo assim o distanciamento social, exigido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Foi criado, então, um cenário de muita instabilidade, pois os docentes como também os alunos não estavam preparados para o ensino a distância. Para tanto, foram demandados esforços para que o processo de ensino e aprendizagem não parasse por completo.

Tendo em mente as atuais metodologias e estratégias do BALE-FRUP, consideramos o questionamento a seguir: O BALE-FRUP tem conseguido criar estratégias para atingir seus objetivos em meio a pandemia do COVID-19? Vale ressaltar que o programa não tem um projeto para nortear as suas atividades nesse período, contudo, os polos tem continuado suas atividades.

Diante das conjecturas, realizamos uma pesquisa qualitativa com com duas mediadoras voluntárias do BALE-FRUP, a partir de uma entrevista semiestruturada. Para preservar o anonimato, as colaboradoras foram identificadas com nomes fictícios, quais sejam: Branca e Bela. Branca é graduada em Letras português e suas respectivas literaturas, atua no programa tem duas edições e é professora de uma escola particular. Já Bela, graduada em Pedagogia e pós-graduada em educação infantil, está no programa há três edições e atua como professora em uma escola particular.

Esta pesquisa encontra-se estruturada em três partes: a primeira trata da pandemia no contexto educacional, tendo como ponto de ancoragem os documentos oficiais da OMS e UNESCO; na segunda, discutem-se as aulas remotas e o multiletramento, por meio das reflexões de Tori (2010), Rojo e Moura (2012), Coll e Illera (2010) e Zacharias (2016), dentre outros autores. E, por último, apresentamos as experiência do BALE-FRUP, abordando uma metodologia multimodal e ativa no mundo conectado e digital.

A pandemia e o contexto educacional

A partir do final de 2019, o mundo deparou-se com um inimigo invisível. Supostamente tudo teve início na cidade chinesa de Wuhan, quando foi observado a presença de uma mutação do vírus Sars-CoV-2, até então, ainda não visto em seres humanos. A notícia se espalhou rapidamente pelo mundo, mas o mais temível viria acontecer meses após, com a declaração da OMS de que “o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional” (OMS, 2020, s. p.). Em outras palavras, estava sendo perceptível a potencialidade que o novo vírus tinha de se espalhar no mundo todo, provocando então uma pandemia.

O coronavírus se manifesta frequentemente com sintomas muito próximos a uma gripe, como febre, tosse e dificuldade na respiração. Contudo, segundo a FioCruz (2020, s. p.), “por ser um vírus recentemente descoberto, ainda são necessários mais estudos e investigações para caracterizar melhor os sinais e sintomas”. Outra característica já observada no novo vírus é a grande capacidade de disseminação. Isso fez com que o surgimento de muitos casos fossem registrados de forma acelerada em outros países do mundo.

Assim, países da Europa são devastados e os números de confirmações e óbitos crescem espantosamente dia após dia. Autoridades, como também toda a população de países da América, assistia aos noticiários temerosos do mesmo ocorrer com eles. Então, no dia 26 de fevereiro de 2020 na cidade de São Paulo, é confirmado o primeiro caso do novo coronavírus no Brasil: um senhor de 61 anos de idade, que havia viajado por países da Europa.

Na metade do mês de agosto, os números já eram alarmantes, segundo a Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS, os dados mundiais contabilizavam 20.730.456 casos de COVID-19 e 751.154 mortes, até 14 de agosto de 2020. Já no cenário brasileiro, de acordo com o Ministério da Saúde, foram confirmados 3.012.412 casos e 100.477 óbitos por COVID-19, até 08 de agosto de 2020.

O contexto pandêmico instaurado acarretou a necessidade do distanciamento social, provocando o fechamento de lojas, academias, restaurantes, escolas públicas e privadas, entre outros. Com isso, todo o mundo em seus mais diversos setores foram obrigados a se reorganizar e se adaptar a uma nova forma de vida.

Um número relevante de escolas no mundo todo teve suas atividades presenciais suspensas, como forma de prevenção ao vírus. Dessa forma, professores e toda a equipe escolar vêm se desdobrando, ou seja, reinventando-se sua tarefa docente, buscando estratégias para o processo de ensino e aprendizagem realizasse em meio ao crucial momento, para que os estudantes não tenham prejuízos em seu rendimento escolar e usando as tecnologias como recursos para facilitar o envio de atividades e aulas *on-line*, a fim de manter o isolamento social.

Diante dessas circunstâncias, o presente empenho busca recorrer aos dados e evidências existentes para iluminar os desafios e limitações do ensino remoto, e também, as estratégias que são mais adequadas ao se optar por lançar mão dessa alternativa. Vale ressaltar que as aulas remotas têm suas limitações, pois não substitui as aulas presenciais, porém devemos enxergar que o mundo todo está vivenciando uma crise educacional bastante preocupante e com muitas perdas.

No Brasil, 81,9% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar as instituições de ensino. São cerca de 39 milhões de pessoas. No mundo, esse total soma 64,5% dos estudantes, o que, em números absolutos, representa mais de 1,2 bilhão de pessoas, segundo dados da UNESCO. Diante do cenário instaurado, podemos ver outros problemas que acarretam a paralisação das aulas presenciais, como por exemplo, a falta de recursos para acerrar a *internet*, como um computador ou até mesmo um aparelho telefônico que possa ser utilizado para acompanhar as aulas.

Aulas remotas e os multiletramentos

Como consequência da Covid-19, a educação teve que mudar totalmente a rotina, de modo a emoldurar novas práticas de ensino e aprendizagem. As aulas remotas utilizam-se de

tecnologias digitais que permitem mudanças profundas no espaço escolar em todas as suas dimensões, a saber: “[...] infraestrutura, projeto pedagógico, formação docente, mobilidade etc. [...] configura tensões, novas possibilidades e grandes desafios de forma global nos processos de ensino e aprendizagem” (COSTA, 2020, s. p.).

As aulas remotas foram o único recurso possível para amenizar o caos na educação. Assim, os alunos passaram a estudar em casa sob a orientação dos professores e usando as tecnologias para manter a comunicação com a equipe escolar. Nessa linha de raciocínio, Moran (2018, p.75) assegura que “[...] “as tecnologias em rede móvel e as competências digitais são componentes fundamentais de uma educação plena”. *Grosso modo*, isso significa manter a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um de diferentes localidades. Pensar aulas nestes moldes e no momento social que estamos vivenciando é não apenas ponderar metas conteudistas a ser alcançadas, mas, sobretudo, levar os sujeitos a momentos de análise do contexto mundial, nacional, regional, local, familiar entre outros. Desta maneira, destaca Libâneo (1998, p. 42):

[...] torna-se necessário ao professor, o conhecimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências de pensar, além da abertura, em suas aulas, para a reflexão dos problemas sociais, possibilitando aulas mais democráticas, através de um saber emancipador. Pois, apropriar-se criticamente da realidade significa contextualizar um determinado tema de estudo, compreendendo suas ligações com a prática vivenciada pela humanidade.

Dada essa reflexão, podemos compreender a necessidade e a importância de se adotar novas estratégias em diferentes momentos, contextos, marcos sociais. Assim, um exemplo é o multiletramento, já estava sendo discutido mesmo antes do período de pandemia, pois com a chegada da “era digital”, trazida pelas tecnologias, surgiram novas maneiras de comunicação, como também de linguagens, provocando uma mudança no público da atual geração de alunos, sendo formado por nativos digitais, que interagem de maneira

bastante familiarizada com as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Esses alunos estão imersos mundo virtual, através das redes sociais, dos jogos no PC ou celular, dos conteúdos audiovisuais nas plataformas de vídeos, entre outros. Sobre esse aspecto, Tori (2010, p.218) afirma:

O cérebro dos “nativos” se desenvolveu de forma diferente em relação às gerações pré-internet. Eles gostam de jogos, estão acostumados a absorver (e descartar) grande quantidade de informações, a fazer atividades em paralelo, precisam de motivação e recompensas frequentes, gostam de trabalhar em rede e de forma não linear.

Tendo ciência disso, os profissionais de educação compreenderam que as TICs são suas aliadas e que podem facilitar ao aluno desenvolver sua aprendizagem de maneira mais atraente e familiar. Apesar que, durante todo esse processo de adaptação, os professores demonstram dificuldade e/ou resistência às estratégias que devem ser adotadas para facilitar o processo de ensino aprendizagem em meio a pandemia, por conta de serem oriundos da gerações pré-internet. Esse novo momento requer que os profissionais reinventem suas metodologias. Logo, o cenário atual deixou claro que o nosso público não trata de alunos que apenas trocariam as “telas e teclas” por “papel e caneta”, evidenciando a necessidade de práticas na perspectivas do multiletramento. Para Rojo e Moura (2012, p. 08),

Trabalhar com Multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação ("novos letramentos"), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados [...] ou desvalorizados [...].

Desse modo, os autores destacam a importância de mesclar a cultura própria e local do sujeito, tendo em vista que o

acréscimo de novos conhecimentos oriundos de novos letramentos provoca principalmente aos que não pertencem a “geração digital. Assim, atrelando a suas vivências, o multiletramento abarca inúmeras possibilidades de construções críticas para resoluções de problemas reais em seu cotidiano. Sobre as questões sociais que são necessárias para um pensamento crítico, decorrente das práticas de multiletramentos, Freire (1987, p. 265) traz a seguinte assertiva

[...] não é possível a qualquer indivíduo inserir-se num processo de transformação social sem entregar-se inteiramente a conhecer, como resultado do próprio processo de transformar; mas, também, ninguém pode se inserir no processo de transformar sem ter no mínimo, uma base inicial de conhecimento para começar. É um movimento dialético porque, de um lado, o indivíduo conhece porque pratica e, para praticar ele precisa conhecer um pouco.

Para os sujeitos presentes em sala de aula, as TICs não são sinônimos de espanto, mas, sim, ferramentas já familiarizadas. Nas palavras de Paiva (2020, p. 92), desconsiderar isto é apagar a identidade do aluno e vê-lo como “[...] sujeitos fabricados em série, o que exclui completamente as particularidades e suas necessidades, em seu próprio tempo de aprendizagem, diferentes condições financeiras e diversos outros modos de ser e viver.”

São inúmeros os símbolos, formas, cores, sons utilizados. Uma gama de textos como descreve Coll e Illera (2010, p. 293) “texto escrito, som e imagens – fixas e em movimento – no mesmo espaço simbólico, passam a ser, assim, um dos expoentes mais destacados das tecnologias digitais”. Estas podem ser utilizadas como aliadas para inúmeras produções de conhecimentos em diferentes aulas. As TICs estão bem próximas ao processo de multiletramento que objetiva levar a uma prática reflexiva com diferentes textos que permeiam diversos espaços. Isso vai confrontar o que está sendo priorizado no chão da escola.

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social,

mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

As mudanças repentinas provocadas pelas atividades remotas forçam profissionais a promoverem modificações em suas metodologias, sendo os meios digitais, no momento, a única saída. “As TICS trouxeram para o contexto escolar textos multimodais e multissemióticos que contribuem imagens estáticas (e em movimento) com áudios, cores *links*” (DIAS, 2012, p.95). Os Multiletramentos ajudam os professores e estudantes em situações necessárias, desencadeadas de modo abrupto pela pandemia.

A pandemia e as experiências do BALE-FRUP

O BALE encontra-se em sua 14ª edição (2020-2021). O programa foi idealizado pelas professoras Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Renata de Oliveira Mascarenhas e iniciou as suas atividades no ano de 2007, tendo como objetivo principal a democratização e acesso à leitura para diversos públicos, conforme Sampaio (2018, p. 1), Crianças, jovens, adultos e idosos em espaços escolares e não escolares”. Atualmente tem como coordenadora geral a Prof.^a Dr.^a. Diana Maria Leite Lopes Saldanha.

O BALE é um programa de extensão ligado ao DE (Departamento de Educação), vinculado ao *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Para as atuações do programa, contamos com os seguintes grupos de atendimentos: o BALE/PAUFERRENSE e BALE/MIRIN (Pau dos Ferros), Equipe do BALE/FRUP (Frutuoso Gomes), Equipe do BALE/MIKAELENSE (São Miguel), Equipe do BALE/PORTALEGRENSE (Portalegre) e Equipe

BALE/DANTENSE (Francisco Dantas). Os atendimentos são planejados de acordo com os cinco projetos norteadores do BALE, que são chamados de “canteiros”.

Segundo Sampaio (2018), os cinco “canteiros” são divididos em:

Canteiro *Formação* tem como foco a elaboração de palestras, seminários, oficinas e outros, realizando a capacitação dos componentes das equipes.

O canteiro *Contação* procura desenvolver ações que proporcionam o contato de diferentes obras com o público. Em um primeiro momento, há a compreensão e a discussão das obras em encontros semanais com os participantes do programa e, em seguida, tem-se a apresentação as obras apreciadas e estudadas para o público alvo.

Já o canteiro *Encenação* empreende as atividades atrelados ao canteiro anterior, dando vida às obras, para um melhor envolvimento com as histórias trabalhadas em cada atuação. Tal canteiro conta com as estratégias de encenações teatrais, de fantoches, artes circenses, buscando proporcionar as produções de texto, como leituras não-verbais.

No canteiro *Ficção*, músicas e filmes são executados nas atuações do programa. As músicas são utilizadas de acordo com a temática de cada atuação. Os filmes utilizados nas propostas deste canteiro observam os livros e histórias já trabalhados nos outros projetos como o canteiro *Contação*, por exemplo.

Finalizamos com o canteiro *Informação*, cujo intuito é divulgar e popularizar as atividades desenvolvidas no programa, através de postagens em redes sociais. Logo, o programa consegue ter um planejamento diversificado e amplo, possibilitando a eficácia de sua execução. Como descreve Paiva (2019, p.37):

A proposta dos canteiros diversificados tem por estratégias planejar diferentes ferramentas, que resultam em inúmeras formas de como o BALE chega até ao público, possibilita a atuação ser desenvolvida de maneira completa, no qual consegue chegar em algum momento em cada um dos diferentes sujeitos que acompanham a atuação do programa.

No tocante a esta pesquisa, o nosso campo de atuação situa-se no BALE- FRUP, localizado na cidade de Frutuoso Gomes-RN. Este polo do Programa passa a existir a partir da 7ª edição, que se expandiu para as cidades de Umarizal, Patu e Frutuoso Gomes. Nesta cidade, as atuações iniciam na Estadual Ivonete Carlos. Hoje as reuniões para o planejamento das atuações do Programa na cidade ocorrem na secretaria municipal de Educação.

O momento hodierno escancarou que, para alcançar um funcionamento das diferentes atividades sociais, é necessário o uso de novas maneiras de conduzir os serviços diversos em diferentes segmentos que atendem ao público. Destacamos, então, que “[...] a escola precisa cada vez mais incorporar o humano, a afetividade, a ética, mas também as tecnologias de pesquisa e comunicação em tempo real.” Como ressalta Moran (2008, p. 1), estas modificações necessárias nos levam, conseqüentemente, “as mudanças sociais, culturais e tecnológicas advindas da era do ciberespaço. Com isso, “o cidadão contemporâneo precisa tornar-se aberto à diversidade cultural, respeitar a pluralidade étnica e saber conviver on-line” (DIAS, 2012, p. 8).,

O momento de enfrentamento mundial do covid-19 “forçou” a utilização das metodologias multimodais, provocando, então, a necessidade de mudanças de diversos profissionais, inclusive os da Educação. Não diferente do contexto mundial, o BALE-FRUP enfrenta os mesmos desafios provocados pela pandemia do COVID-19. Sendo assim, realizamos uma entrevista com duas mediadoras do programa: Branca e Bela. Iniciamos questionando sobre como o programa tem se adaptado as mudanças diante ao contexto atual. Obtivemos a resposta de Bela, que descreve as atuais atuações desenvolvida pelo BALE-FRUP:

Agora com os espaços educacionais fechados estamos com postagens de vídeos nas nossas redes sociais semanais. Temos postagens na segunda-feira e na sexta. Na segunda é sempre vídeos voltado para o público infantil e na sexta para o público mais adolescente. Para esse público é indicado livros, filmes entre outros. (Bela)

Percebemos na fala da mediadora de leitura, que o BALE-FRUP continua com as suas atividades, mas precisando de algumas adaptações. A baleana ainda nos informa que é necessário o auxílio de aplicativos e programas: “como o *Google Meet* para reuniões, discutimos e tomamos decisões no grupo do *WhatsApp*. Para os vídeos, usamos vários aplicativos de edições, como o viva vídeo, *kainermaster* entre outros. As redes sociais *Facebook* e *Instagram* são usadas para divulgarmos nosso trabalho.” No caso do programa, sentimos nas falas das entrevistadas esse sentimento de mudança repentina de metodologias:

Para todos, este momento está sendo bem complicado e tudo é novo, principalmente fazer o uso do meio tecnológico como uma das principais ferramentas utilizadas para formar novos leitores e despertar o apreço pelas leituras, porém sempre estamos se capacitando, buscando ajuda para nós aperfeiçoar cada vez mais e levar o melhor para o nosso público alcançando nossos objetivos de termos mais leitores. (Bela)

Em relação a resposta acima, a baleana mostra em sua fala, que a alternativa no momento é a utilização de tecnologias como no caso o vídeo. As duas baleanas relatam que sempre tiveram contato com as TICs no programa, contudo neste momento foi necessário o uso exclusivo desse recurso. Outros aplicativos passaram a ser usados com maior frequência. Quando questionada em relação as contribuições proporcionadas pelo conjunto de estratégias adotadas pelo BALE-FRUP, Branca responde que:

A maneira que são apresentadas as leituras, nós nos preocupamos muito com essa questão de não apenas prender a atenção do nosso público naquele momento em que assiste aquele vídeo interativo, colorido, bem apresentado, mas que ele possa ir buscar o texto, e buscar a leitura pelo seu próprio gosto e fazê-la uma prática diária na sua vida. Por isso sempre disponibilizamos os locais para encontrar o texto, falamos sobre o autor do texto e todas as informações precisas para que aquele público possa pesquisar, buscar, ler e correlacionar com atividade mostrada na plataforma digital do programa. (Branca)

Percebemos que, para Branca, é bem clara a necessidade de disponibilizar uma gama diversa, para que o sujeito possa ter uma

familiaridade em uma ou mais estratégia, sendo, portanto, atraído ao que lhe é proposto. Outro ponto interessante que a entrevistada relata é a necessidade de propiciar ao público do BALE-FRUP a autonomia de buscar o desenvolvimento do seu repertório de leitura. Aqui o sujeito é provocado a ir além, se aprofundar, para que isso passe a ser uma atitude no seu cotidiano. Isso mostra que o público do programa é “[...] sujeito do seu próprio dizer/fazer, protagonista de seu percurso de aprendizagem [...]” como ressaltam Rojo e Moura (2012, p. 92). Diante disso, é possível perceber que o momento vem proporcionando uma reflexão da metodologia, levando diferentes profissionais da educação a um repensar das suas práticas. Sendo assim, durante e após a pandemia, é possível que tenhamos contribuições significativas advindas deste caos. Branca descreve o seu sentimento em relação a esse legado:

Além do aprendizado que este momento nos proporcionou, acredito que ficará um grande legado pois muitas criações inovadoras são bastante importantes continuar, pois por meio dos nossos meios digitais muitos dos nossos voluntários se redescobriram, alcançamos mais pessoas que tem esse apreço pela leitura, pela educação, e que precisamos manter interligados além de agregar mais nas ações que o BaleFrup realiza. (Branca)

É provável que esse legado seja a disseminação de uma metodologia multimodal, que visa a trabalhar com o sujeito através de textos múltiplos, dinâmicos, híbridos, textos estes que encontramos de maneira digital e acessível na *internet*. Em relação às mudanças de acesso ao ensino, ao contato com a leitura, o texto é apresentado de outras formas ao aluno, ou seja, de forma eletrônica/tecnológica. Assim, Zacharias (2016, p.16) nos mostra que “[...] textos híbridos, que associam sons, imagens ícones, imagens estáticas e em movimento, leiautes multissemióticos, alterando os gestos dos leitores, o processamento da informação e a construção de significados.” Sob essa perspectiva, é exposta a necessidade do aperfeiçoamento dos profissionais de Educação em aprimorarem as suas metodologias, de acordo com o seu público e com as necessidades que o cenário atual nos requer. Com isso,

o programa BALE nos mostra, através de seus canteiros, *Formação e Informação*, que possui metodologia diversificada e aperfeiçoamento contínuo de seus mediadores.

Considerações Finais

Em nossa pesquisa, objetivamos refletir sobre as atuais estratégias adotadas especificamente no programa BALE-FRUP, tendo como pano de fundo os atuais desafios provocados pela pandemia do novo coronavírus. Para isso, levamos em consideração as práticas deste programa no que tange à formação leitora do sujeito, mediante as atividades executadas em tempos de pandemia. O estudo foi realizado na cidade de Frutuoso Gomes – RN, que é um dos cinco polos do BALE e nos proporcionou subsídios satisfatórios para a execução e respostas para as problemáticas e questionamentos durante a pesquisa.

Conseguimos identificar que, mesmo com a pandemia, o programa BALE-FRUP continua com as suas atividades, fazendo com que os mediadores do programa sintam uma mudança repentina na maneira de como planejar e executar as suas atividades, ou seja passar do presencial para o virtual. A utilização das TICs sempre foi presente no programa; contudo, o momento requer o seu uso exclusivo.

Portanto, tendo em vista que o programa desenvolve suas atividades com diferentes estratégias metodológicas para conseguir atingir o objetivo de levar o gosto pela leitura, através da utilização da multimodalidade em suas práticas, consegue ter uma versatilidade nas maneiras de desempenhar o trabalho proposto. Desta feita, consideramos que a experiência vivenciada pelo programa, durante o período, de pandemia intensifica os canteiros *informação e formação*, pois, através das falas das mediadoras entrevistadas, constatamos que já havia a utilização de diferentes métodos. Além disso, também fica claro que o momento atual de pandemia provocou a necessidade de adaptação/aperfeiçoamento, motivando, desta maneira, uma reflexão sobre a formação continuada.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico COVID-19**. Disponível em: <https://saude.gov.br/images/pdf/2020/August/12/Boletim-epidemiologico-COVID-26.pdf> . Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. Sistema Único de Saúde. FIOCRUZ Brasília. **Novo coronavírus. Tire suas dúvidas aqui!** Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/coronavirus_perguntase-respostas/. Acesso em: 15 ago. 2020.

COLL, C. e RODRÍGUES ILLERA, J. L. Alfabetização, novas alfabetizações e alfabetização digital: as TIC no currículo escolar. In: COLL, C. e MONEREO, C. (Orgs.) **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 289-310.

COSTA, Antonia Moraes Leite. Do Letramento aos Multiletramentos: Reflexões e Práticas. In: SILVA, Agostinho da; TORRES, Paulo Gorete Maria; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **Leitura, Mediação e Ensino: Múltiplas abordagens**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

DIAS, Reinildes. Web Quests: Tecnologias, multiletramentos e a formação do professor de inglês para a era do ciberespaço. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, 2012.

DIAS, Anair Valéria Martins. Hipertextos Multissemióticos. In: ROJO, Roxane Helena R et al. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: 2012.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Educação escolar em tempos de pandemia**. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>. Acesso em: 16 ago. 2020

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do Letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

MORAN, J.M. **Aprendizagem significativa**. São Paulo. Entrevista concedida ao Portal Escola Conectada. Disponível em http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_inovadora/significativa.pdf. Acesso em 09 jan. 2021.

MORAN, Manuel. **Metodologias ativas de bolso. Como os alunos podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda**. São Paulo: editora do Brasil, 2018.

OPAS, Organização Pan-Americana de Saúde. **Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875 . Acesso em: 02. jan. 2021.

PAIVA, A. H. N.; **Por uma compreensão das práticas do programa BALE-FRUP face a sujeitos com TEA**. 51f. Monografia. Curso de especialização em Educação, Linguagem e Interculturalidade, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). 2019.

PAIVA, A. H. N.; TOMÉ, C. Por um currículo itinerante: o BALE-FRUP em face de alunos com transtorno do espectro autista. In: SILVA, A. S.; TORRES, M. G. P.; SAMPAIO, M. L. P. **Leitura, mediação e ensino: múltiplas abordagens**. São Carlos. Pedro e João. 2020.

ROJO, Roxane H. R.; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa (Coord.). **Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas**. Projeto de pesquisa. Pau dos Ferros: UERN, 2018.

TORI, Romero. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distância em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.) **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 11-29.

QUARENTENANDO COM A LITERATURA: UM MAPEAMENTO DAS AÇÕES DO BALE-FRUP DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Janiele Suyane de Lima
Priscilla Daianny da Silva
Francisco Vieira da Silva

O escritor gaúcho Mocayr Scliar (1937-2011), que também era médico, escreveu uma crônica intitulada *Literatura como tratamento*. No texto, o autor discorre que nos Estados Unidos, desde 1980, existe uma Associação Nacional para a Terapia pela Poesia que, além de editar um jornal, realiza cursos e confere o título de biblioterapeuta, profissional disposto a atuar em hospitais, instituições psiquiátricas, asilos e prisões. De acordo com Scliar (2013, p. 22), o poder da palavra pode curar, pode transformar a vida de sujeitos em contextos particularmente hostis, ou seja, trata-se de uma terapia na qual “[...] toda pessoa se beneficiará do ato de ler e de escrever. É terapia sim, e é terapia prazerosa, acessível a todos. O que, em nosso tempo, não é pouca coisa”. Pensamos que essas afirmações de Scliar podem servir de norte para refletirmos acerca da função da literatura no decurso do confinamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

Nesse sentido, desde o final de 2019, o mundo assiste ao avanço voraz de um vírus, denominado de novo coronavírus (SARS-Cov-2), pertencente ao grupo de agentes patógenos da gripe comum, mas com um risco de agravamento de quadro respiratório bem mais intenso, causador da chamada Covid-19. O vírus atravessou continentes e, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o estado de pandemia, de modo a alertar para a necessidade de diversos países do mundo a adotarem medidas de contenção da doença, a partir da testagem e monitoramento de suspeitos e do controle da circulação de pessoas e a mitigação de aglomerações sociais. Nesse ínterim, considerando que, conforme Sontag (1984), toda moléstia cuja causa é obscura e cujo tratamento inexistente ou é

ineficaz é tencido a ser perpassada por uma série de significações. Nesse sentido, toda sorte de especulações foi criada: desde a associação a um castigo divino, passando pelo plano chinês de dominação global até a minimização da doença, tratada, pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido), como “uma gripezinha”. Tudo isso criou uma falta de coordenação para as medidas de combate à doença. O presidente criou conflitos com os governadores e insuflou a população a não seguir as recomendações das agências sanitárias, quando o próprio chefe de estado participou de aglomerações e não usou máscara em diversas ocasiões públicas. Ainda que os estados e municípios tenham fechado o comércio, nos primeiros meses da pandemia, o Brasil nunca conseguiu atingir o percentual de 70% de confinamento, recomendado pelas agências sanitárias e epidemiológicas como o ideal para frear os índices de contágio.

Como as escolas constituem, por sua natureza, ambientes com concentração de pessoas, os estabelecimentos de ensino foram fechados em meados de março e, até agora o fim de 2020, poucas escolas abriram suas portas com medidas de biossegurança bastante rígidas. Durante todo esse período, os estados e municípios adotaram diferentes estratégias de ensino remoto e de envio de atividades por meio da *internet* ou até mesmo impressas, tendo em vista que, em muitas regiões do país, especialmente a população economicamente vulnerável não tem condições de acessar a *internet* e, quando tem, não é uma rede de qualidade. Além disso, a falta de escolaridade de muitos pais impossibilita o auxílio na resolução de tarefas escolares, bem como o estímulo à prática de leitura.

Com os filhos longe da escola, os pais tiveram que se reinventar dentro de seus lares para, muitas vezes, dá conta de trabalhos remotos e ainda da educação dos filhos, sendo necessário caminhar cada vez mais junto da escola, auxiliando as crianças nas atividades escolares. São eles que podem orientar as atividades escolhidas pelo professor, de modo a mostrar as crianças o passo a passo, visto que os professores não podem exercer integralmente a função que lhes cabe num contexto de distanciamento social.

Nesse sentido, a leitura é uma ferramenta poderosa para trabalhar o senso crítico das crianças e os pais podem usufruir dessa atividade para diferentes fins, desde ensinar conteúdos sociais até usar a leitura para relaxar seus filhos e acalmar os ânimos, pois vivemos uma conjuntura social deveras estressante. Em resumo, a ato de ler aproxima pais e filhos.

Vale destacar que o gosto pela leitura mudou, tanto para a criança, para o adolescente, como também para os adultos. Isso é efeito da tecnologia que a cada dia está cada vez mais presente na vida das pessoas, pois o físico vive em consonância com o *online*. Tendo em vista a facilidade de se encontrar conteúdos virtuais e com a “cultura do hipertexto”, as pessoas estão vendo a leitura de forma diferente. Por isso, a necessidade de resgatarmos o gosto pelos livros, especialmente os literários. Nesse ínterim, o projeto BALE-FRUP (Biblioteca Ambulante e Leitura nas Escolas/Frutuoso Gomes) leva a leitura de forma prazerosa, encantadora, para que isso desperte em nosso público o desejo pelo deleite da arte literária.

Acreditamos que é necessário investir na leitura para que tenhamos cidadãos mais críticos e capazes de discutir sobre temas penitentes no cotidiano de todos. E as crianças são quem mais precisam desse estímulo, pois estão ainda formando seus pensamentos, fazendo descobertas e se a leitura chegar até elas de forma instigante, mágica e rica em conhecimentos, os pequenos podem tomar gosto pelos livros. Nesse período de isolamento, em que espaços de lazer, escolas entre outros lugares foram fechados e os pequenos se encontram reclusos em casa sem muitas opções de diversão, é essencial que os pais/responsáveis invistam em algo prazeroso com as crianças.

Compreendemos que a leitura, associada especificamente com a leitura de literatura é de suma importância, em qualquer fase da vida. Neste momento de isolamento, de termos que nos redescobrir e viver fora da nossa rotina de antes será que a leitura literária pode nos auxiliar? Esse questionamento coloca-nos para refletir, analisar e explorar as contribuições que uma leitura pode nos oferecer. Quando nos indagamos acerca do que é Literatura, sempre ouvimos de pesquisadores e estudiosos que é “a arte da

palavra”, isto é, um trabalho meticuloso na forma de expressão por meio do que é dito. Para Candido (2006, p. 84):

[...] a literatura não corrompe e nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver”. E afirma: “A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

Diante da fala do autor, concebemos que a literatura, além de formar o sujeito, permite a identificação do leitor e espaço apresentado nas obras literárias. Nesse sentido, a literatura atua na formação psicológica e social do ser humano.

Yunes (2010, p. 600) diz que “[...] a Literatura nos oferece à vida em alteridade, ou seja a literatura nos faz escolher diversos segmentos sem nos deixar levar pelo óbvio ou correto”, mas buscar os variados sentidos e conhecimentos acerca de uma dada problemática. Seguindo o pensamento do autor, vemos a literatura não faz com que o leitor seja um receptor passivo, mas um agente e cúmplice das tramas criadas pelo autor que pode ressignificar os sentidos produzidos no texto.

A educação infantil é considerada uma das fases primordiais para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Tanto no ambiente escolar como familiar, a leitura deve ser inserida desde de cedo, como relata Bamberger (2000, p. 34), é notório habituar a criança com a literatura, porque “[...] se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, estaremos promovendo o seu desenvolvimento como ser humano”. Isto é, com a inserção da leitura cedo no cotidiano da criança, o autor tenciona que é preciso mostrar aos pais e professores que isso é fundamental e contribuirá para o desenvolvimento do gosto pela leitura, para

sua formação como cidadão e profissional, além de que este sujeito não verá a leitura como algo imposto na sua vida e, sim, de forma prazerosa e significativa.

O estudioso faz uma comparação da leitura com o rádio, o cinema e televisão, pois, no lugar de ter uma variedade limitada a escolher, entre filmes, programas televisivos ou ouvir uma música, o leitor pode selecionar ler livros de autores do passado e presente, brasileiros ou estrangeiros, de temáticas que chamem sua atenção, com as quais pode se identificar, e o melhor, onde quiser, no seu ritmo e no horário que preferir, podendo reler, refletir, parar e recomeçar. Com esta versatilidade, a leitura promove uma continuidade na educação e entretenimento.

Assim, a conexão entre escola e família no incentivo à prática da leitura é primordial. Embora a criança não possua o seu entendimento desenvolvido totalmente, por meio de uma contação de história ou de uma ilustração de um livro, é possível fazer com que este indivíduo seja um leitor no futuro, que tenha o gosto pela leitura, seja na escola, em casa como no mundo afora, principalmente se a criança lidar no espaço familiar com exemplos de leitores, pois, nesta fase, ela tem um comportamento de “imitar”, e, ao perceber e ter o contato com os livros, tende a introjetar essa conduta e esse hábito.

A contação de história, de canções de ninar e uso de livros ilustrativos são estratégias bastante usadas pelos pais e professores e na inserção da criança no universo da leitura. Helena Martins aponta, no seu livro intitulado *O que é leitura*, que o leitor vai despertando a consciência leitora a partir dos seguintes níveis: sensorial, emocional e racional. No ambiente familiar, a leitura sensorial e emocional é despertada, pois é uma leitura mais leve e prazerosa. Neste elo existente entre pais e filhos, aguçam-se os sentimentos e emoções. No momento de contar uma história, de usar a imaginação, os outros níveis vão sendo desenvolvidos, como o racional, de modo que a criança sente vontade de retribuir, contar, criar e ler suas próprias histórias.

Um dos principais fatores de não ter um grande percentual de jovens leitores é a falta de incentivo tanto na família como no espaço escolar. Quer dizer, a ausência de ações de possível inserção de leitura e de livros na infância. Todavia, os jovens

realizam leituras, mas estas efetivam-se de modo disperso nas redes de interconexão social, mas a curiosidade do jovem pode fazer com que busque a leitura ao seu gosto como forma de escape. Neste momento de isolamento social, muitas matérias, artigos, resenhas, publicações nas redes sociais são postadas a todo momento, para informar, dentre outros, como meios de ocupar esse tempo digamos mais “livres” e que a realização destas leituras está ocorrendo já que os meios tecnológicos estão mais presentes na nossa rotina.

O programa BALE é uma ação extensionista que a visa viabilizar o acesso aos textos literários estimulando assim, o gosto pela leitura. Tem sede na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF) e foi criado em 2007. Dentro do programa, temos vários núcleos que são subgrupos distribuídos em algumas cidades do Rio Grande do Norte, dentre os quais situamos o BALE-FRUP.

O BALE-FRUP, foco do nosso trabalho, foi criado em 2013 e inicialmente contemplava as cidades de Frutuoso Gomes, Umarizal e Patu. Atualmente é formado apenas por membros da cidade de Frutuoso Gomes. O objetivo principal é formar leitores, levando a leitura ao público infantil, jovens e adultos. Aborda todos os públicos, dependendo do espaço e evento no qual o grupo irá atuar. Antes da pandemia, atuávamos em todas as escolas da cidade de Frutuoso Gomes, bem como em cidades da região, e nos principais eventos que aconteciam, seja na área da saúde ou da educação. Em todas as apresentações, caracterizavam-nos para enaltecer as atuações e, assim, conectarmos mais o público com a encenação escolhida para eles.

A partir das medidas de distanciamento social, o BALE-FRUP teve que se reinventar em sua maneira de levar a leitura até o público. Como não podíamos fazer apresentações, começamos a gravar vídeos e postar em nossas redes sociais digitais. Além disso, continuamos com nossas reuniões semanais através da plataforma do *Google Meet*, onde discutimos livros escolhidos por nossa coordenadora, Profa. Ma. Maria Gorete Paulo Torres, e também decidimos quem vai gravar os vídeos da semana. Toda segunda-feira, postamos um vídeo no *Instagram* e na página oficial do nosso grupo no *Facebook*, direcionado ao

público infantil. Em tal vídeo, caracterizamo-nos com vestimentas, adereços, além de usarmos itens que nos auxiliem na contação de história. Nos dias de sexta-feira, postamos uma indicação de livro ou filmes adaptados de obras literárias. As redes foram criadas e sempre usávamos para postar fotos das atuações feitas antes da pandemia, porém, agora usamos de forma mais intensa com as postagens de vídeos de diversas histórias e indicações de leituras e filmes. Trabalhamos com o objetivo de atingirmos esses públicos para que crianças e jovens tenham conteúdos relevantes para ver, ler e ouvir nesse período de isolamento social.

Mesmo com todos os empecilhos impostos pelo um momento social que estamos vivendo, buscamos sempre fazer o melhor para que aqueles que assistem aos vídeos possam conceber os livros como fonte prolífica de conhecimento e enxergar a literatura como uma forma de deleite e encantamento em tempos tão hostis. Quando atuávamos presencialmente, após as histórias, pedíamos para as crianças recontarem e, se desejassem encenar, podiam fazê-lo. Já nesse período atípico, pedimos para aqueles que se interessem recontar, que gravem um vídeo recontando a mesma história do vídeo postado ou outra que a criança desejar. Como não podemos estar com eles fisicamente, essa é uma forma de recebermos um *feedback* do nosso trabalho. De todo modo, reiteramos o papel primordial que arte literária exerce na formação do homem. Consoante nos lembra Ordine (2016, p. 22), justamente por ser imune à lógica do lucro das sociedades neoliberais, a literatura pode ser vista “[...] como forma de resistência à barbárie da utilidade, que chega mesmo a corromper as nossas relações sociais e afetos mais profundos”.

Referências

- CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática 2000. (Coleção Educação em ação)

YUNES, Eliana. **Educação e leitura**. Brasília: Liber Livro, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros passos; 74).

SCLIAR, Moacyr. **O território da emoção: crônicas médicas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: um manifesto**. Trad. Luiz Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. Trad. Márcio Barbalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

O INALIENÁVEL DIREITO À LITERATURA E O PROTAGONISMO DO PROJETO BIBLIOTECA AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS – BALE NA CIDADE DE FRUTUOSO GOMES – RN

Sérgio Wellington Freire Chaves
Roniê Rodrigues da Silva
Maria Eveuma de Oliveira

Diante de uma sociedade paulatinamente adoecida, a literatura apresenta-se cada vez mais como espaço profícuo que fomenta a formação e a transformação do ser humano, daí sua desejável cura. No seu esteio democrático, cabe-lhe a interdisciplinaridade que possibilita variadas discussões urgentes à sobrevivência gregária; reivindica um letramento para entender e viver o mundo, o que a torna espécie de medicamento, na imperativa empreitada de reinventar e (re)humanizar o homem, porque disso dependemos, para não perecermos diante uma individualista globalização e validação materialista, e porque materialista, perene na sua própria essência.

Propomo-nos, nas páginas seguintes, apresentar a importância da inserção da literatura no cotidiano da sociedade brasileira de maneira realmente tocante ao ser gregário. Para isso, defendemos o fundamental letramento literário, uma vez que, sem ele, não há nada além que somente uma leitura decodificada, mecânica, que nada ou pouco serve-nos como ferramenta de mudança social. Letrar, cremos, deve ser o objetivo primeiro, norteador basilar, das aulas de literatura dos espaços escolares, isso porque sem esse letramento, usurpamos o texto literário, sequestramos do aluno o direito à literatura, direito esse, já afirmado por Candido (1995) como inalienável.

Assim, partindo de uma reflexão da sociedade brasileira desse início de século XXI para confirmarmos, nesse escopo, a urgente reinvenção e (re)humanização do homem, defendemos o valor latente da literatura nessa empreitada que deve ser coletiva. Diante um estudo de caso, exemplificamos nossas

reflexões por meio do êxito do Projeto de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), do *Campus Avançado* de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), apresentando sua atuação especialmente na cidade de Frutuoso Gomes, localizada no alto oeste potiguar.

O vigarismo à brasileira: patrimônio cultural

Relata uma crônica, ou conto ou lenda, entendamos como desejarmos, que, no Brasil colônia, uma paróquia de interior recebeu uma linda imagem sacra de Maria, mãe de Jesus, e que ali havendo duas igrejas, cada qual com seu vigário, ambos entraram em disputa pela imagem da santa. Ao passar um burro, um dos vigários propôs que o animal decidisse para onde iria a imagem, orientando que a escultura de Maria ficaria na casa religiosa para a qual o burro se dirigisse. Ocorre que aquele animal todos os dias seguia para o mesmo santuário, seguindo sempre seu dono, o vigário propôs a espúria resolução da questão. Não deu outra, o burro seguiu para O templo de sempre, o que lhe era o habitual. O trambique estava orquestrado, todos deixaram o burro decidir e, assim, caíram, todos, no “conto do vigário” – hoje, dito popular.

O “conto do vigário” multiplicou-se na colônia lusíada do Trópico de Capricórnio – a então América Portuguesa. Sendo uma terra que “querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo” (CAMINHA, 1963, p. 08), em terras Brasil falcatruas, farsas, insensatez e despeito ao coletivo sobressaíram ao longo de sua história, períodos pós períodos nacional; denominado como “jeitinho brasileiro”, não raramente nos orgulhamos de ações que, contrariamente, deveríamos nos envergonhar e lamentar; os “vigários” se disseminaram, ao longo da história e das regiões da nação continental.

A literatura nacional, uma vez sendo verossímil à sociedade que a produz, muito tem apresentado essa dialética da malandragem (CANDIDO, 1970) que, hoje, culminou numa dialética da marginalidade. Não nos cabe tolerar, aceitar e naturalizar a questão, uma vez que: “Celebrar a malandragem,

portanto, é esquecer que todo Vadinho necessita de uma Dona Flor para explorar, roubar-lhe o dinheiro, agredi-la quando seu desejo não é prontamente atendido” (ROCHA, 2004, 01). Criando-se aí, uma cadeia interminável de vítimas, de explorados por um vigarismo crônico da sociedade nossa.

No Brasil do início do século XXI, constatamos uma sociedade que desvaloriza, na prática, costumeiramente e de maneira estrutural, a educação, a cultura, a ciência. A título exemplificador, destaquemos a falta de utilização de máscaras por numerosa parte da população diante a pandemia que nos assola, e a todo o mundo, nesse ano de 2020. Tivemos que mobilizar policiais e vigilantes para fazer-se cumprir decretos favoráveis ao uso de máscaras, uma vez ser esse uso uma das principais maneiras de inibir a disseminação do coronavírus que até o momento dessa escrita já causou a morte de mais de cento e cinquenta mil brasileiros por meio da Covid-19, é uma agressão ao que se possa compreender por cidadania; isso é escamotear princípios éticos, é concreto exemplo de deseducação, de desvalorização da cultura, do conhecimento e da ciência. Mas, o exposto acima é apenas uma fração de um ciclo infinito de barbárie social, podendo ser quebrado, cremos, somente pela educação. Uma educação que, como bem orienta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/96, aprimore o educando como pessoa humana, por meio da inclusão de uma formação ética e favorável ao desenvolvimento intelectual e ao pensamento crítico.

Por uma educação mais humanizadora, documentos nacionais da esfera do Ministério da Educação, recentes e de grande notoriedade, continuam a ressaltar a ética, a democracia, a equidade, como objetivos a serem conquistados por meio da educação; exemplarmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, dentre as dez competências gerais para a educação básica, destacamos duas, que comprovam nossas reflexões:

1. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes,

identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

2. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BNCC, 2017, p. 09).

Tudo isso porque, já nos parece óbvio, não avançaremos no cenário mundial pautando-nos somente pelo capital, pelo consumismo, pela produção de trabalhos mecânicos, pois também carecemos de cultura, de filosofia, de conhecimento, de cidadania, para podermos pensar em efetiva progressão, evolução nacional. Evidentemente, não basta constar toda essa valorização da educação somente em documentos orientadores, mas também e sobremaneira, em efetivas políticas públicas que valorizem tudo o posto documentalmente, o que significa, também, maiores recursos financeiros e, talvez por isso, pouco interesse dos gestores na causa. Carecemos, urgentemente, de uma gestão pública de pessoas comprometidas com a mudança, com a utopia a ser alcançada. Até lá, nos restará a barbárie normalizada, naturalizada e, até mesmo, institucionalizada – nada mais bárbaro, no Brasil, que a realidade diária dos transportes públicos, ou, numa determinada eventualidade histórica-temporal, o não uso de máscaras; e são apenas poucos exemplos diante vários.

Acontece que o “conto do vigário” se aperfeiçoou. O vigarismo se legitimou nas terras do *Eldorado*, no seu ponto central, de contornos de avião no seu plano piloto. Documentos que deveriam gerir o estado democrático transformam-se em tão somente “papéis de gavetas”, restando-nos, quando muito, seguirmos – aqueles que creem que a educação transforma vidas – ao revés e contra muitos, o trabalho tantas vezes solitário, por certo, difícil, de investir, concretamente e amorosamente, na educação; na certeza que ele pode romper este séquito cíclico e histórico da sociedade brasileira.

Formação e transformação: por uma utopia possível

É nesse contexto social que o ensino de literatura ressignifica-se como ferramenta cada vez mais indispensável a uma cultura nacional mais cooperativa, inclusiva e igualitária. Verdadeiramente, o ensino literário sempre foi imprescindível, especialmente pelo seu caráter interdisciplinar defendido por Roland Barthes em *Aula* (2007), mas parece nunca ter sido tão necessário fomentar, e por meio dela há viabilidade, o exercício da criticidade, em busca de civilidade, de cooperação e de empatia. Isso porque, como nos ensina Antonio Candido, no seu artigo “A literatura e a formação do homem” (1972), a literatura forma e transforma o ser humano, diante o contato dele com o monumento literário, a escrita artística em si. Mas esse contato deve ser pleno, de fruição estética, emotiva e reflexiva integral, viabilizando discussões pertinentes ao ser gregário, diante da verossimilhança social do seu espaço e tempo – se não essência da literariedade, mas uma constante dos clássicos – que a produção literária está associada, reafirmando sua intensa ligação com a sociedade. Aquela é produto dessa; seu espelho, seu reflexo.

A obra literária pode exercer impacto sobre o leitor de maneira que não podemos mensurar, isso porque em boa parte das vezes ela age no nosso inconsciente. Uma narrativa, ou poesia, quando nos é apresentada, promove ou, no mínimo, evoca alguma mudança na nossa maneira de ver e viver o mundo. Essa compreensão do operar o texto literário em nós pode nos ser considerada ou, tantas vezes, inconsiderada; mas a ação ocorre, ainda que a reneguemos ou a diminuamos, por decorrências múltiplas. Desde criança, por meio das histórias de “Era uma vez” ou contações orais, nos é apresentado, a rigor, a ancestral dualidade opositora do bem e do mal, o maniqueísmo que doutrina quase todos os povos e é alicerce para quase todas as religiões; isso exemplifica, muito genericamente, o que ora afirmamos, uma vez que cada indivíduo já se viu, ainda que só por uma vez, na seara desse proselitismo maniqueísta. E caso a religião queira reivindicar a catequese, recordemo-nos que os livros contemplativos são, *a priori*, grandes compêndios de

gêneros literários narrativos (parábolas, evangelhos) ou poéticos (cânticos, salmos).

Quando da leitura e estudo de uma obra literária, dois andamentos distintos aliam-se, o momento analítico, que busca ver a obra pelo cunho científico, vislumbrando o objeto pelas mais variadas correntes da crítica literária do século XX e subsequentes, iniciada pelo Formalismo Russo, percorrendo um curso histórico de possíveis análises bastante esclarecedoras como, a exemplo, os períodos: Estruturalista, Estética da Recepção, Estudos Culturais e Estudos Pós-colonialistas; ou ainda, analisar a obra pelos elementos essenciais da sua composição, sendo específicos os operadores dos textos narratológicos e textos poéticos. Nesse referido momento, os estudos literários formam o leitor, apresentando-lhes um conhecimento científico de como analisar o texto, diante as possibilidades apresentadas ao longo da história, seguindo um método científico coerente com seus objetivos de análise; daí afirmarmos o caráter formador do ensino de literatura.

Paralelamente (ou simultaneamente, fica a critério do estudioso), há o momento crítico, quando validamos ou refutamos a obra literária, especialmente como projeção humana. Por meio do seu costume verossímil ao tempo e espaço que a produz, anteriormente já alegado nesse texto, a literatura promove reflexões acerca do indivíduo e suas relações com o universo; muito especialmente, com a sociedade a qual faz parte, por meio da criticidade inerente às provocações que o texto literário sempre suscita. Por esse momento, afiançamos o caráter transformador do ensino literário. Quanto a esse fator, de transformação do ser social, da literatura, Candido (1995) complementa:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos

movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 1995, p. 175).

Em síntese, a literatura, por meio da criticidade que evoca (momento transformador) e desenvolvimento intelectual (momento formador), aprimora o leitor como pessoa humana, apresentando, tantas vezes, uma formação ética urgente diante uma sociedade – que nos é contemporânea – tão, metaforicamente, adoecida.

Por tudo exposto, já seria notório o porquê do direito inalienável à literatura (CANDIDO, 1995); acrescentemos a tudo isso, ela arvorar a luta pelos direitos humanos – a luta mais anosa e coeva dos homens de boa vontade – que abrange a luta para que todos tenham acesso aos mais diferentes níveis de cultura e, por meio dela, promoverem a valorização da educação, da ética, da urbanidade mais empática, da ciência; de uma sociedade mais justa, crítica, autônoma e responsável:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 1995, p. 186).

Parece-nos inequívoco que, para ocorrer todo esse manifesto coletivo, faz-se necessário o contato direto com a obra literária, sua leitura plena, fruída, muito além da memorização mecânica e agenciamento oral dos signos linguísticos – o significante – mas sim uma experiência estética da leitura, permitindo-se fruir por meio de estágios como empoderamento do texto, por meio da recepção; reflexão; discussão e crítica do mesmo, ao que denominamos de letramento literário. Esse letramento literário tem sido, ao longo da história do ensino de literatura na educação básica nacional, negligenciado. A rigor, o que costumeiramente

temos no cenário da educação brasileira como aula de literatura é o ensino de periodização literária, biografismo de seus escritores e equivocadas análises que inviabilizam o necessário cientificismo esperado por seu desempenho formativo. Não raramente, nas aulas de literatura, é renunciada a esperada centralidade do monumento literário, em favorecimento a textos que discutem sobre a obra – espécie de metaleitura.

Todorov (2009) nos afirma que essa metodologia, que cremos diante estudos vários, equivocada, põe a literatura – entendamos aqui o seu ensino – em corriqueiros perigos, além de sequestrar, do educando, o direito que o mesmo possui ao seu acesso. Além do mais, sem a leitura do texto literário, torna-se inviável promover seu letramento; o que, como reação, inviabiliza totalmente a formação e a transformação por ela oferecida. Ressalte-se que essa equivocada metodologia historicista do ensino literário brasileiro na educação básica permeia questões de estrutura e funcionamento desse nível de ensino, que possui hoje um currículo extenso se inventariado à carga horária, o que não proporciona algo que requer tempo para refletir e discutir criticamente, ou seja, é uma questão que está além da sala de aula das escolas de nível fundamental e/ou médio, que a extrapola. Está além dos muros escolares também, quando pensamos, a título exemplificador, no mercado editorial do livro didático, que parece caminhar à revés das pesquisas da área e, até mesmo, quando analisamos a grade curricular de boa parte dos cursos acadêmicos de Letras das universidades de todo o país, tantas vezes dissonantes quando a discussão enfoca a literatura e seu ensino, pautados costumeiramente tão apenas numa clássica teoria. Tudo isso torna a questão ampla e cíclica, num transcurso que parece não adepto à novos olhares, novos pensares. Contudo, resta-nos a utopia. Não a utopia esvaziada na falácia; mas a atuante, a que faz proceder intervenções pertinentes à realização, ainda que tardia, do sonho – o letramento literário como realidade nas salas de aula de todo o Brasil, formando e transformando essa comunidade-nação.

O protagonismo do Projeto Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE

Como intervenção exitosa de letramento literário, destacamos o Projeto de Extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas; ação extensionista do Departamento de Educação em parceria com o Departamento de Letras do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), localizado na cidade do alto oeste potiguar, Pau dos Ferros, que teve suas atividades iniciadas no ano de 2007 em bairros periféricos daquele município; tendo, como objetivo máximo e geral, viabilizar o acesso ao texto literário às, notadamente, comunidades mais vulneráveis. Na sua nona edição, no ano de 2015, o projeto amplia-se para outras cidades, por meio de equipes, sendo uma equipe criada para atuar, especificamente, nas cidades de Frutuoso Gomes, Umarizal e Patu, nomeada de BALE-FRUP.

Ao carecermos de recortes, como toda pesquisa, selecionamos a cidade de Frutuoso Gomes para apanharmos depoimentos de baleanos (participantes do Projeto BALE ainda integrantes ou egressos), bem como de alunos assistidos pela ação extensionista da universidade pública anteriormente citada. Ressalte-se que o número considerável de escolas e, conseqüentemente, o número aguerrido de alunos da rede básica de ensino contemplados, nesse município, durante tantos anos de atuação do projeto ainda em curso, embora não exatos, faz-nos cremos como intervenção significante àquela comunidade contemplada; bem como cremos ser expressivos os bons resultados de outras cidades da região do alto oeste potiguar nas quais o BALE atua, sendo o projeto, em toda a sua composição de equipes por áreas de atuação, *corpus* de análises e estudos de dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como de inúmeros monografias, artigos e coletâneas de livros científicos, sempre comprovando-se o êxito de seu objetivo maior.

Dos relatos e depoimentos coletados, aqui apresentaremos dois depoimentos de baleanos (atuantes ou egressos) e dois relatos de alunos da rede básica de ensino contemplados pelas ações do projeto de extensão aqui já mencionado. A escolha

desses relatos (tanto dos baleanos quanto dos alunos assistidos) se deram por aqueles que mais representassem o conjunto dos depoimentos; como se uma alegoria deles fosse. Os baleanos depõem que:

O hábito de ler me fez enxergar o mundo com outra percepção. Vale ressaltar, que a leitura abre novos horizontes, além do leitor adquirir um conhecimento e ter um desenvolvimento de um senso crítico mais aprimorado. Sem dúvidas, o programa BALE foi de suma importância, pois através dele passei a ter um gosto a mais pela leitura e isso me beneficiou em termos de um melhor vocabulário, aprimoramento da escrita e até mesmo a forma de me expressar. Tudo isso foi imprescindível, tanto para a minha formação pessoal quanto profissional (BALEANO 01, entrevista concedida para a pesquisa).

O Programa BALE contribuiu de forma bastante positiva e transformadora na minha formação leitora. A realização de leituras, escritas, diálogos e discussões literárias durante minha participação no Programa me deram a oportunidade de enxergar o mundo com um olhar mais crítico-reflexivo, me tornando um ser mais ativo e participativo na sociedade. Também intensificou em mim o gosto pela leitura e partilha de saberes, o que foi essencial para a escolha da minha profissão e aprovação na realização do vestibular. Ao Programa BALE: gratidão (BALEANO 02, entrevista concedida para a pesquisa).

Em ambos os depoimentos, nos é possível comprovações da literatura enquanto transformadora, além de formadora, ao ser humano. No depoimento do Baleano 01, há o relato da construção de um senso crítico, além da afirmativa da leitura literária e seus benefícios como imprescindíveis para sua formação pessoal, além da profissional. O Baleano 02 afirma que, diante das leituras realizadas, possui um olhar mais crítico-reflexivo do mundo, sendo mais atuante na sociedade ao qual pertence.

Parece-nos eles, letrados literariamente, estarem mais aptos a uma proposta mais humanística da formação humana e da vivência gregária, promovendo empatia, solidariedade e coletividade que busque equidade, ainda que o contexto social nacional que se descortina leve-nos, tantas vezes, ao ceticismo que jamais conseguiremos alcançar a utopia. O que queremos dizer é que os letrados literariamente estão mais propensos a uma mudança social que vise mais à cooperação e à interação. São, ao que semelha,

pessoas que trabalham para a resolução de problemas e que valorizam mais a educação, a ciência. Isso porque a leitura literária promove o pensar sobre si e sobre a sociedade ao qual faz parte, de forma crítica, honesta e empenhada.

Os alunos do ensino básico, atuantes das ações do BALE, por sua vez, relatam:

Nesse projeto em que tive o prazer de participar, aprendi como por exemplo a dar maior valor aos livros, a conhecer lugares sem precisar sair de casa, e até mesmo entender mais um pouco da nossa cultura, e da literatura. Além de perceber a verdadeira importância de que a leitura nos traz conhecimento e crescimento pessoal. Portanto nos mostra a leitura literária de uma forma divertida e interativa, chegando assim, a mais pessoas de uma forma mais fácil e criativa de incentivo à leitura (ALUNO 01, 12 anos de idade, entrevista concedida para a pesquisa).

O BALE é um programa que influencia e muito na leitura, que é o principal na vida estudantil e profissional, um dos principais projetos é um tipo de teatro que incentiva as crianças de todas as escolas do município a ler e aprender (ALUNO 02, 16 anos de idade, entrevista concedida para a pesquisa).

Ou seja, cidadãos, ainda no início da adolescência, apreendem a importância da literatura enquanto crescimento pessoal, enfocando muito os métodos utilizados pelo projeto para a promoção da leitura, do letramento literário. Isso porque compreendem que tal letramento literário tantas vezes está para além do que é ensinado em sala de aula, que segue um currículo expressamente engessado numa carga horária insuficiente, pondo o ensino de literatura para além do empreendedorismo formador e transformador que o objetiva.

É importante registrar aqui que o BALE realiza intervenções em espaços escolares chegando sempre num formato que se assemelha a uma caravana, companhia circense. Mascarados, fantasiados, maquiados, os baleanos apresentam o fantástico e o maravilhoso mundo da literatura por meio de paródias, teatro de fantoches e dedoches, esquetes teatrais, maletas de livros e espaço bibliotecário, dentre tantas outras atividades que visam, no geral, a mais profunda experiência de leitura plena para o leitor ali presente.

Tal costumeira omissão do letramento literário no ensino básico é reparado, em parte, pela atuação do Projeto BALE. Embora limitado a determinadas escolas de específica região de um estado do território federativo, torna-se modelar na empreitada de romper, na esfera das linguagens e seus letramentos, com a violência de uma estrutura e funcionamento do ensino básico brasileiro que muito necessita ser modificado. É necessário enfatizar, docentes e discentes não apoiam determinadas estruturas e funcionamentos desse ensino. Não há vilania entre eles, senão vítimas maiores desse sistema. A questão é ampla e culmina na gestão pública; reflexões que, por ora, não evocaremos, mas que desejamos suscitar averiguações.

Considerações finais: preço não é valor

Assim, diante todo o exposto, algumas considerações em busca de remates são possíveis. Não, por isso, imutáveis; haja vista que a força da mudança, seja o pêndulo do tempo mirando aos avanços ou regressões, é inelutável. É possível compreendermos que a sociedade (se necessitar especificidades, ao menos a brasileira desse início do século XXI), está, metaforicamente, adoecida. Cremos, e pudemos comprovar por amostragem de relatos de envolvidos com o Projeto BALE, que o letramento literário poderia contribuir efetivamente como medicamento salutar no combate desse adoecimento que é a ausência de valores considerados essenciais à construção da cidadania, da civilidade. Isso porque a literatura tem em si, a dignificação de formar e transformar o ser humano.

É-nos compreensível que para a literatura formar e transformar, é necessário o contato direto com o texto literário, de maneira a promover certa fruição estética, que seria o letramento literário em sua plenitude, diante às possibilidades de reflexões críticas e analíticas consistentes à cientificidade da teoria e crítica literária. Infelizmente, parece haver, na estrutura e funcionamento do ensino básico brasileiro, uma fissura entre o ensino de literatura e o contato direto com o texto literário, pondo esse ensino em perigo. Daí, projetos como o BALE serem

de fundamental importância na tentativa de dirimir a fissura existente. Justificando, assim, seu protagonismo tão exitoso.

É urgente e forçoso, por fim, uma reestrutura nesse ensino de literatura, bem como do ensino em geral, que busque a civilidade, a urbanidade, a cidadania, a criticidade, a reflexão, a empatia, a equidade, a resolução de conflitos. Que trabalhe pelo fim do vigarismo à brasileira, espécie de patrimônio cultural nosso; que valorize o humano na sua essência de coletividade, conjunto, gregaridade; que rompa com o pensamento capitalista e materialista que tudo quer quantificar; é necessário a (re)humanização do ser cultural, do ser social, do ser “ser humano”; afinal, preço não é valor.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRASIL. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Versão final, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963. Versão digital disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/PERO_VAZ_CAMINHA/CARTA/CARTA.PDF. Acesso em 02 de agosto de 2020.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo; n. 8, 1970.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CANDIDO, Antonio. “O direito à Literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ROCHA, João Cezar de Castro. Dialética da marginalidade - caracterização da cultura brasileira contemporânea. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 de fevereiro de 2004. Versão digital disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2902200404.htm>. Acesso em: 04 de agosto de 2020.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES

Abraão Henrique Nunes de Paiva

Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Linguagem, Educação e Interculturalidade pela mesma universidade.

Ananias Agostinho da Silva

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015). É professor adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, atuando no Departamento de Ciências Humanas, do Campus Multidisciplinar de Angicos. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação ampla entre a Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. É também professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Unidade de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Andreza Carla de Menezes Monteiro

Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte(UERN) - CAP/Patu. Aluna Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de iniciação à docência (PIBID) respectivo ao Edital N° 07/2018.

Antônia Moraes Leite Costa

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Americana – Asunción, no Paraguai. É professora da Educação Básica e possui experiência no Ensino Superior. Atualmente, ocupa a função de Dirigente Municipal de Educação do Município de Olho D'água do Borges/RN.

Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo

Doutora em Linguística Aplicada, pela UNISINOS, Professora Adjunto IV do Departamento de Letras, *Campus* Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente Orientadora do subprojeto Letras-Língua portuguesa, no Programa Residência Pedagógica.

Emanuela Carla Medeiros de Queiros

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora Adjunta I na Faculdade de Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Central.

Fabiana Gomes Filgueira

Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Fernanda Gomes Filgueira

Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Linguagem, Educação e Interculturalidade pela mesma universidade.

Francinete Alves Ferreira

Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e em Pedagogia pelo Instituto de Educação e Tecnologias (INET).

Francisco Vieira da Silva

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), *Campus* de Caraubas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), o Instituto Federal de

Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Iure Coutre Gurgel

Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É professor Assistente I da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), lotado no *Campus* Avançado de Patu (CAP). Coordena o subprojeto do PIBID PEDAGOGIA do CAP/UERN.

Janiele Suyane de Lima

Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Lívia Alves Monteiro Carlos

Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela mesma universidade.

Luan Alves Monteiro Carlos

Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela mesma universidade.

Maria Eveuma de Oliveira

Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora assistente nível N da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Maria Gorete Paulo Torres

Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre em Letras pela mesma universidade. Atualmente é Secretária Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do município de Frutuoso

Gomes-RN e Coordenadora do Programa BALE-FRUP (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas).

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Doutora em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pós-Doutoramento no Laboratoire d'Etudes Romanes, na Equipe de Linguistique des Langues Romanes na Université Paris 8, France. Professora adjunta IV do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e colaboradora do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Proponente/Idealizadora e Coordenadora Geral do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) de 2007 a 2018. Atualmente assume Assessoria Técnica na Escola de Governo Cardeal Dom Eugênio de Araújo.

Mikaelly Adrienne da Silva Targino

Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Pedagogia (CAPES/ 2018 a 2020).

Priscilla Daianny da Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Educação Infantil pela Faculdade de Sidrolândia (FACSIDRO).

Roniê Rodrigues da Silva

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL).

Sérgio Wellington Freire Chaves

Doutorando em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor assistente de Teoria Literária da Universidade Federal do Pará (UFPA), *Campus* Bragança.

Soraya Nunes dos Santos Pereira

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte(UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP).

Vanessa Gomes da Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).



Urge empreender projetos e programas de formação de leitores que, em confluência com a instituição escolar, possam garantir a literatura como um direito inalienável, tal como defendia o mestre Antonio Candido. Em momentos políticos e sociais tão hostis como vivenciamos hoje no território brasileiro e em todo o planeta, mais do que nunca, precisamos de arte e de literatura. Não se trata tão somente de se evadir do momento caótico enfrentado por meio do refúgio no território ficcional, mas, principalmente, de poder enxergar, nas vestes da verossimilhança, o outro que nos constitui, de refletir sobre nós mesmos, de exercer um trabalho sobre nós, com vistas a nos transformarmos e, com isso, colaborarmos para uma ação coletiva concreta e libertadora.